

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA REDE
MUNICIPAL DE ENSINO DE PANAMBI: UMA
ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES
PEDAGÓGICAS, DAS PRÁTICAS E DO
CURRÍCULO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Vera Conceição Malheiros de Oliveira

Panambi, RS, Brasil

2009

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA REDE MUNICIPAL DE
ENSINO DE PANAMBI: UMA ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES
PEDAGÓGICAS, DAS PRÁTICAS E DO CURRÍCULO**

Por

Vera Conceição Malheiros de Oliveira

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Ambiental da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Ambiental.**

Orientador: Prof. Dr. Toshio Nishijima

Panambi, RS, Brasil

2009

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Rurais
Curso de Especialização em Educação Ambiental**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE
PANAMBI: UMA ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS,
DAS PRÁTICAS E DO CURRÍCULO**

Elaborada por
VERA CONCEIÇÃO MALHEIROS DE OLIVEIRA

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
Especialista em Educação Ambiental

COMISSÃO EXAMINADORA:

Toshio Nishijima, Dr. (UFSM)
Presidente/Orientador

Damaris Kirsch Pinheiro, Dra. (UFSM)

Dionísio Link, Dr. (UFSM)

Panambi, 13 de novembro de 2009.

© 2009

Todos os direitos autorais reservados a Vera Conceição Malheiros de Oliveira. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita com autorização por escrito do autor. Fone (0xx)55 8404-1378; End. Eletr: verinhamalheiros@bol.com.br

“ Se hoje for um dia comum no planeta Terra, os seres humanos irão adicionar quinze milhões de toneladas de carbono na atmosfera, destruirão cento e quinze mil metros quadrados de floresta tropical, criarão setenta e dois mil metros quadrados de deserto, eliminarão entre quarenta a cinquenta espécies, causarão a erosão de setenta e um milhões de toneladas de solo, adicionarão duzentos e setenta toneladas de CFC's a estratosfera, e aumentarão sua população em duzentos e sessenta e três mil pessoas. Ontem, hoje e amanhã. Ao final de cada ano o número total será simplesmente estonteante: uma área de floresta tropical do tamanho do estado do Kansas perdida; de sete a dez bilhões de toneladas de carbono adicionadas a atmosfera; a população total terá aumentado em noventa milhões de pessoas.”(ORR *apud* Grun, 1996, p. 85)

Dedico ao meu avô Atalício Nunes dos Santos (in memoriam) o qual sempre teve muito orgulho da neta professora e que não pode estar comigo em mais esta conquista de minha vida. Um pequeno grande homem, agricultor, muito humilde. Poderia ter abandonado a terra e se envolvido com a rotina urbana, mas sempre quis manter contato com sua lavoura, os animais, a natureza. Um grande exemplo de sustentabilidade, procurando consumir o mínimo possível, produzindo grande parte do que seria necessário para sua sobrevivência. Em seus momentos de delírios, quando a morte já vinha chegando, ainda falava em arar, tirar leite, plantar... E se preocupava com a chuva que não vinha ...

AGRADECIMENTOS

Sou uma pessoa que sempre batalhou muito para conquistar objetivos, mas nunca estive sozinha. Com mais esta conquista não foi diferente. Muitos estiveram presentes, das mais diversas formas e a estes vai o meu sincero agradecimento. Em primeiro lugar agradeço a Deus, aquele que sempre está ao nosso lado em tudo que fazemos, consolando, dando força, coragem e ânimo quando pensamos em desistir diante dos obstáculos. Em segundo lugar, agradeço a meus familiares: esposo, pais, irmãos, cunhados, tios, pelo estímulo e ajuda em todos os momentos. E aos sobrinhos João Lucas e Marina pelos carinhos, beijinhos e sorrisos quando as leituras e análises se tornavam pesadas. Os amigos e colegas de trabalho também tiveram grande importância, desta forma agradeço à colega e amiga Eliane de Mello pela ajuda durante a elaboração do Projeto e por todo o material emprestado, à colega Tânia Regina Dal Forno Gabbi por ter lido o primeiro projeto elaborado para a seleção e sugerido algumas ideias, ao colega Valdecir Schenkel pela ajuda durante algumas atividades das disciplinas feitas, à colega Maria Rosânia dos Santos Oliveira que mesmo com sua saúde debilitada colaborou muito, colocando a minha disposição fotos e projetos que havia trabalhado na escola onde atua, às colegas Fátima Regina da Silva e Célia Maria Lange, pelos livros emprestados, e à Equipe Diretiva da Escola onde trabalho, pela disponibilidade da internet quando havia problemas com a conexão em casa e pelas cópias de textos, além da flexibilidade na troca de horários para realização das entrevistas. Agradeço à amiga Márcia Bins Sackser, pelos livros retirados junto a UNIJUI para que pudesse estar aprofundando minhas leituras e reflexões e pela ajuda durante a formatação do trabalho, a Professora Elis Bayer por ter realizado a revisão da escrita e à colega e amiga Roselaine Colvero por ter feito o ABSTRACT. Também agradeço aos responsáveis pelo setor pedagógico da SMEC, pela atenção e carinho em fornecer o material solicitado e participar durante as entrevistas realizadas para a pesquisa. Da mesma forma agradeço a todos(as) os educadores(as) entrevistados, pelo envolvimento e importantes contribui-

ções. Aos professores do Curso, especialmente ao professor Toshio por toda a paciência, compreensão, ajuda incondicional. Sozinhos não somos nada, precisamos dos outros para superar nossos obstáculos e que bom que tive com quem contar, pessoas especiais que sempre estarão em minha lembrança.

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Especialização em Educação Ambiental
Universidade Federal de Santa Maria

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE PANAMBI: UMA ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS, DAS PRÁTICAS E DO CURRÍCULO

Autora: Vera Conceição Malheiros de Oliveira
Orientador: Prof. Dr. Toshio Nishijima
Local e data da defesa: Panambi, novembro de 2009.

O presente trabalho tem por objetivo geral verificar a inserção da Educação Ambiental na Rede Municipal de Ensino de Panambi entre o período de 2005 a 2009 e quais os efeitos no cotidiano dos envolvidos neste processo. Através deste objetivo geral buscamos alcançar os seguintes objetivos específicos: identificar as concepções de educação, o currículo e as práticas pedagógicas para as diferentes áreas do conhecimento que nortearam as orientações da Secretaria Municipal de Ensino de Panambi no período de 2005 a 2009, considerando as turmas do 6º ao 9º Ano do Ensino Fundamental; investigar como a Educação Ambiental se faz presente neste contexto; verificar os efeitos do trabalho a partir da Educação Ambiental no cotidiano dos envolvidos neste processo, bem como os desafios a serem superados. Os envolvidos na pesquisa são os responsáveis pelo Setor Pedagógico da SMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura) de Panambi, além de um educador de cada área do conhecimento trabalhada pela rede. Procuramos analisar os Planos de Estudos para as diferentes áreas do conhecimento, em seguida, traçamos uma relação entre as concepções, o currículo e as práticas investigadas com o tema da Educação Ambiental, estabelecendo um paralelo entre o que havia sido constatado a partir dos Planos de Estudos e as entrevistas realizadas com os educadores das diferentes áreas. Após toda esta análise, levantamos uma série de discussões a respeito da Educação Ambiental como um todo, do processo em que a mesma se encontra na Rede Municipal de Ensino de Panambi, procurando relacionar com o que diversos autores já disseram sobre esta temática, contribuindo para os avanços, conquistas e desafios da Educação Ambiental dentro de nossas escolas. Os resultados obtidos permitiram concluir que a Rede Municipal de Ensino de Panambi vem buscando trabalhar com esta temática, considerando-a de fundamental importância, por estar relacionada à nossa própria existência. Há desafios a serem superados, como a questão da interdisciplinaridade e das ações que resultem na mudança de comportamento e atitudes dos educandos com relação ao meio ambiente.

Palavras-chave: escola, Educação Ambiental, currículo, práticas pedagógicas.

ABSTRACT

Monography of Specialization
Specialization Course in Environmental Education
Universidade Federal de Santa Maria - RS

THE ENVIRONMENTAL EDUCATION OF THE MUNICIPAL LEARNING WEB IN PANAMBI: AN ANALYSIS OF THE PEDAGOGICAL CON- CEPTIONS, PRACTICES AND SYLLABUS

Author: Vera Conceição Malheiros de Oliveira

Advisor: Prof. Dr. Toshio Nishijima

City and date of presentation: Panambi, November 13th 2009.

This work has as general goal to check the inclusion of the Environmental Education in the Municipal School Network of Panambi from 2005 to 2009 and the everyday effects of the people involved in the process. Through this general goal we seek to attain the following specific goals: to identify the educational concepts, the syllabus and the pedagogical practices for the different areas of knowledge that guided the Secretaria Municipal de Ensino of Panambi from 2005 to 2009, considering the 6th to 9th grades of Elementary Schools; to investigate how the Environmental Education is present in this context; to check the effects of this work on the Environmental Education of the people involved in the routine of this process, as well as the challenges to be overcome. The subjects that conducted this research were members of the Pedagogical Department of SMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura) of Panambi, and a teacher from each area of knowledge taught by the net of public schools. First we tried to analyze the Study Plans for the different areas of knowledge, and after that we established a relation between the concepts, the syllabus and the practices investigated with the Environmental Education theme, establishing a parallel between what had been found by the Study Plans and the interviews done with the teachers from different the areas. After this analysis, a series of debates arise about Environmental Education as a whole, its current situation in the Municipal School network of Panambi, trying to relate it with what several authors already have said about this theme, contributing to the Environmental Education advances, accomplishments and challenges in our schools. The results obtained led to the conclusion that the Municipal School Network of Panambi is working with this thematic, considering it of fundamental importance, since it is related to our own existence. There are challenges to be overcome, as the topic of interrelation of subjects and the actions that result in the change of behavior and attitude of the students to environment relationship.

Key words: School, Environmental Education, Syllabus, Pedagogical Practices.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A Entrevista realizada com responsáveis pelo setor pedagógico da SMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura)	117
ANEXO B Entrevista realizada com Educadores da Rede Municipal de Ensino (um educador de cada área do conhecimento, de diferentes escolas).....	118
ANEXO C Autorização.....	119
ANEXO D Fotos.....	120
ANEXO E Alguns Projetos desenvolvidos pelas escolas onde atuam os educadores entrevistados.	122

LISTA DE ABREVIATURAS

COMDICAP – Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Paranambi

CONAMA – Conselho Nacional de Meio Ambiente

EA - Educação Ambiental

Imazon - Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia

ONG – Organização Não Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PNUMA - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente

SMEC – Secretaria Municipal de Educação e Cultura

SPVS - Sociedade de Pesquisa de Vida Selvagem

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UFMS – Universidade Federal de Santa Maria

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

WWF - Fundo Mundial da Natureza

CRIAR- Criança e Adolescente Responsável pelo Meio Ambiente Sustentável

SMAIC- Secretaria Municipal da Agricultura, Indústria e Comércio

CORSAN- Companhia Riograndense de Saneamento

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	Contextualização.....	16
1.2	Problema.....	17
1.3	Objetivos.....	18
1.3.1	Objetivo geral.....	18
1.3.2	Objetivos específicos.....	18
1.4	Justificativa.....	19
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	21
2.1	Realidade ambiental e a relação homem/natureza.....	21
2.2	Movimentos ambientalistas.....	24
2.3	O currículo e as práticas pedagógicas como possibilidade de mudança....	27
2.4	A importância da Educação Ambiental.....	32
2.5	Dificuldades na implantação da Educação Ambiental.....	35
2.6	Concepções de currículo e a Educação Ambiental.....	37
2.7	Práticas pedagógicas e a Educação Ambiental.....	40
3	METODOLOGIA.....	42
3.1	Espaço da pesquisa e população.....	42
3.2	Coleta de informações.....	43
3.3	Análise dos dados.....	44
3.4	Aspectos éticos.....	45
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	46
4.1	Análise acerca das concepções, do currículo e das práticas trabalhadas nas diferentes áreas do conhecimento.....	46
4.1.1	Geografia.....	46
4.1.2	Ciências.....	49
4.1.3	Matemática.....	51
4.1.4	Ensino Religioso.....	52
4.1.5	História.....	57
4.1.6	Arte.....	60
4.1.7	Língua Estrangeira Moderna – Inglês.....	63
4.1.8	Educação Física.....	66
4.1.9	Língua Portuguesa.....	70
4.1.10	Filosofia.....	72

4.2	Relacionando as concepções, o currículo e as práticas presentes nos Planos de Estudos para as diferentes áreas do conhecimento com a Educação Ambiental.....	74
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	110
	ANEXOS	116

1 INTRODUÇÃO

Atualmente vivemos um processo de globalização sem limites, no qual os problemas ambientais são de extrema relevância. Segundo Boaventura de Souza Santos:

De todos os problemas enfrentados pelo sistema mundial a degradação ambiental é talvez o mais intrinsecamente transnacional e, portanto aquele que, consoante o modo como for enfrentado, tanto pode redundar num conflito global entre o norte e o sul, como pode ser a plataforma para um exercício de solidariedade transnacional e intergeracional.(SANTOS, 1995, p. 256)

O modelo de desenvolvimento atual precisa ser substituído por um modelo sustentável. A degradação ambiental, em âmbito mundial, tem introduzido nos debates a necessidade de uma mudança de mentalidade, de busca de novos valores, de uma nova ética que deveria ser permeada pelo respeito, pelo cuidado e pela promoção e valorização da vida.

Neste cenário, a Educação mais uma vez recebe papel de destaque, pois é um dos principais espaços de socialização e troca de saberes. Lugar onde circulam ideias e conseqüentemente produção cultural, o que a torna uma forte aliada para efetivar a consciência ecológica. Segundo Oliveira (2000, p. 120):

A educação deve reafirmar valores e condutas que respeitem e revelem os diferentes saberes, enquanto consideração à dignidade humana e fonte alternativa de convivência equilibrada.

Desta forma, as escolas podem representar espaços que propiciem a reflexão e ação frente aos problemas ambientais que estamos enfrentando, despertando o comprometimento pessoal e a mudança de comportamento frente ao ambiente. Especialmente se esse processo de sensibilização construir iniciativas que ultrapassem o ambiente escolar, atingindo tanto o bairro no qual a escola está inserida como as comunidades nas quais residam alunos, professores e funcionários. Freire (1996) enfatiza que a educação não muda o mundo, mas ela muda as pessoas e as pessoas mudam o mundo. Em outras palavras, a escola tem um grande poder, pois enquanto prática dialógica desenvolve a consciência crítica, tornando-se agente de mudança.

Neste contexto, cabe destacarmos a importância da Educação Ambiental como um novo processo educacional capaz de executar a tarefa de realmente provo-

car mudanças. Representa um novo paradigma que prega um novo estilo de vida, de relações, de valores, um novo modelo de sociedade, capaz de gerar alternativas para a superação do quadro de destruição ambiental presente em nossa sociedade, favorecendo o desenvolvimento do respeito mútuo entre todos os diferentes membros de nossa espécie.

Segundo Barcelos (2003, p. 81):

Há que se descobrir formas e metodologias de trabalho de pesquisa e de educação ambiental nas quais a reflexão sobre as questões ecológicas estejam intrinsecamente relacionadas com os conteúdos curriculares das diferentes disciplinas, áreas e/ou níveis do processo escolar.

Nesse sentido, cabe ressaltarmos que as escolas da Rede Municipal de Ensino de Panambi vêm procurando expandir seus conhecimentos e ações com relação à temática ambiental. Tanto é que quando vislumbramos a possibilidade de haver curso de pós-graduação neste município (UAB/UFMS), na área de Educação Ambiental, houve um grande empenho por parte da Secretaria e dos professores em tornar esta ideia uma realidade. A própria Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC) solicitou uma Graduação ou Pós-Graduação nesta área, devido ao resultado de uma pesquisa de interesses realizada entre educadores.

A importância do presente trabalho, então, consiste em investigar as concepções pedagógicas, o currículo e as práticas construídas pelas diferentes áreas do conhecimento desta rede de ensino, procurando estabelecer uma relação com a Educação Ambiental. Nesta visão de Educação Ambiental como impulsionadora da transformação da realidade ambiental presente, pretendemos investigar como vem sendo trabalhada nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Panambi, procurando contribuir para as discussões em torno desta temática, que é fundamental para nossa existência.

1.1 Contextualização

Os problemas ambientais decorrentes das atividades humanas vêm se agravando ao longo dos últimos dois séculos, com consequências diretas sobre a dinâmica natural do Planeta. Este agravamento das questões ambientais chegou a um nível tão alto que é necessário despertar a consciência ecológica, motivando a sociedade a preocupar-se cada vez mais com a preservação da natureza.

Todavia, Leff (2001) comenta sobre a impossibilidade de resolver os problemas ambientais presentes sem que aconteça uma mudança radical nos sistemas de conhecimentos, dos valores e dos comportamentos gerados pelo sistema econômico vigente.

A escola, então, encontra-se como grande aliada neste processo de mudança, já que pode ser capaz de desencadear a discussão e a ação frente aos problemas enfrentados.

A Educação Ambiental assume uma função transformadora, quando a reflexão desperta a corresponsabilização, primordial para que construamos um novo tipo de desenvolvimento mais sustentável. Esta educação assinala para propostas pedagógicas centradas em conscientização, mudança de posturas, valores e conhecimentos, condições estas indispensáveis para que se construam relações mais harmônicas entre as pessoas e o meio ambiente.

1.2 Problema

Entretanto, para que a Educação Ambiental possa realmente se efetivar, muitas são as barreiras e os obstáculos. A presente pesquisa procura investigar como a Educação Ambiental se faz presente nas diferentes áreas do conhecimento, que metodologias foram propostas, que currículo e quem esteve envolvido na construção, desde a elaboração até a sua prática em sala de aula, bem como os obstáculos encontrados para sua efetivação.

Como a Educação Ambiental se faz presente na Rede Municipal de Ensino de Panambi? Quais concepções? Quais práticas? Que currículo?

Já sabemos que as escolas, a partir da Educação Ambiental, podem contribuir para reverter o quadro de degradação ambiental presente em nossa sociedade, trabalhando conhecimentos que auxiliem os educandos a perceberem que suas ações têm levado à destruição inconsequente dos recursos naturais e de várias espécies vegetais e animais.

As escolas podem trabalhar valores que encaminhem a humanidade para uma convivência mais harmoniosa entre todas as espécies do Planeta, salientando que a manutenção da biodiversidade é fundamental para a sobrevivência da vida na Terra. O que na escola dizemos ou fazemos torna-se um exemplo daquilo que é cer-

to e bom. Conhecimentos e atitudes divulgados na escola são levados para as casas, a vida e o mundo das crianças e adolescentes.

Os estabelecimentos de ensino elaboram lindos projetos, que muitas vezes acabam ficando apenas no papel ou não têm continuidade. Há um distanciamento entre a teoria e a prática. Falta formação específica para que os educadores possam melhor trabalhar a partir deste tema tão complexo e importante. Não podemos deixar de considerar que a Educação Ambiental ainda está em processo de construção e deve ser pensada por todos os integrantes da escola, permeando todas as disciplinas. Portanto, existem dificuldades nas atividades de sensibilização e na implantação de projetos.

Além das dificuldades citadas anteriormente, existem muitas outras barreiras. Quais são elas? Como superar esta fase e realmente implantar a Educação Ambiental que consiga provocar mudanças, que relacione todas as áreas do saber e não trabalhe apenas conteúdos como o lixo e a água? Não que os mesmos não tenham fundamental importância, mas a Educação Ambiental deve ir muito além, para realmente cumprir a sua função na construção de uma nova mentalidade que poderá mudar as formas de conduta frente ao meio que nos cerca. Que metodologias estão sendo propostas pela Secretaria Municipal de Ensino de Panambi? Que currículo? Que concepções? Quem está sendo envolvido neste processo? Está sendo um processo realmente participativo? Os temas relacionados ao ambiente estão visíveis em todas as disciplinas? São temas próximos da realidade vivida pelos educandos?

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

O objetivo geral do presente estudo é verificar a inserção da Educação Ambiental na Rede Municipal de Ensino de Panambi entre o período de 2005 a 2009 e quais os seus efeitos no cotidiano dos envolvidos neste processo.

1.3.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos do presente estudo são:

- Identificar as concepções de educação, o currículo e as práticas pedagógicas para as diferentes áreas do conhecimento que nortearam as orientações da Secretaria Municipal de Ensino de Panambi no período de 2005 a 2009, considerando as turmas do 6° ao 9° Ano do Ensino Fundamental;
- Investigar como a Educação Ambiental se faz presente neste contexto;
- Verificar os efeitos do trabalho a partir da Educação Ambiental no cotidiano dos envolvidos neste processo, bem como os desafios a serem superados.

1.4 Justificativa

Precisamos construir a mudança de mentalidade necessária para que atitudes como, por exemplo, reduzir o consumo, reutilizar e reciclar resíduos se estabeleçam e transcendam para além do ambiente escolar. É justamente o que justifica a escolha do tema Educação Ambiental nas escolas como principal sustentáculo deste trabalho de pesquisa; ou seja, porque a escola é capaz de propiciar uma contínua reflexão e apropriação de valores que remetem a um ambiente equilibrado, em harmonia com o meio, com os outros seres vivos e com nossos semelhantes, um ambiente onde todos poderão viver com qualidade, usufruindo dos recursos ambientais sem comprometer as gerações futuras. A escola é capaz de “impactar”, desencadeando a redução real da degradação ambiental, despertando o comprometimento e desenvolvendo uma consciência ética sobre todas as formas de vida com as quais compartilhamos neste Planeta.

Entretanto, para que a Educação Ambiental realmente se efetive, a escola precisa usar todo o seu potencial a favor desta causa. Mudança de atitudes envolve conscientização, sensibilização e proposição de soluções alternativas. As mesmas não podem ficar apenas nas salas de aula, nas escolas, nas famílias; devem estender-se a todos os espaços de socialização. Não podem ficar apenas no papel, necessitam expandir-se, ser colocadas em prática, não ficar isoladas. É necessário envolvermos todos e envolver-nos em suas vidas.

A escola, como questionadora e mediadora, pode colaborar para que o homem perceba que já vem se encontrando marcado pelos resultados de sua própria ação. Dessa forma, se não tomar uma atitude em defesa da Terra, sofrerá muitas

consequências. A indevida apropriação dos recursos naturais traz ganhos apenas no curto prazo, tornando-se um sério problema com o passar do tempo.

As escolas, através da Educação Ambiental, poderão trazer aos alunos todos os conhecimentos necessários para a interpretação dos fenômenos que moldam o ambiente, provocando o debate que desencadeará ações. De acordo com Dill (2000, p. 57):

A problemática ambiental revela-se um dos impasses a serem enfrentados pela humanidade. Neste sentido, soa um alerta onde as práticas de exploração do homem sobre o meio ambiente devem ser reavaliadas e substituídas por formas sustentáveis de utilização dos recursos naturais, a fim de garantir a existência das presentes e futuras gerações e da biosfera como um todo. A educação ambiental cumpre um papel importante na formação da consciência ecológica.

Contudo, é necessário discutirmos um processo educativo que dê conta de todas estas abordagens, voltado para a compreensão do todo, para a participação, a cooperação e a mudança. Um processo para valorizar a educação como espírito de concórdia entre o homem e a natureza, para o bem das futuras gerações.

Esta não será uma tarefa fácil, porém, a presente pesquisa tem muito a esclarecer e colaborar dentro destas discussões. Sua importância reflete-se na urgência de novos valores e atitudes, somente possíveis a partir do diálogo, da informação, da sensibilização e da ação. Quem melhor do que a escola para proporcionar estas mudanças e colaborar para um mundo mais equilibrado e feliz? Cabe salientarmos, neste sentido, que as escolas da Rede Municipal de Ensino de Panambi vêm realizando um destacado trabalho a partir da temática ambiental que muito poderá contribuir com a questão.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Realidade ambiental e a relação homem/natureza

A partir da segunda metade do século XX, a problemática ambiental começa a configurar-se como um dos mais sérios problemas a serem enfrentados pela humanidade. Vivemos um cenário marcado pela degradação ambiental em níveis jamais vistos. A perversa lógica do aumento da produção desencadeia a utilização dos recursos naturais de forma ilimitada. A natureza passa a ser vista como um mercado, onde seus recursos estão disponíveis de forma infinita. Por trás desta lógica, encontra-se um modelo de desenvolvimento selvagem, fundamentado no lucro a qualquer custo. Desta forma os interesses estão voltados para uma produção cada vez maior e mais rápida, o que vem ocasionando uma exploração crescente dos recursos naturais.

Cabe ressaltarmos que as consequências da degradação já começam a afetar a própria dinâmica natural do Planeta. A degradação ambiental chegou a um nível tão alarmante que já ameaça o funcionamento da biosfera que sustenta toda a vida na Terra. Como resultado do processo de retirada dos recursos naturais de forma ilimitada, nosso espaço/tempo é marcado por problemas socioambientais globais: desertificação, desmatamento, perda da biodiversidade, desabamentos, inundações, etc. A esses, somam-se outros mais recentes como o aquecimento global e a destruição da camada de ozônio. Vivemos uma crise ambiental que ameaça a existência das presentes e futuras gerações, além do Planeta em sua totalidade.

À medida que os problemas ambientais foram se intensificando, seus efeitos passaram a ter consequências não apenas locais ou regionais, mas também em escala global. Os gases lançados na atmosfera por automóveis e indústrias, por exemplo, ao mesmo tempo em que agravam a poluição nas cidades, também contribuem para a ocorrência do efeito estufa, fenômeno que pode interferir diretamente na vida do Planeta e na qualidade de vida de seus habitantes.

De acordo com Dias (2004, p. 11):

(...) ao se aumentar o consumo, aumenta-se a pressão sobre os recursos naturais, ou seja, necessita-se mais água, mais matérias-primas, mais eletricidade, mais combustíveis, mais solos férteis, etc. Com isso, cresce a degradação ambiental em todas as suas formas. Perde-se então a qualidade de vida.

Devido ao fato de estarmos ligados, em uma rede de relações, em que ocorre a interdependência entre todos os membros da espécie, o que vem acontecendo com o ambiente no sentido de destruição e depredação já começa a afetar o homem em suas relações locais e a comprometer o ecossistema como um todo.

Estas afirmações ficam mais evidentes nas ideias de Capra (1997), que salienta que todos os seres vivos estão arranjados a maneira de redes e sempre que olhamos para a vida, olhamos para redes. Ele ainda afirma, a partir de descobertas de biólogos, que as características de todos os organismos vivos – das bactérias aos seres humanos – estavam codificadas em seus cromossomos na mesma substância química, existindo, então, uma linguagem universal da vida.

O mesmo autor, também relaciona a vida a uma teia, a teia da vida, o que nos permite entender que o homem é apenas um fio, e tudo que o mesmo fizer à teia, faz também a si mesmo. Tudo que pode ferir a Terra fere também tudo e todos que nela vivem. A natureza e as pessoas, na verdade, formam um só ser, pois ambos necessitam um do outro para continuarem existindo. Quanto mais analisamos o ambiente e as pessoas, mais chegamos à conclusão de que ambos não podem ser entendidos isoladamente, pois fazem parte de um contexto, este globalmente interligado.

Assim, toda a humanidade acaba atingida pela crise ambiental, já que os problemas que afetam o meio ambiente em um determinado lugar acabam repercutindo globalmente. Dessa forma, todos vivemos na denominada sociedade mundial de risco.

Diante de tais fatos, é lamentável termos que admitir que o principal responsável por todo este cenário é o próprio homem. Aquele que mais necessita dos recursos da natureza para manter a sua sobrevivência está sendo o causador do caos ambiental em que nos encontramos atualmente.

A relação que o homem estabelece com a natureza não foi sempre a mesma no decorrer da história. Houve épocas em que a natureza era vista como algo sagrado e, portanto, deveria ser preservada e respeitada. Nas sociedades primitivas, por exemplo, a natureza não era entendida como um mero objeto a nosso bel prazer, mas como sujeito principal na relação homem/natureza.

Porém, aquele homem que vivia em harmonia com o meio, retirando dele apenas o suficiente para sua subsistência começa a explorá-lo de forma infinita. A

partir do momento em que o homem começa a avançar em seus conhecimentos e técnicas, começa a construir um cenário marcado pela depredação sem limites, importando apenas o seu bem estar e o progresso.

A destruição das florestas, contaminação das águas, poluição do ar e desertificação dos solos são alguns dos exemplos da intensa degradação ambiental a que assistimos atualmente em todo o Planeta.

Assim, percebemos que mesmo havendo toda uma relação entre vida humana e biosfera, o homem vem agindo de forma inconsequente, defrontando-se com uma série de problemas globais que vêm danificando a Terra a cada dia, muitos começando a se tornar irreversíveis. Mas o que faz o homem agir assim, colocar-se como o centro de tudo, usufruindo dos recursos da natureza como bem lhe convém, se na verdade, agindo desta forma está caminhando para sua própria destruição?

Este homem é resultante de um paradigma que percebe o universo como um sistema mecânico e as pessoas como máquinas. A vida em sociedade torna-se uma luta competitiva pela sobrevivência.

Cada ação feita ou omitida, porém, causa impactos positivos ou negativos para a nossa vida, para toda a humanidade e para as gerações futuras. É uma grande responsabilidade, que muitos não estão sabendo assumir. Sendo a vida o que há de mais importante para todas as pessoas, por que ela vem sendo tão abalada? Tudo que prejudica o ambiente a nossa volta, prejudica também a própria vida, a nossa existência.

Estamos vivenciando uma criação agonizante e percebemos que o uso da razão e sua ideia de progresso ilimitado vem nos conduzindo para um caminho que não é o da sabedoria, mas da autodestruição. Será que tanto progresso vale a pena? Todos os impactos que o homem provoca ao ambiente em troca de mais tecnologia e lucro valerão à pena se não tivermos mais a possibilidade de ficarmos aqui para desfrutarmos de tudo isso? Nem as gerações futuras conseguirão aproveitar, pois o calor será tanto, haverá falta de alimentos e falta de água. Tantas coisas supérfluas à custa da destruição do que era básico? O que os homens estão fazendo com sua mãe Terra? O que esperam da vida? Tudo que juntaram durante tantos anos de crescimento econômico e de grandes invenções não será suficiente para salvar o Planeta do caos em que se encontra. O período das "trevas e da escuridão" da Idade Média, sabia respeitar muito melhor a natureza a sua volta, vendo a Terra como um ser vivo e espiritual. Mas naquela época o homem não usava toda a razão

da qual foi dotado... Será? O novo homem, agora “iluminado”, confiando cegamente na ciência moderna, acha que vai conseguir descobrir a solução para todos os problemas da humanidade. Mal sabia ele, que estas “descobertas” custariam tão caro.

Todos os seres vivos são dignos de respeito e cuidado. O que destruimos irresponsavelmente necessita ser regenerado urgentemente. Boff (2008) desafia as pessoas a se perguntarem o que fazem para preservar a matéria comum e garantir que ela tenha futuro, já que há 4,3 bilhões de anos vem sendo destruída e merece continuar a viver... Ele ainda destaca que pelo fato de sermos terra, não haverá para nós céu sem terra. Isto nos remete novamente ao fato de que homem, natureza e universo relacionam-se entre si, formando uma teia. Entretanto, os recursos naturais estão sendo depredados e esgotados e o principal responsável por sua degradação é o ser humano, parte integrante da grande teia, aquele que necessita destes recursos para continuar vivendo; aquele que, porém, não toma atitudes concretas em defesa dos mesmos, o que significa tomar partido em defesa da vida. O impacto humano sobre o ambiente tem apresentado consequências cada vez mais complexas e em nível global.

Para Maturana (1997), há uma cegueira, gerada pelo apego e pelo direito de posse que transforma tudo, as coisas, as ideias, os sentimentos, em bens adquiríveis. Até quando vamos continuar cegos, valendo-nos da lei do mercado, controlados pelo capital. Somos seduzidos pelas “facilidades” daí resultantes, mas temos liberdade para escolhermos o caminho a seguir, a continuidade de nossas vidas e das gerações futuras depende desta escolha.

2.2 Movimentos ambientalistas

O agravamento das questões ambientais chega a um nível tão alto que desperta a consciência ecológica, levando alguns segmentos da sociedade a se preocuparem com a preservação da natureza. Isso somente acontece quando parte da humanidade toma consciência de que os problemas ambientais são tão graves a ponto de colocar em risco até mesmo a vida no Planeta. Alguns grupos discutem a respeito da crise ambiental e surgem movimentos ambientalistas que lutam pela conscientização sobre os problemas causados pelo homem ao meio ambiente, bem como procurando soluções para os referidos problemas.

A função dos movimentos ambientalistas seria colaborar para a construção de um mundo mais equilibrado, propondo neste sentido um outro modo de vida, o que exige uma outra definição de desenvolvimento e formas alternativas de relacionamento dos homens com a natureza.

Desta forma, com o objetivo de discutir sobre os problemas ambientais presentes, entendidos como um dos maiores desafios do século XXI, o movimento ambientalista toma impulso, promovendo uma série de eventos. Assim tem início um amplo processo, em âmbito global, com o intuito de formar uma nova consciência sobre a natureza, procurando transformar as relações que até então vêm sendo estabelecidas com a mesma, em busca de um desenvolvimento que seja sustentável.

Importante contribuição para este processo de conscientização a respeito dos problemas ambientais proporcionou Rachel Carson, com seu livro “Primavera Silenciosa”, em que denunciava uma série de graves problemas ambientais que vinham acontecendo. (CARSON *apud* DIAS, 1999, pg. 13)

Nesse contexto, de acordo com Pires (2006), a partir de 1960 começam a surgir os primeiros movimentos em defesa da natureza, especialmente nos países ricos e industrializados como Estados Unidos, Canadá, Alemanha e França. Nos países menos desenvolvidos como o Brasil, esses movimentos chegam um pouco mais tarde, a partir das décadas de 1970 e 1980.

A mesma autora também enfatiza que esses movimentos passam a desempenhar papel importante na defesa da preservação do Planeta, denunciando a ocorrência de acidentes ambientais e crimes praticados contra a natureza.

Salientamos que os movimentos ambientalistas atuam geralmente por meio de organizações não governamentais (ONGs) que são entidades sem fins lucrativos. As mais conhecidas por realizarem ações em praticamente todo o mundo são o Greenpeace e o WWF (Fundo Mundial para a Natureza). No Brasil, temos a Fundação SOS Mata Atlântica, O Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon) e a Sociedade de Pesquisa de Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS).

Além do papel de preservação da natureza, as ONGs também desempenham a função de disseminarem a consciência ecológica, o que acaba forçando o governo a criar leis que garantam a proteção da natureza, inibindo crimes praticados contra o meio ambiente.

De acordo com Pires (2006), neste contexto, as discussões a respeito dos problemas ambientais passam a fazer parte da política mundial, despertando a preocupação de governos e entidades internacionais. Um exemplo concreto destas discussões realizou-se em 1972, durante a Primeira Conferência das Nações Unidas para o meio Ambiente, organizada pela ONU (Organização das Nações Unidas) na cidade de Estocolmo, na Suécia. Vinte anos mais tarde a ONU organizou a Segunda Conferência Mundial, realizada na cidade do Rio de Janeiro, que ficou conhecida como Rio-92 ou Eco-92 contando com a participação de 175 países.

Desta Conferência surgiu um conjunto de propostas de ações que deveriam ser colocadas em prática para amenizar globalmente os impactos ambientais. Entre as propostas estava a redução da emissão de dióxido de carbono, a exploração mais equilibrada das florestas, a preservação de espécies vegetais e animais e o combate a poluição.

Muitas dessas ações passaram a fazer parte da chamada Agenda 21, um programa que deveria levar à implantação do desenvolvimento sustentável.

É importante destacarmos trechos da Carta da Terra, um documento iniciado na Eco 92, no Rio de Janeiro, e que teve seu texto final aprovado pela Unesco em 2000:

PRINCÍPIOS:

I. RESPEITAR E CUIDAR DA COMUNIDADE DA VIDA

1. Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade.

a. Reconhecer que todos os seres são interligados e cada forma de vida tem valor, independentemente de sua utilidade para os seres humanos

...

2. Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor.

...

4. Garantir as dádivas e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações.

a. Reconhecer que a liberdade de ação de cada geração é condicionada pelas necessidades das gerações futuras.

...

e. Manejar o uso de recursos renováveis como água, solo, produtos florestais e vida marinha de forma que não excedam as taxas de regeneração e que protejam a sanidade dos ecossistemas.

...

6. Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método de proteção ambiental e, quando o conhecimento for limitado, assumir uma postura de precaução.

...

7. Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário.

a. Reduzir, reutilizar e reciclar materiais usados nos sistemas de produção e consumo e garantir que os resíduos possam ser assimilados pelos sistemas ecológicos.

...

f. Adotar estilos de vida que acentuem a qualidade de vida e subsistência material num mundo finito.

...

15. Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.

a. Impedir crueldades aos animais mantidos em sociedades humanas e protegê-los de sofrimentos.

...

e. Assegurar que o uso do espaço orbital e cósmico mantenha a proteção ambiental e a paz.

f. Reconhecer que a paz é a plenitude criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com a totalidade maior da qual somos parte.

Com base no que ficou estabelecido na Carta da Terra, percebemos que seria tão fácil viver em um planeta ecologicamente equilibrado, justo e feliz se cada pessoa fizesse a sua parte e soubesse respeitar a natureza e o outro. Se cada ser humano se desse conta de que todos têm o direito de viver em um planeta saudável e têm a obrigação de preservar, tudo seria tão diferente. Reconhecer que muitas de nossas ações podem passar a comprometer a vida de todos é um ponto fundamental para que comecemos a mudar as nossas atitudes frente ao ambiente.

Cabe ressaltarmos também, que junto com o movimento ambientalista as pessoas passam a despertar para a importância da educação na construção e efetivação da mudança. Novos hábitos e comportamentos dos indivíduos diante da sociedade são urgentes e poderiam ser atingidos através da educação.

Neste contexto, a Educação Ambiental apresenta-se como um importante instrumento na busca de um novo modelo de desenvolvimento, de um novo paradigma, um outro estilo de vida, de relações, em que todos poderão usufruir do direito de viver em um planeta saudável, tanto a geração atual, como as que ainda virão.

2.3 O currículo e as práticas pedagógicas como possibilidade de mudança

Considerando o longo tempo que nossas crianças e adolescentes permanecem dentro do espaço escolar, é relevante afirmarmos que muito do que são ou fazem devemos ao que aprendem neste ambiente. Neste sentido, soa o alerta da importância daquilo que dizemos, ensinamos ou fazemos neste espaço. É importante analisarmos até que ponto as escolas estão contribuindo para a formação de indivíduos autônomos e críticos, que saibam respeitar o outro, as diferenças, o meio que os cerca.

Torna-se fundamental que os profissionais da educação tenham um projeto comum, tendo em vista os mesmos ideais, procurando dar conta da complexa realidade que se encontra a nossa volta.

Contreras e Enseñanza (1990) consideram que, para entendermos como se elaboram concepções de currículo, precisamos considerar as seguintes questões: se atendemos ao que se deve ensinar ou ao que os estudantes devem aprender; se pensamos no que se deveria ensinar ou aprender ou no que realmente se transmite e assimila; se nos limitamos aos conteúdos ou abrangemos também as estratégias, os métodos e os processos de ensino; se objetivamos o currículo como uma realidade estanque ou como algo que se delimita no processo de seu desenvolvimento.

Da escolha que fizermos, resultará a compreensão que se fará sobre a realidade, seus problemas, os posicionamentos, as percepções a cerca do mundo e da vida.

Quando pensamos em currículo e práticas não devemos deixar de pensar em responsabilidades. Podemos procurar responder as seguintes interrogações: Que tipo de sociedade queremos ajudar a construir? Que tipo de pessoas? Que educação poderia contribuir para vivermos em um mundo mais justo e feliz? Ensinamos para o mercado de trabalho, para o vestibular ou para a vida? Pretendemos apenas transmitir conhecimentos? Ou ajudarmos a construir valores? Que valores?

Estas são interrogações que muito nos inquietam. Mas que são fundamentais para que a escola possa realmente cumprir a sua verdadeira função. O currículo pode tornar-se uma importante ferramenta de mudança. Mas para isto, não pode ser neutro. Assim como pode ser direcionado para fins de transformação, também pode ser usado para manter o *status quo*.

De acordo com a pedagogia freireana, a educação deveria servir para o propósito de ajudar as pessoas a refletirem sobre sua realidade, criando uma consciência crítica que colaboraria para a mudança social. Ela também reforça a ideia da intimidade entre educação e conscientização.

Em sua concepção de currículo, Freire (1970, p. 182) salienta que:

Muitos erros e equívocos comete a liderança ao não levar em conta esta coisa tão real, que é a visão de mundo que o povo tenha ou esteja tendo. Visão do mundo em que se vão encontrar explícitos e implícitos os seus anseios, as suas dúvidas, a sua esperança, a sua forma de ver a liderança, a sua percepção de si mesmo e do opressor, as suas crenças religiosas, quase sempre sincréticas, o seu fatalismo, a sua reação rebelde. E tudo is-

to, como já afirmamos, não pode ser encarado separadamente, porque, em interação, se encontra compondo uma totalidade.

Desse modo, as escolas necessitam refletir profundamente sobre seu Projeto Político Pedagógico, já que ele será o norte, a base, a referência. Do mesmo dependerão todas as ações e práticas que a escola virá a realizar. Do mesmo dependerá o tipo de educação, de concepção e de currículo que a escola irá trabalhar. E o tipo de sociedade que ela estará ajudando a construir.

Segundo Resende e Veiga (1998) ao construírem seus projetos as escolas precisam estar atentas à necessidade de estes estarem articulados à sua realidade específica.

Para Gadotti (1994, p. 579):

Todo projeto pressupõe rupturas com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente. Um projeto educativo pode ser tomado como promessa frente a determinadas rupturas. As promessas tornam visíveis os campos de ação possíveis, comprometendo seus atores e autores.

Em decorrência de sua importância, os projetos precisam ser construídos coletivamente, de forma democrática e participativa. Os projetos também não podem ser elaborados e arquivados, têm que estar constantemente sendo trabalhados e analisados, vivenciados por todos os envolvidos no processo educativo. Ele, o projeto, representará o rumo a seguir, a direção, e sendo construído de forma participativa, despertará o comprometimento em colocá-lo em prática, por maiores os desafios que venham a ser enfrentados.

Com relação ao currículo, por ser o projeto pedagógico considerado como uma ruptura frente à realidade, não pode estar separado do contexto social e precisa romper com o isolamento. Isto significa que não pode apresentar-se de forma fragmentada e hierarquizada, deixando de ter significado por si só, para assumir uma importância muito maior.

Neste contexto, cabe salientarmos as transformações com relação aos conhecimentos a partir da ciência pós-moderna, quando começa a acontecer o oposto ao que vinha se refletindo com a ciência clássica, em que não havia flexibilidade, nem questionamentos e predominava o determinismo e o reducionismo. A flexibilidade iniciada acaba permitindo que um fato abranja uma multiplicidade de enuncia-

dos, o que começa a despertar a criatividade e a reflexão, proporcionando uma visão mais aberta e dinâmica.

Assim a Ciência pós-moderna também colabora para a interdisciplinaridade, construindo um diálogo entre todas as formas de conhecimento, diálogo este indispensável, já que qualquer ação para a mudança necessita de uma abordagem interdisciplinar, por envolver questões socioeconômicas, culturais, políticas, ambientais, etc. Vivemos novos tempos, em que paradigmas simplistas não serão capazes de tornar o homem apto a entender o contexto e a complexidade presente em âmbito planetário. Então, o que significa a escola, seu currículo e práticas dentro desta nova ordem?

Necessitamos de novas ações por parte de todos que atuam na área da educação. Precisamos de uma sociedade com indivíduos capazes de produzir informações e conhecimentos novos, ao invés de apenas reproduzi-los e isto somente será possível rompendo com a visão reducionista e mecanicista que ainda encontramos em muitas de nossas escolas. A compreensão deste mundo exige que passemos a adotar uma visão mais reflexiva e complexa.

De acordo com Morin (2003, p. 20):

Todos os problemas se situam em um nível global e, por isso, devemos mobilizar a nossa atitude não só para os contextualizar, mas ainda para os mundializar, para os globalizar; devemos, em seguida, partir do global para o particular e do particular para o global. Deveríamos, portanto, ser animados por um princípio de pensamento que nos permitisse ligar as coisas que nos parecem separadas umas em relação às outras.

Assim, fica evidente que precisamos de uma educação que dê conta das novas configurações do mundo e da sociedade. Uma educação que colabore para a busca de soluções para as problemáticas vivenciadas

Morin ainda destaca que:

As disciplinas se fecharam sobre objetos mutilados. Assim o conhecimento fechado destruiu ou ocultou em toda a parte as solidariedades, as articulações, a ecologia dos seres e dos atos, a existência!(MORIN, 2003, p. 195)

Neste contexto, podemos perceber que a interdisciplinaridade diz respeito a uma nova metodologia através da qual será possível acontecerem trocas e interligações, o que tornará a aprendizagem mais significativa e plena.

Cabe à escola, através de sua forma de trabalhar e com o que trabalha, realizar as ligações necessárias para que os educandos possam realmente compreender

o mundo a sua volta e desenvolverem uma consciência crítica que permitirá a transformação da realidade, especialmente no que se refere aos sérios problemas ambientais que estamos enfrentando.

Porém, para que a transformação da realidade possa acontecer e para que a escola possa ser mediadora, precisam acontecer rupturas. Todo o processo de transformação exige rupturas. O desenvolvimento do pensamento complexo requer um novo paradigma, entretanto, um paradigma que se reflita na prática, no dia-a-dia das escolas, não servindo apenas para enfeitar projetos com maravilhosas teorias e na prática nada mudar.

Nesta linha, de acordo com Ruscheinski (2002), por estarmos vivendo uma época de intensas transformações, se faz necessária a busca por alternativas de forma a contribuir com a formação de indivíduos autônomos e com competências para desempenharem a cidadania.

Neste contexto, a UNESCO lança os princípios que poderiam estar enfrentando os desafios presentes, são eles: aprender a aprender, aprender a viver juntos e aprender a ser.

A educação assim concebida indica uma função da escola voltada para a realização plena dos educandos, alcançada pela convivência, pelo respeito, pela construção de habilidades cognitivas, dentre outras, o que possibilitaria uma nova formação, um novo homem, que passaria a ver as coisas de forma diferente, apresentando uma nova conduta.

Assim, precisamos nos lançar ao novo e com o propósito de vivermos em uma nova sociedade mais sustentável e feliz, propósito este que, desejamos, nos encha de coragem e determinação. Como diz Freire (1993, p. 10):

É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor, sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de a-científico, senão de anticientífico. É preciso ousar para dizer cientificamente que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com nosso corpo inteiro. Com sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional.

2.4 A importância da Educação Ambiental

Diante da crise ambiental que ora se enfrenta, quando a degradação chega a níveis jamais vistos, ameaçando inclusive o funcionamento da biosfera que sustenta a vida no Planeta, a Educação Ambiental surge como urgência e necessidade. Criamos o consenso de que a educação seria capaz de transformar ações humanas em relação ao meio ambiente. A Educação Ambiental seria aquela capaz de promover uma reintegração dos humanos com a natureza, de frear o processo de destruição da vida sobre o Planeta; vista como solução, esperança e até mesmo salvação. Qualquer mudança nas atitudes em relação ao meio ambiente estaria condicionada à consciência sobre os danos causados à Terra. E a Educação Ambiental cumpriria com este papel, de divulgar os conhecimentos necessários para que esta conscientização pudesse estar acontecendo.

Com este propósito, de mostrar, divulgar e discutir a realidade ambiental presente, e em decorrência da preocupação com a crise que afeta o meio ambiente, ameaçando a qualidade da existência das presentes e futuras gerações, surge a Educação Ambiental como uma prática transformadora, comprometida com a formação de cidadãos críticos e corresponsáveis por um modelo de desenvolvimento mais sadio.

No Congresso Internacional sobre Educação Ambiental, realizado em agosto de 1987 em Moscou, a Educação Ambiental foi conceituada pela UNESCO como:

(...) processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu ambiente e adquirem conhecimentos, habilidades, experiências, valores e a determinação que os tornam capazes de agir, individual ou coletivamente, na busca de soluções para os problemas ambientais, presentes e futuros (1987)

De acordo com a lei nº. 9795/95, a Educação Ambiental consiste em um processo por meio do qual o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, fundamental à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. Além do mais, deve ser um componente essencial e permanente da educação nacional, necessitando estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal.

Entendemos por educação formal aquela desenvolvida na educação escolar, inserida nos currículos das instituições públicas e privadas. Neste sentido, a Educa-

ção Ambiental deverá se constituir uma prática educativa integrada e permanente, não se estabelecendo como uma disciplina específica, perpassando todos os níveis do ensino, inclusive a educação da comunidade; objetivando capacitá-la para participação ativa na defesa do meio ambiente, efetivando o Direito Ambiental, essencial à sadia qualidade de vida.

A Educação Ambiental apresenta um novo paradigma que prega um novo estilo de vida, um novo modelo de sociedade, capaz de promover alternativas ao cenário ambiental atual, favorecendo o desenvolvimento de novas atitudes das pessoas com relação ao meio ambiente.

Segundo Reigota (1998), a Educação Ambiental aponta para propostas pedagógicas voltadas à conscientização, mudança de comportamentos, desenvolvimento de competências, capacidade de avaliação e participação.

Cabe salientarmos que muitas vezes a postura de "desresponsabilização" da população pode decorrer da falta de informação, da falta de consciência ambiental, quando não se estimula a participação e o envolvimento; não se propõe uma nova cultura de direito, capaz de motivar as pessoas para a participação na defesa da qualidade de vida.

Pádua e Tabanez (1998) indicam que a Educação Ambiental colabora para o aumento de conhecimentos, mudança de valores e aperfeiçoamento de habilidades, condições importantes para estimular maior integração e harmonia dos indivíduos com o meio onde vivem.

De acordo com Oliveira (1999, p. 62):

A Educação Ambiental deve proporcionar ao homem a oportunidade de conhecer-se como cidadão; estimular, propiciando ao outro, a mesma condição; reconhecer no mundo o mundo de todos; caracterizar o tempo e o espaço de todos como sendo os mesmos; admitir que as gerações futuras devam ter a qualidade de vida que merecem. Para isso, é necessário que se julguem os homens iguais, em tempo e lugar, com as mesmas necessidades essenciais e referências que permitam, na consciência e responsabilidade das alternativas das posturas, as relações ambientais que indicam a atuação de um sujeito ético, no meio em que vive.

Leff (2001) retrata a aprendizagem ambiental como um saber pedagógico, analítico e interpretativo para os processos de elaboração de sentidos comuns e conhecimentos públicos, sobre a sustentabilidade ecológica, social, cultural e econômica do Planeta. Além disso, sendo um saber prático que deve criar estratégias e ações de ensino-aprendizagem dentro e fora da escola.

Souza (2000) afirma que o estreitamento das relações intra e extraescolares é bastante útil na conservação do ambiente, principalmente o ambiente da escola. Um processo de sensibilização da comunidade escolar pode fomentar iniciativas que transcendam o ambiente escolar, atingindo tanto o bairro no qual a escola está inserida como comunidades nas quais residam alunos, professores e funcionários.

Para Vasconcellos (1997), a presença, em todas as práticas educativas, da reflexão sobre as relações dos seres entre si, do ser humano com ele mesmo e do ser humano com seus semelhantes é condição imprescindível para que a Educação Ambiental ocorra e provoque mudanças.

Sato (2005) enfatiza a necessidade de informar, estimular e sensibilizar a comunidade para que perceba a importância da dimensão ambiental em nossas vidas. Aliás, tendo um conhecimento mais amplo, as pessoas irão sentir-se envolvidas, despertando para a responsabilidade ambiental.

Desta forma, a Educação Ambiental assume uma função transformadora, onde a reflexão desperta a corresponsabilização, primordial para que construamos, como dissemos, uma nova relação entre o homem e o meio ambiente.

A Educação Ambiental pode contribuir para modificar o quadro de degradação ambiental presente em nossa sociedade, trabalhando conhecimentos que auxiliem os educandos a perceberem que suas ações têm levado a destruição inconsequente dos recursos naturais, conscientizando-os a respeito das consequências de seus atos.

Nesse sentido, ela se torna um instrumento de formação de uma nova consciência, mais sensível e preocupada com a realidade ambiental, desenvolvendo atitudes de conduta que respeitem e valorizem a vida e tudo que nela habita, despertando para o cuidado com a Mãe Terra.

De acordo com Boff (2008), a crise que afeta a humanidade se revela pela falta de cuidado com que se tratam realidades importantes da vida. Para sair desta crise precisamos de uma nova ética. Ele ainda salienta que o cuidado deve aflorar em todos os ânimos, penetrar na atmosfera humana e prevalecer em todas as relações, o cuidado salvará a vida, fará justiça ao empobrecido e resgatará a Terra como pátria e mátria de todos.

Necessitamos de uma nova ética, capaz de questionar o que está diante de nós, o sentido das coisas, nossos direitos e deveres, na perspectiva de um desen-

volvimento sustentável, sendo a Educação Ambiental um instrumento crítico para a construção desta nova realidade.

2.5 Dificuldades na implantação da Educação Ambiental

A prática da Educação Ambiental nas escolas, a despeito do que dissemos até aqui, tem se mostrado uma tarefa difícil. Existem grandes dificuldades nas atividades de sensibilização e formação, na implantação de atividades e projetos e, principalmente, na manutenção e continuidade dos já existentes. Segundo Andrade (2000):

... fatores como o tamanho da escola, número de alunos e de professores, predisposição destes professores em passar por um processo de treinamento, vontade da diretoria de realmente implementar um projeto ambiental que vá alterar a rotina na escola, etc, além de fatores resultantes da integração dos acima citados e ainda outros, podem servir como obstáculos à implementação da Educação Ambiental (ANDRADE, 2000, p. 105).

Desse modo, percebemos que há muito a ser feito. Mudanças precisam acontecer, a Educação Ambiental exige um novo paradigma, valorizando o todo ao invés das partes, o complexo em detrimento do reducionista, o total em vez do específico.

Visto que o pensar ecológico exige uma visão coletiva, holística e transdisciplinar, é necessário revermos os pressupostos pedagógicos da prática educacional, procurando unir pedagogia e ecologia.

Segundo Barasuol (2002), as práticas pedagógicas em Educação Ambiental geralmente abrangem aspectos relacionados à questão do lixo, à poluição, à importância da reciclagem, ao desmatamento e às queimadas. Percebemos uma falta de relação mais ampla com fatos culturais, econômicos e sociais. O olhar sobre a realidade que está diante de nós deve fazer surgirem diferentes sentidos, em diferentes dimensões, relacionando o local e o global, o econômico, o político e o social.

Sucena (1998), ao abordar as respostas obtidas em sua pesquisa, afirma que estas deixam claro que a maioria dos professores considera importante o trabalho com a Educação Ambiental, mas que não se considera preparada e com conhecimento teórico suficiente para tal tarefa. Fica evidente a importância de constante formação para que a Educação Ambiental realmente possa se efetivar.

De acordo com Sorrentino (1998), os grandes desafios para os educadores ambientais são o resgate e o desenvolvimento de valores e comportamentos e o

estímulo a uma visão global e crítica das questões ambientais, além da promoção de um enfoque interdisciplinar que resgate e construa saberes.

Segundo Andrade (2000), deve haver um “processo de implementação que não seja hierárquico, agressivo, competitivo e exclusivista, mas que seja levado adiante fundamentado pela cooperação, participação e pela geração de autonomia dos atores envolvidos”. Os projetos impostos por pequenos grupos ou atividades isoladas, organizados por apenas alguns indivíduos da comunidade escolar não são capazes de produzir a mudança de mentalidade tão desejada e necessária. É preciso muito envolvimento e comprometimento, e do maior número de pessoas possível.

Portanto, devemos buscar alternativas que promovam uma contínua reflexão que culmine com a mudança de mentalidade. Apenas dessa forma conseguiremos realmente implementar a Educação Ambiental em nossas escolas, com atividades e projetos não apenas ilustrativos, mas fruto do desejo de toda a comunidade escolar em construir um futuro no qual possamos viver em um ambiente sadio e equilibrado.

Para Freire (1996), a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/prática, sem a qual a teoria pode vir virando blá, blá, blá e a prática ativismo. Este distanciamento entre teoria e prática também aumenta as dificuldades para a manutenção de projetos em nossas escolas. É preciso colocarmos a teoria em prática e estarmos constantemente reavaliando esta prática. Analisarmos os erros e acertos, vermos o que precisa ser melhor trabalhado, o que não deu certo, e todo este processo precisa necessariamente ser coletivo.

Desta forma, para que a Educação Ambiental realmente se efetive, a escola precisa usar todo o seu potencial a favor desta causa. Mudança de atitudes envolve conscientização, sensibilização e proposição de soluções alternativas. As mesmas não podem ficar apenas nas salas de aula, nas escolas, nas famílias; devem estender-se a todos os espaços de socialização. Não podem ficar apenas no papel, necessitam expandir-se, serem colocadas em prática, não ficarem isoladas, ou seja, um processo de envolver todos os envolvidos e envolver-se em suas vidas. Para tanto, os educadores necessitam mergulhar de cabeça, conhecendo a realidade das escolas e comunidades, dispostos a trabalharem em equipes e revendo suas práticas. A Educação Ambiental exige um novo paradigma. Ela não combina com o que costumamos chamar de paradigma mecanicista, simples, fechado, reducionista, mas exige que partamos além, com uma visão mais aberta, dinâmica e complexa.

Neste sentido mudanças precisam acontecer, e mudanças profundas. A realidade na qual estamos inseridos exige rupturas para que possa ser desvendada. O tradicional não está mais dando conta de acompanhar tudo que vem acontecendo e para que a Educação Ambiental possa realmente cumprir a sua missão é preciso romper com visões simplistas, procurando entender e conhecer novas ideias. Isto exige formação e disposição.

Uma nova prática, mais integradora, que se contraponha a práticas compartimentalistas precisa surgir. A necessidade de uma visão sistêmica apresenta-se como imprescindível para entendermos o processo de desenvolvimento no qual nos encontramos. Isto apenas será possível unindo os saberes, desfragmentando-os, pelo uso de um enfoque interdisciplinar. O diálogo com todas as áreas do conhecimento irá possibilitar uma compreensão do mundo onde vivemos e conseqüentemente novas atitudes e a tão desejada mudança de comportamento.

Todavia, além de geralmente não acontecer um trabalho interdisciplinar, a Educação Ambiental muitas vezes acaba sendo trabalhada apenas por algumas áreas do conhecimento.

Nesse sentido, Dias (1999) define que a Educação Ambiental deveria resultar de uma reorientação e articulação de diversas disciplinas e experiências educativas que facilitariam uma visão integrada do meio ambiente. Devido à própria natureza complexa do ambiente, por suas interdependências ecológicas, políticas, econômicas, sociais, tecnológicas, científicas, etc., torna-se impossível tratar do assunto em apenas uma ou duas disciplinas.

2.6 Concepções de currículo e a Educação Ambiental

Tendo em vista que a Educação Ambiental pode ser capaz de transformar as relações entre o ser humano e o ambiente, e que a escola é um importante instrumento de disseminação destas novas ideias, resta refletirmos até que ponto este ideal será possível diante do currículo construído ou reproduzido por nossas escolas.

Cabe investigarmos como a Educação Ambiental se faz presente no currículo escolar nas diferentes áreas do conhecimento e como ela é trabalhada. Conteúdos programáticos afastados da realidade vivida pelos educandos de nada servirão para que se desenvolvam habilidades necessárias para perceber e procurar resolver pro-

blemas ambientais presentes. Portanto, os objetivos de projetos voltados para a EA devem sempre estar atrelados às diferentes realidades sociais, políticas, culturais e ecológicas presentes na região ou localidade em que se está inserido(a).

Podemos perceber que muito do material utilizado pelas escolas, para trabalhar em suas aulas, se originam de textos e livros didáticos que desconhecem as características e problemas locais, já que são produzidos para serem trabalhados em todo o País, deixando a desejar no que se refere aos problemas vivenciados por cada escola.

Assim, podemos considerar a necessidade de cuidado ao se adotar um livro didático e de não torná-lo único instrumento a ser utilizado. Seguir apenas o livro seria como reproduzir o que o mesmo propõe, sem considerar o contexto do aluno, suas vivências, seu dia-a-dia.

Temos que trabalhar com problemas globais, mas sempre considerando também os locais. De acordo com Dias (1999):

Primeiro trabalhamos o nosso ambiente interior, as nossas posturas e decisões, depois o nosso entorno pessoal, nosso ambiente familiar, nosso ambiente escolar, nosso ambiente de trabalho. O entorno desses ambientes, o pátio da escola, o entorno imediato da escola, o bairro, a cidade, a região, o Estado, o País, o continente, O Hemisfério, o Planeta, o Cosmos ...!
(DIAS, 1999, p. 32)

Torna-se evidente, assim, que o currículo precisa partir da realidade dos estudantes, procurando sensibilizá-los para os problemas presentes, ajudando-os a compreenderem por que os mesmos acontecem, despertando seu senso crítico, o que os fará posicionarem-se e agir de forma diferente. Um currículo assim, irá colaborar para a formação de cidadãos comprometidos e atuantes, dispostos a lutarem para que aconteçam mudanças.

Mas estas mudanças somente serão possíveis através de uma nova escola e de um novo currículo. Estes, construídos de forma coletiva e participativa, procurando abordar conhecimentos necessários para a interpretação dos problemas que acontecem a nossa volta e na busca de novos valores, que estarão contribuindo para o desenvolvimento de novas formas de nos comportarmos e agirmos frente ao ambiente.

Ainda de acordo com Dias (1999), a EA deverá promover uma ligação mais próxima entre os processos educacionais e a realidade, pensando seus conhecimentos e ações em torno de problemas comunitários, proporcionando uma análise

desses problemas sob uma perspectiva interdisciplinar e global. Ele ainda salienta que:

Precisamos moldar um processo educacional diferente, voltado para a libertação, para a compreensão do todo, para a participação, ação, mudança e reconstrução! O ser humano precisa reeducar-se, perdido que está no emaranhado dos interesses econômicos e políticos que geraram um modelo baseado no lucro, no consumo crescente e na exploração generalizada dos recursos naturais e na espoliação das pessoas. (DIAS, 1999, p. 40)

Com base no exposto até o momento, as escolas precisam rever e ajustar seus currículos visando atender as necessidades de um Planeta que está agonizando. Desta forma, todas as áreas do conhecimento necessitam focar questões relacionadas ao ambiente e desenvolvimento sustentável. É urgente que o currículo como um todo abranja esta temática, e dentro de seus “conhecimentos mínimos”, para que a mesma não fique sempre em segundo plano, apenas trabalhada aleatoriamente durante a realização de algum projeto envolvendo o tema. Este trabalho requer uma abordagem sistêmica e interdisciplinar, juntando todas as áreas do conhecimento, todos os envolvidos na escola e na comunidade, em prol de um Planeta mais sadio para a atual e as futuras gerações.

Também não podemos deixar de lembrar que promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e disciplinas faz parte de legislação específica para esta área. De acordo com a Lei nº 9.795/99 que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, em seu art. 1º:

Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial a sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (2002).

A Educação Ambiental no ensino formal, de acordo com o art. 9º da Lei nº 9.795/99, refere-se aos processos educativos que ocorrem nas escolas em todos os níveis e modalidades de ensino, acrescentando em seu art. 10º que não deve ser implantada como disciplina específica, mas trabalhada de modo a estabelecer uma relação entre todas as disciplinas o que propicia a compreensão da temática ambiental de forma mais plena, procurando construir uma nova mentalidade que ajude o homem a melhorar a forma como vem se relacionando com a natureza.

Também é importante ressaltarmos que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apresentam o meio ambiente como um “tema transversal”, o qual deve ser trabalhado em todas as disciplinas no período de escolaridade obrigatória.

2.7 Práticas pedagógicas e a Educação Ambiental

Diante da grande importância que as questões ambientais vêm adquirindo em nossa sociedade, torna-se imprescindível uma reformulação nos sistemas educativos, especialmente no que se refere a suas práticas. De nada adianta introduzirmos conhecimentos relacionados à temática ambiental nos currículos, se a prática continuar a mesma. Colaborar para a formação de cidadãos críticos e conscientes frente aos problemas enfrentados, requer práticas pedagógicas que estimulem os sujeitos a se tornarem assim.

Neste sentido, a interdisciplinaridade parece ser a melhor forma de trabalhar com este tema, por representar uma melhor compreensão, possibilitando uma visão sistêmica e conseqüentemente a proposição de ideias para a solução dos problemas ambientais enfrentados na atualidade.

De acordo com a Declaração do Meio Ambiente, elaborada durante a Conferência de Tbilisi, há a necessidade urgente de investigação de novos métodos e desenvolvimento de materiais educativos (UNESCO/PNUMA, 1980).

Assim, as escolas poderiam estar organizando projetos envolvendo os alunos e a comunidade escolar, pesquisando sobre problemas locais e procurando solução para estes problemas.

Herculano (2006) considera que a EA é parte essencial da educação para a cidadania, podendo vir a ser a grande incentivadora do exercício pleno de direitos e da democracia participativa, na medida em que a temática ambiental tenha um apelo universalizante, não corporativo, de fácil entendimento e identificação, pois diz respeito à sobrevivência de todos e leva a amplos questionamentos, especialmente os modos da sociedade produzir, consumir e se organizar.

O fundamental é partirmos do contexto de vida dos educandos, sua casa, bairro onde residem, município, Estado, País.... Assim irão ampliando sua visão e compreensão dos fatos, passando a relacioná-los, começando a pensar e agir globalmente, refletindo sobre seu comportamento e compromisso com a qualidade do meio ambiente e da vida de todas as pessoas.

Para que isto aconteça, as atividades precisam estar relacionadas a problemas concretos e sempre em uma perspectiva interdisciplinar e globalizadora, o que permitirá uma ação conjunta em torno de temas específicos, favorecendo uma melhor compreensão que desencadeará ações.

Com relação a esta questão, das ações, Dias (1999) salienta que é preciso utilizar todos os recursos pedagógicos disponíveis, mas acentuando devidamente as atividades práticas, uma vez que a EA pressupõe ação, tomada de decisões e um profundo desejo de fazer as coisas acontecerem.

Neste sentido, cabe destacamos que a etapa da compreensão e reflexão necessita ser superada, partindo para atividades concretas, onde se proponham mudanças e se busque a sua efetivação. E isto não apenas dentro da escola, mas em todos os espaços de socialização, procurando envolver o maior número de pessoas possível.

A este respeito, a Agenda 21, em seu capítulo 36, estabelece que:

O ensino também é fundamental para conferir consciência ambiental e ética, valores e atitudes, técnicas e comportamentos em consonância com o desenvolvimento sustentável e que favoreçam a participação pública efetiva nas tomadas de decisão. Para ser eficaz, o ensino sobre o meio ambiente e desenvolvimento deve abordar a dinâmica do desenvolvimento do meio físico/biológico e do socioeconômico e do desenvolvimento humano (que pode incluir o espiritual), deve integrar-se em todas as disciplinas e empregar métodos formais e meios efetivos de comunicação (2009).

3 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, sendo que, de acordo com Wildemuth (1993), a pesquisa qualitativa é geralmente associada à pesquisa exploratória. Segundo Kaplan & Duchon (1988), as principais características dos métodos qualitativos são a imersão do pesquisador no contexto e a perspectiva interpretativa de condução da pesquisa. Dias (1999) ainda salienta que na pesquisa com abordagem qualitativa acontece um relacionamento mais flexível entre o pesquisador e o entrevistado sendo possível uma maior riqueza de detalhes.

3.1 Espaço da Pesquisa e População

O local da pesquisa é a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC) do Município de Panambi. É importante destacarmos que a Rede Municipal de Ensino deste município já vem realizando um trabalho destacado no que diz respeito à Educação Ambiental.

A população do estudo constituiu-se por profissionais da educação responsáveis pelo setor pedagógico da SMEC, além de educadores envolvidos nas formações e elaboração dos Planos de Estudos.

Assim, participaram da pesquisa duas representantes pelo setor pedagógico da SMEC e dez educadores, um representante de cada área do conhecimento trabalhada por esta rede de ensino, as quais são: Geografia, Ciências, Matemática, Ensino Religioso, História, Arte, Língua Estrangeira Moderna- Inglês, Educação Física, Língua Portuguesa e Filosofia.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram escolhidos entre aqueles que apresentaram as seguintes características:

- Representar profissionais responsáveis pelo setor pedagógico da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC) entre o período de 2005 a 2009, envolvendo as turmas do 6º ao 9º Ano do Ensino fundamental, para que fosse possível entrar em contato com os Planos de Estudos para as diferentes áreas, além de outros documentos necessários a realização da pesquisa e também a fim de ouvir a opinião das pessoas que estão coordenando os trabalhos pedagógicos em toda a rede municipal;

- Ter participado das formações e elaboração dos Planos de Estudos para a rede, entre o período já mencionado anteriormente;
- Representar todas as áreas do conhecimento trabalhadas pela rede. Foi entrevistado um educador de cada disciplina, de diferentes escolas, a fim de perceber a realidade da rede municipal e não de uma escola específica.

3.2 Coleta de informações

A coleta de informações ocorreu através de visita à Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC) do município de Panambi, onde foram apresentados os objetivos da pesquisa à equipe responsável pelo setor pedagógico, procurando envolvê-la e despertando seu interesse em participar da mesma.

Em seguida, foi realizada uma ampla análise documental a partir de atas de reuniões e Planos de Estudos, verificando as concepções, os currículos e as metodologias utilizadas por todas as áreas do conhecimento trabalhadas pela Rede Municipal de Ensino em suas escolas.

Após a análise documental, foram desenvolvidas as entrevistas individuais com coordenadores da Secretaria e alguns professores envolvidos na elaboração dos Planos de Estudos e reuniões. Foram entrevistadas duas representantes da Coordenação Pedagógica da SMEC e um professor de cada área do conhecimento, com os quais procuramos identificar como sua área se envolve com a temática pesquisada. Foram escolhidos educadores de diversas escolas, não privilegiando apenas uma realidade, para que fosse possível perceber como a rede trabalha em seu todo. As entrevistas foram semiestruturadas, com roteiro previamente elaborado (ANEXO A e B) e agendadas de acordo com a disponibilidade de cada envolvido.

É importante mencionar que antes das entrevistas individuais com os educadores foi realizada uma conversa informal. Nesta ocasião, foi apresentado um panorama sobre a pesquisa e seus objetivos, o que fez com que os entrevistados estivessem mais envolvidos e familiarizados com o trabalho que foi realizado e com a pesquisadora.

Além das questões elaboradas para a entrevista – que foram as mesmas para todos os educadores – durante a conversa surgiram discussões diferentes, decorrentes dos questionamentos realizados e que, por se apresentarem relevantes para

aprofundamento e outras relações estabelecidas, puderam enriquecer ainda mais a pesquisa. A utilização de um roteiro permite que a pesquisa caminhe para o objetivo do trabalho, trazendo o entrevistado à questão levantada e posicionando-o no assunto. Porém, foi com a liberdade dada ao entrevistado de ir e vir na discussão, que o mesmo teve condições de comentar outros fatos considerados importantes.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para melhor análise e interpretação dos dados coletados. As observações e anotações feitas a partir da pesquisa documental também foram registradas detalhadamente e feitas cópias destes documentos na íntegra.

A coleta de informações por meio de um gravador representa um alto poder de registro para o pesquisador. “A gravação permite manter ao máximo as próprias expressões dos informantes e a sua maneira de encadear os fatos.” (QUEIROZ, 1991, p. 60).

3.3 Análise dos dados

Todos os dados coletados foram minuciosamente analisados. Os relatos dos entrevistados foram gravados e transcritos para melhor análise ou uso posterior para outras pesquisas.

Sendo a pesquisa de abordagem qualitativa, procuramos utilizar como embasamento teórico a análise do conteúdo proposta por Minayo, que é composta por três etapas: ordenação dos dados, classificação dos dados e análise final (MINAYO 2007).

A primeira etapa, da ordenação dos dados, contempla a releitura e análise de todas as anotações feitas desde a análise documental, quando pesquisamos em Livros de Atas e Planos de Estudos, até as transcrições das entrevistas realizadas.

Posteriormente, seguimos para a parte da classificação dos dados, quando realizamos a identificação das ideias centrais do texto, além do levantamento dos aspectos mais relevantes para a significação da pesquisa, procurando relacionar os fatos analisados nos Planos de Estudos com as entrevistas realizadas.

Para encerrar, realizamos a análise final, procurando uma articulação entre os dados coletados e organizados e a revisão bibliográfica apresentado no início deste trabalho de pesquisa.

3.4 Aspectos éticos

Logo após a apresentação da pesquisa e seus objetivos junto a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC), solicitamos consentimento para que a mesma pudesse ser realizada.

Todas as pessoas entrevistadas também foram orientadas sobre as finalidades deste trabalho e de que os dados coletados somente fariam parte deste estudo mediante o consentimento livre e esclarecido, formalizado através de um termo de Autorização (ANEXO C). Este termo foi assinado pelo entrevistado e pelo entrevistador como garantia.

As gravações e transcrições das entrevistas permanecem com a pesquisadora por um período de aproximadamente cinco anos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Iniciamos a análise a partir das concepções pedagógicas, das práticas e do currículo construídas na Rede Municipal de Ensino para as diferentes áreas do conhecimento, delimitando como foco deste estudo o ensino do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Posteriormente, procuramos fazer uma relação entre o que observamos e pesquisamos sobre a relação das diferentes áreas com a Educação Ambiental.

4.1 Análise acerca das concepções, do currículo e das práticas trabalhadas nas diferentes áreas do conhecimento

4.1.1 Geografia

As informações coletadas a partir da pesquisa realizada nos Planos de Estudos para a área da Geografia (2008) nos permitem perceber o ensino da mesma como a área do conhecimento que tem como preocupação o espaço em sua dimensão social de construção, ou seja, representa uma ciência social que estuda a sociedade dentro da totalidade social.

Entende-se, pelo que pudemos verificar, que a Geografia tem a função de construir com os (as) educandos (as) os espaços e tempos inseridos em diferentes escalas: local, regional, nacional e internacional, compreendendo que o homem é um ser social, que faz parte da história como autor e ator, buscando o entendimento da organização espacial e temporal, realizando a leitura de mundo em três dimensões: política, cultural e econômica.

De acordo com o que se propõe, e que fica explícito em seus Planos de Estudos (2008) a área da Geografia também procura:

situar o educando no momento histórico em que vive, possibilitando-lhe o conhecimento do seu meio, para melhor entender o mundo, ampliando gradativamente a leitura, a análise e transformação da realidade, colaborando para a compreensão de conceitos fundamentais e universais: espaço, tempo, grupo, sociedade, natureza, paisagem, região, cultura, território, lugar, identidade, cidadania, sistema, processo, relações, entre outros. (Planos de Estudos de Geografia, 2008, p. 18)

Nesse sentido, é possível estabelecermos relação desta área do conhecimento, com o que Dias (1999) também enfatiza, que os conteúdos trabalhados devem tratar das realidades sociais, econômicas, políticas, culturais e ecológicas onde os alunos convivem, informando sobre as formas de participação com o propósito de se organizarem e lutarem por uma melhor qualidade de vida.

Segundo o que foi possível verificarmos nos Planos de Estudos, a Geografia tem a função de construir a identidade social e política de cada aluno (a), fazendo-os compreenderem-se como sujeitos históricos, coletivos, autônomos, participativos, solidários, cooperativos, respeitando e fazendo-se respeitar, relacionando-se e exercendo a cidadania e a democracia.

Diante de tais fatos, Jacobi (2003) enfatiza que a educação voltada para a cidadania pode motivar e sensibilizar as pessoas para transformarem as diversas formas de participação na defesa da qualidade de vida. Ele ainda salienta que:

A relação entre o meio ambiente e a educação para a cidadania assume um papel cada vez mais desafiador, demandando a emergência de novos saberes para apreender processos sociais que se complexificam e riscos ambientais que se intensificam. (JACOBI, 2003, p. 196)

A presente área do conhecimento compreende que o espaço geográfico é o espaço fruto do trabalho humano na necessária e perpétua luta dos seres humanos pela sobrevivência. Nesta luta, o homem usa, destrói/constrói, modifica a si e a natureza, partindo da ideia de que a Geografia é feita no dia-a-dia, seja através da construção de uma casa, da plantação de uma lavoura ou através das decisões governamentais ou dos grandes grupos econômicos, acreditando que o currículo deve estar sempre atrelado ao contexto vivido pelos educandos.

Nesse sentido, Ruscheinsky (2002, p. 84) salienta que “os agentes sociais só estarão com o mundo no momento que puderem apreender a realidade a partir de uma visão crítica.” Assim, refletindo sobre a realidade na qual se encontram inseridos, os alunos serão capazes de agir diante dela, demonstrando autonomia e participação.

A área da Geografia, segundo seus Planos de Estudos, procura relacionar a vida a uma teia, não tratando o homem como um fato a mais na paisagem, e sim como um ser social e histórico, mostrando que fenômenos que acontecem em certos

lugares e em determinados períodos têm influência noutros lugares e noutros períodos.

Considerando esta questão, Pádua (1997) faz referência às sábias palavras de um Chefe Seattle, que coloca que todas as coisas são interligadas e o que acontecer com a Terra, acontecerá também com seus filhos. Sendo assim, as pessoas são como fios de uma grande teia, e tudo que for feito à teia, é como se o estivessem fazendo a si próprias.

Nessa perspectiva, a Geografia também pode colaborar para que os educandos sintam-se mais responsáveis pelo Planeta, percebendo-se como parte integrante do mesmo e que suas ações já começam a comprometer a sua própria existência.

Salientamos, da Proposta Pedagógica construída para esta área, que o regional e o local são recortes da realidade global, os problemas são das pessoas, dos homens na sua luta pela sobrevivência de acordo com sua cultura, sua história, seu desenvolvimento econômico e o quadro natural do lugar em que vivem, porém, as explicações, as causas, os motivos devem ser buscados noutros níveis maiores, distantes, mais amplos e complexos.

A função da Geografia, de acordo com este documento, seria fazer com que os alunos superem o senso comum, realizando a confrontação da sua realidade concreta com o conhecimento cientificamente produzido. O ensino da Geografia é visto então como um instrumento útil para ler e entender o mundo e para exercitar a cidadania, o que está em acordo com as ideias de Delors (2006), que enfatiza que a educação tem como missão de caráter geral preparar os jovens e adolescentes para uma participação ativa na vida de cidadãos.

No que se refere à metodologia trabalhada, os Planos de Estudos mostram que a área tem a necessidade de apresentar aos alunos as diferentes situações de vivência com os lugares, de modo que possam construir compreensões novas e mais complexas a seu respeito. Também faz uso dos procedimentos de problematização, observação, registros, descrição, documentação, representação e pesquisa dos fenômenos sociais, culturais ou naturais, que compõem a paisagem e o espaço geográfico, na busca e formulação de hipóteses e explicações das relações, permanências e transformações que se encontram a nossa volta.

Nesse sentido, o professor planeja situações de aprendizagem em que os alunos possam conhecer e utilizar os procedimentos de estudos geográficos. A observação, descrição, analogia e síntese são procedimentos importantes e podem ser

praticados para que os alunos possam aprender a explicar, compreender e representar os processos de construção dos diferentes tipos de paisagens, territórios e lugares.

Também podemos evidenciar em sua Proposta Pedagógica o trabalho com fatos comuns, fotos aéreas, filmes, gravuras e vídeos que se tornam fontes importantes de informação e de leitura do espaço e da paisagem. Apresenta as saídas a campo como fundamentais para observar, comparar e refletir sobre a paisagem e suas transformações.

Quanto às saídas a campo, elas tornam-se fundamentais quando se pensa em fazer um trabalho diferente e mais envolvente. De acordo com Dias (1999), precisamos utilizar todos os recursos pedagógicos disponíveis, mas não deixando de considerar as atividades práticas. Ele ainda complementa que quando se pretende promover um tipo de educação que envolva as pessoas com seu meio ambiente (suas relações, pertinências etc.), não há como fazê-lo sob moldes tradicionais.

Isso significa que o professor precisa utilizar metodologias diferenciadas e não ficar preso apenas ao uso de livros didáticos, dentro de sua sala de aula. Ele precisa inovar, ir além, envolver os educandos para que despertem para as temáticas trabalhadas e sintam-se parte integrante dos estudos realizados, já que os mesmos dizem respeito a sua condição humana.

4.1.2 Ciências

De acordo com o que foi estabelecido nos Planos de Estudos para o ensino de Ciências (2008), a partir dos dados obtidos na análise deste documento, a disciplina deve auxiliar os educandos na compreensão do mundo e suas transformações, permitindo que os mesmos se reconheçam como parte integrante do universo, sendo capazes de questionar e refletir, compreendendo que podem interferir na natureza, porém utilizando seus recursos de forma responsável.

Segundo Ruscheinsky (2002), ao compreenderem com mais profundidade o que acontece com o ambiente, se ocorrerem abusos e descuidos, com mais certeza esses cidadãos tomarão as decisões que se fazem fundamentais no contexto vivido.

Para que os alunos assimilem melhor os conhecimentos trabalhados, de acordo com o que fica explícito nos Planos de Estudos para esta área, eles devem se desenvolver a partir de situações de observações das circunstâncias nas quais vi-

vemos e das quais fazemos parte, partindo do cotidiano, onde a referência fundamental da educação passa a ser o mundo da vida.

Assim, os conteúdos partem da problematização e observação de questões presentes no cotidiano, salientando que os diferentes saberes passam a ser utilizados como ferramentas para auxiliar no entendimento das situações-problemas vivenciadas, enfatizando que o aluno constrói seu conhecimento por meio de sua interação com o meio em que vive.

Sob este prisma, Jacobi (2003) salienta que:

A realidade atual exige uma reflexão cada vez menos linear, e isto se produz na inter-relação dos saberes e das práticas coletivas que criam identidades e valores comuns e ações solidárias diante da reapropriação da natureza, numa perspectiva que privilegia o diálogo entre saberes.(JACOBI, 2003, p. 191)

A Proposta construída para esta área apresenta o estudo das Ciências como fundamental para nossas vidas, já que observar e analisar os fenômenos da natureza nos dá a consciência necessária para que possamos conservar e defender o meio ambiente, que é o mesmo que defender a própria vida.

Nas práticas utilizadas em aulas deve haver questionamentos, observações, explorações em busca de respostas, ordenando e estabelecendo relações e comparações, desenvolvendo a autonomia de pensamento e ações e adquirindo atitudes e valores que transformem as relações predatórias frente ao meio em relações mais harmônicas.

Durante os últimos séculos, o ser humano foi considerado o centro do universo. O homem acreditou que a natureza estava a sua disposição. Apropriou-se de seus processos, alterou seus ciclos, redefiniu seus espaços. Hoje, quando se depara com uma crise ambiental que coloca em risco a vida do planeta, inclusive a humana, o ensino de Ciências Naturais pode contribuir para uma reconstrução da relação homem - natureza em outros termos. (Planos de Estudos de Ciências, 2008, p. 02)

Estas ideias vêm ao encontro do que Oliveira (2000) também enfatiza, ou seja, que é preciso surgir:

Um novo patamar mais amplo e abrangente, que impõe a revisão dos paradigmas do conhecimento e das práticas de relações entre os seres humanos, de revisão das relações do homem com a natureza, que há de

conviver em uma relação mais solidária com a terra, o ar, a água, os animais e as plantas. (OLIVEIRA, 2000, p. 80)

Desta forma, podemos concluir que as Ciências buscam contribuir na construção de conhecimentos, que tornem os indivíduos mais críticos e conscientes quanto ao que acontece a sua volta, procurando estabelecer uma nova relação homem/ambiente.

Isto está de acordo com o que a Educação Ambiental também manifesta. Segundo Reigota (1998), a Educação Ambiental aponta para propostas pedagógicas voltadas à conscientização, mudança de comportamentos, desenvolvimento de competências, o que ajudaria a transformar a relação que os humanos vêm estabelecendo com a natureza até então.

4.1.3 Matemática

Verificamos a partir de pesquisa nos Planos de Estudos de Matemática (2008) que a especificidade dessa área exige que ela seja trabalhada com significado, de forma que o aluno possa fazer a leitura de sua realidade, de seu dia-a-dia, sendo agente de construção de seu conhecimento e tendo sempre o professor como mediador entre o que ele conhece e o novo para se chegar com sucesso ao conhecimento.

De acordo com suas concepções e seu currículo, todo o ensino da Matemática deve estar voltado para situações vividas pelos educandos, situações de seu cotidiano, o que está em acordo com o que Freire também salienta, já que “o homem não pode ser compreendido fora de suas relações com o mundo, de vez que é um ser-em-situação, é também um ser do trabalho e da transformação do mundo.” (apud, OLIVEIRA, p. 80, 2000).

Deste modo, cabe destacarmos o que nos apresenta Cortella (2008), salientando que as escolas precisam garantir as crianças, jovens e adolescentes o acesso ao conhecimento universal acumulado sem que esse acesso seja restritivo a uma formação erudita, ou seja, sem fazer relação com sua realidade social e individual. Ele ainda complementa que isto não significa aprender somente o que vai ser usado no dia ou semana seguinte, no seu cotidiano, em uma dimensão redutora, mas uma aprendizagem:

que selecione e apresente conteúdos que possibilitem aos alunos uma compreensão de sua própria realidade e seu fortalecimento como cidadãos, de modo a serem capazes de transformá-la na direção dos interesses da maioria social. (CORTELLA, 2008, p. 16)

Como exemplo de trabalho a partir de situações vividas, a proposta elaborada para esta área apresenta a confecção de plantas baixas: da escola, de casas, de terrenos, etc., para o estudo de retas, pontos e planos; construção de maquetes, a partir das plantas, onde poderão ser realizados vários questionamentos a respeito das construções existentes em nosso meio, tais como: as formas geométricas mais empregadas, a importância das mesmas, a espessura e altura das paredes, nº. de tijolos, cálculos das áreas e perímetros dos polígonos da maquete, etc.

Os Planos de Estudos salientam que através de aulas teóricas – expositivas também é possível estabelecer relações entre a teoria e possíveis situações práticas, bem como, a resolução de exercícios de aprendizagem.

A Matemática trabalhada pela Rede Municipal de Ensino de Panambi procura realizar desafios aos alunos através de situações problemas, fazendo com que os mesmos pesquisem, debatam e socializem os seus métodos resolutivos. Através de dados estatísticos envolvendo situações práticas também é possível construir gráficos e elaborar exercícios. Ressaltamos que em seus Planos de Estudos os gráficos são muito importantes para melhor visualizar problemas cotidianos como índices de desemprego, índices de reprovação e densidade demográfica, questão do desmatamento, etc.

Nesse sentido, podemos concluir que através de situações do cotidiano dos educandos, o ensino da Matemática acontece de forma mais plena e significativa, além de também colaborar para a conscientização a respeito dos problemas presentes, o que pode estar contribuindo para a transformação da realidade, sendo os conhecimentos trabalhados entendidos como ferramentas para a mudança.

4.1.4 Ensino Religioso

No que se refere à área de Ensino Religioso, os Planos de Estudos (2008) pesquisados apresentam esta disciplina como aquela que pode despertar ideais, valores e esperanças traduzidas pelas diversas tradições e crenças existentes.

Neste sentido, Maturana e Rezepa (2002) salientam sobre a ênfase que o processo educativo deve dar a aprendizagem de valores como a solidariedade, a cooperação, o acolhimento e o reconhecimento do outro.

Maturana e Varela ainda salientam que:

Se sabemos que nosso mundo é sempre o que construímos com os outros, cada vez que nos encontramos em contradição ou oposição com outro ser humano com o qual desejamos conviver, nossa atitude não poderá ser reafirmar o que vemos do nosso próprio ponto de vista. (...) Caberá pois a busca de uma perspectiva mais abrangente, de um domínio experimental em que o outro também tenha lugar e no qual possamos construir um mundo juntamente com ele. (MATURANA; VARELA, 2001, p. 268)

Assim, percebemos esta área do conhecimento como fundamental para que os educandos possam posicionar-se de forma diferente frente ao meio e às pessoas com as quais convivem, partindo da premissa de que o ser humano não é um ser isolado. É um ser que se relaciona. Um ser integral, histórico, complexo, que busca. E é nesta relação e na necessidade de se relacionar que surge a prática religiosa, residindo aí sua importância dentro dos Planos de Estudos para o Ensino Religioso, o qual pode ajudar muito o educando a melhorar a sua relação com o outro e com meio onde vive.

Os Planos de Estudos para esta área apresentam-na como extremamente necessária dentro do currículo escolar, justificando que:

A presença da disciplina de Ensino Religioso apresenta-se como desafiadora, fazendo-se extremamente necessária. As opiniões, o proceder do ser humano está intimamente ligado às suas vivências e crenças. E é no ambiente escolar, onde se trabalha o ser humano como um todo, que essas vivências pulsam, se manifestando em todas as práticas e falas, tanto de educandos quanto de educadores. (Planos de Estudos de Ensino Religioso, 2008, p. 02)

A Proposta elaborada para esta disciplina, apresenta a prática do diálogo como indispensável para um bom andamento do conhecimento em sala de aula. Trabalha as dúvidas, os anseios, as inquietações dos alunos, auxiliando-os a fundamentarem suas crenças e repensá-las.

Nesta lógica, cabe ao professor o papel de dialogar, estimular os alunos à reflexão e trazer informações significativas, para que se construa uma aprendizagem plena e significativa.

Entre seus conteúdos mínimos cabe destacarmos: eu e o transcendente, quem sou eu, eu e os outros, eu e a família, eu e a escola, eu na sociedade.

Faz referência a necessidade que o homem possui de estabelecer relações com o Transcendente, sendo esta uma dimensão essencialmente humana. O estabelecimento dessas relações ocorre não somente com o Transcendente, no qual o homem busca respostas para perguntas não atendidas no plano humano, mas acontece, também, nas relações com o mundo, com o outro e com a natureza. De acordo com os Planos de Estudos construídos para o Ensino Religioso, uma forma do ser humano inteirar-se e aprofundar-se na busca pelo Transcendente é através do estudo dos Textos Sagrados. Neste sentido trabalha-se com a Bíblia a fim de discutir valores.

Cabe enfatizarmos novamente a importância de trabalharmos valores, na perspectiva de transformar as relações entre os homens frente ao Planeta. Especialmente se forem trabalhados valores éticos e morais orientados para uma nova lógica, um novo paradigma, sob a ótica da sustentabilidade e da equidade.

Em sua concepção pedagógica, O Plano faz referência ao tema “relacionamentos”, visto que, como seres humanos, somos chamados a nos relacionar com os outros e, neste relacionamento, a descobrir o verdadeiro sentido da vida. Relacionar-me com o outro é transcender os limites do meu mundo e atingir a essência humana que se encontra nas relações. Nesta relação passamos também a nos sentir responsáveis pela vida de outros. E sentindo-se responsáveis pela vida de outros, conseqüentemente as pessoas passam a comportar-se de forma diferente, tratá-las melhor, valorizando o cuidado e o respeito.

Salientamos, no Plano em questão, que a dimensão religiosa e transcendente produz relações éticas, morais e de sabedoria que possibilitam a convivência humana tornando os educandos capazes de pautar a vida por valores éticos, morais e religiosos essenciais a qualquer sociedade.

Faz referência à prática do amor como aquela que realiza e torna as pessoas mais felizes.

As pessoas cultivam o amor, a fé, através da mediação, da cultura, de crenças e valores, realizada pelos pais, famílias, educadores, na escola, nas relações pessoais, grupais e sociais. E o amor é demonstrado e experimentado em relacionamentos. Há necessidade de amor mútuo. O amor verdadeiro inclui respeito, honra, apreciação, consideração e gera o senso de pertencer, o desejo de agradar e de procurar o ajustamento necessário – e esse amor vem de Deus. (Planos de Estudos de Ensino Religioso, 2008, p.09)

Complementando as ideias acima, no que se refere ao amor, Maturana e Varela nos coloca que:

(...) tudo isso nos permite perceber que o amor ou, se não quisermos usar uma palavra tão forte, a aceitação do outro junto a nós na convivência, é o fundamento biológico do fenômeno social. Sem amor, sem aceitação do outro junto a nós, não há socialização, e sem esta não há humanidade. (MATURANA; VARELA 2001, p. 269)

No que diz respeito ao tratamento metodológico do Ensino Religioso, o mesmo dedica-se a três ações relevantes: observar, refletir e informar. Estas práticas devem andar juntas, objetivando o conhecimento, amadurecimento e respeito para com as diferentes manifestações religiosas.

Nesta linha, Delors (2006) salienta que:

A educação deve, pois, procurar tornar o indivíduo mais consciente de suas raízes, a fim de dispor de referências que lhe permitam situar-se no mundo, e deve ensinar-lhe o respeito pelas outras culturas (...) O conhecimento das outras culturas torna-nos, pois conscientes da singularidade da nossa própria cultura mas também da existência de um patrimônio comum ao conjunto da humanidade. (DELORS, 2006, p. 48)

Desta forma, reconhecendo a sua própria cultura e respeitando as diferentes, o educando torna-se capaz de sentir-se responsável pelo todo, conscientizando-se de que precisamos buscar valores comuns, despertando para a solidariedade o que poderia contribuir para a edificação de um mundo melhor.

A proposta construída para esta área também enfatiza a prática da pesquisa, justificando que através desta metodologia o educando percebe com maior clareza a vivência religiosa de diversos povos, fortalecendo assim a sua própria experiência

de fé. Buscar novos conhecimentos, aprofundando-os como educando/pesquisador, propicia uma maior sensibilidade em relação à crença do outro, desenvolvendo a tolerância e o respeito pelo diferente.

Nas aulas de Ensino Religioso, o sensibilizar é prática necessária e relevante. Assim, salientamos que a presença da música é notável, trazendo consigo momentos únicos de reflexão e aprendizado, onde os jogos e as dinâmicas trazem à sala de aula a vivência de questões éticas e valores que precisam ser pensados e repensados a fim de que possam se estabelecer novas relações entre as pessoas e uma nova forma de encarar a vida e o mundo.

Destacamos alguns critérios de promoção utilizados para o avanço dos educandos de uma série para a outra, por estarem relacionados: desenvolver o sentimento ecológico como forma de respeito à convivência e à Criação; desenvolver o senso crítico frente a questões presentes no nosso dia-a-dia (aborto, clonagem, drogas, fome, etc.); desenvolver seu relacionamento com o outro, redimensionando o seu eu pessoal para o nós, fortalecendo seu relacionamento com o transcendente/Deus; reconhecer que a solidariedade é agente transformadora na sociedade.

Podemos relacionar a proposta construída para esta área do conhecimento com o que Maturana e Rezepa (2000) nos fazem refletir no que diz respeito à importância do ato pedagógico no amor, no acolhimento, no respeito, na solidariedade. Os referidos autores ainda complementam que:

A tarefa da educação escolar é permitir e facilitar o crescimento das crianças como seres humanos que respeitam a si próprios e os outros com consciência social e ecológica, de modo que possam atuar com responsabilidade e liberdade na comunidade a que pertencem (MATURANA; REZEPA 2000, p.13)

Uma proposta assim, calcada nestes ideais, muito tem a contribuir no que se refere a uma nova forma de relacionamento dos seres humanos entre si e com o meio onde vivem, construindo o que Pádua e Tabanez (1998) indicam como importante para estimular maior integração e harmonia dos indivíduos com a realidade na qual se encontram inseridos.

Também é importante salientarmos a referência que esta disciplina faz a questão ambiental, propondo trabalhar a partir do mundo maravilhoso criado por Deus e como o ser humano vem agindo frente a este mundo. Esta discussão muito

tem a contribuir no que se refere ao estabelecimento de novas relações entre os seres humanos e o ambiente, estabelecendo novas formas de conduta e comportamento, o que se apresenta, de acordo com Dias (1999), como a principal função da Educação Ambiental.

Nesse sentido, o Ensino Religioso também pode colaborar no que se refere à edificação de um mundo mais harmonioso, justo e feliz, visto que seu currículo está voltado para a reflexão acerca dos homens e de suas relações com o outro e com o meio; tudo isso trabalhando com valores, sonhos e emoções, sendo que as emoções, de acordo com Barcelos (2004), são o que especificará o mundo que desejamos criar.

4.1.5 História

Quanto à área de História, os Planos de Estudos (2008) pesquisados deixam claro que esta disciplina tem como base o desenvolvimento intelectual do educando, introduzindo o conteúdo a ser estudado por um problema situado no tempo presente, buscando em tempos passados as respostas para as indagações feitas, contemplando a história do cotidiano, as ações de pessoas comuns – homens, mulheres, crianças e idosos na constituição histórica e não exclusivamente nas ações de políticos e das elites sociais.

Nesse sentido, enfatizamos um processo educativo voltado para a conscientização dos homens a respeito da realidade na qual se encontram inseridos. Assim, o conhecimento é:

tomado como “lente” teórica que filtra a realidade, considerando os fenômenos mais ou menos reais, enquadra expectativas de realidade de acordo com a inserção sócio-histórica. Não vê tudo, nem quer, mas o que se pode e somos levados a ver dentro da respectiva sociedade. (DEMO, 2002, p. 37)

Nos anos finais do Ensino Fundamental, os estudos baseiam-se em uma História social ou sociocultural, com isso o aluno estará construindo formas de identificação da realização da história, superando o egocentrismo e o individualismo na compreensão do caráter social da experiência humana.

A opção é pela História Sociocultural, a qual é justificada pela série de conceitos selecionados como fundamentais para esta área, destacando-se os de cultura, trabalho, organização social, relações de poder e representações. O conceito de cultura procura substituir o de civilização, na visão eurocêntrica e compreender que os homens, para sobreviverem, se relacionam com a natureza e entre si, e que nesse processo produzem cultura, que abrange, portanto, todas as manifestações históricas dos grupos humanos.

A constituição de identidades apresenta-se em sua Proposta Pedagógica associada à formação da cidadania, encarada como um problema essencial na atualidade, tendo em vista que a contribuição da História tem-se dado na formação dessa cidadania, associada mais explicitamente à do cidadão político.

De acordo com seus Planos de Estudos, a História visa:

Situar as pessoas no presente, possibilitando que tenham condições, através do estudo da História, de refletir sobre tais acontecimentos, localizá-los em um tempo conjuntural e estrutural, estabelecer relações entre os diversos fatos de ordem política, econômica e cultural. (Planos de Estudos de História, 2008, p. 02)

Por outro lado, a finalidade de uma formação política atribuída ao ensino de História está articulada à da formação intelectual, desenvolvendo um pensamento crítico que se constitui na capacidade de observar e descrever, estabelecer relações entre o presente e o passado, fazer comparações e identificar semelhanças e diferenças entre a diversidade de acontecimentos no presente e no passado.

Outra responsabilidade da História no currículo escolar é a formação humanística, abrangendo as reflexões e estudos sobre as atuais condições humanas, mas que se fundamenta nas singularidades e no respeito pelas diferenças étnicas, religiosas, sexuais, econômica e social das diversas sociedades.

No que se refere a suas práticas, de acordo com o que fica estabelecido em seus Planos de Estudos:

No ensino de História é necessário recorrer a vários instrumentos pedagógicos como livros didáticos, a literatura, textos de jornais, uso de imagens, música, hipertextos, documentos, entrevistas, entre outros. (Planos de Estudos de História, 2008, p. 01)

A perspectiva histórica permite uma visão não apenas abrangente ao estabelecer relações entre passado-presente, na busca de explicações do atual estágio da humanidade, como permite identificar as semelhanças e diferenças que têm marcado a trajetória dos homens no Planeta Terra, significa rever as relações entre homem e natureza e também situar, no tempo, as permanências de conflitos geradores de violências de diferentes níveis e em diferentes locais, dentro das casas, das favelas, nos grandes centros urbanos, nas áreas rurais ou em campos de batalha.

Nesta perspectiva, a História tem como papel central a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e a práxis individual e coletiva.

Assim, podemos pensar a História como uma disciplina fundamentalmente educativa, formativa, emancipatória e libertadora. Valorizando a problematização, a análise e a crítica da realidade, concebendo alunos e professores como sujeitos que produzem história e conhecimento em sala de aula, sujeitos históricos que cotidianamente atuam, lutam e resistem nos diversos espaços de vivência.

Neste contexto, segundo seus Planos de Estudos:

A História no atual momento histórico torna fundamental a busca incessante do fim da exclusão, sendo a escola um espaço de construção de saberes e práticas fundamentais, reconstruindo a passagem de libertação do homem de súdito para cidadão. Somente um ensino de História comprometido com a análise crítica da diversidade da experiência humana pode contribuir para a luta permanente e fundamental da sociedade, direitos do homem, democracia e paz. (Planos de Estudos de História, 2008, p. 02)

De acordo com os fatos analisados, podemos perceber a História como aquela que pode colaborar para a compreensão dos educandos sobre o modelo de desenvolvimento atual, despertando-os para uma nova forma de organizar a sociedade, um novo modelo de desenvolvimento, mais sustentável. Uma visão histórica, onde se apresente uma imagem fiel do passado, que pode acarretar novas esperanças para o futuro.

4.1.6 Arte

Passando para a disciplina de Arte, de acordo com os Planos de Estudos (2008) pesquisados, uma das funções desta área é a de exercer um fascínio permanente sobre os homens, superando inclusive a limitação do tempo histórico.

É importante salientar a citação presente no início dos Planos de Estudos (2008) construídos para esta área do conhecimento:

Por isso é importante que, nas escolas, as crianças e jovens tenham chance de conhecer as obras de arte, os estilos, a história da arte. Que a arte seja mostrada como dado de prazer e de saber, capaz de transformar, aumentar conhecimentos e embelezar a vida. (RIBEIRO, apud Planos de Estudos de Arte, 2008, p. 02)

Salientamos, segundo os Planos de Estudos para esta área, que através do ensino da Arte o homem compreende melhor a si mesmo e ao mundo que o rodeia.

Neste sentido, é importante destacarmos que esta aprendizagem, do conhecer-se melhor e ao outro, possibilita que as pessoas passem a ver a vida e agir de forma diferente, já que passam a respeitar-se, a respeitar o outro, e a comprometer-se pelo destino comum de toda a sociedade.

De acordo com Delors (2006), o fim último da educação no século XXI deve ser auxiliar as pessoas a viverem juntas e em harmonia. O mesmo autor ainda complementa que a educação será marcante na definição do caráter das pessoas e na sua concepção e prática de cidadania.

Assim, pelo que fica estabelecido em seus Planos de Estudos, a Arte muito tem a contribuir no sentido de “embelezar” as relações entre as pessoas e consequentemente, destas com o meio que as cerca.

No que se refere à metodologia trabalhada, de acordo com os Planos de Estudos para a área de Arte, a apreciação tem muito a contribuir no ensino dos educandos, pois a educação do olhar é imprescindível. Construir sentidos ao que vemos, apontar novos significados, questionar, tudo é processo de alfabetização estética, que desenvolve no apreciador um “sensível olhar pensante”.

Nesta linha, os Planos de Estudos complementam que:

No ensino da Arte, é fundamental a prática constante da visualização de obras. Quanto mais o aluno ver imagens, maior será seu repertório e entendimento em Arte. É necessária esta prática para a educação do olhar, onde os objetos e imagens são pensados, analisados e confrontados com outros já vistos. Esta educação se dá não só pela visualização de obras, mas também através da observação de imagens do nosso cotidiano, como fotografias publicitárias, propagandas, programas de TV, filmes, a paisagem, o caminho até a escola, enfim, tudo que os cerca pode ser material que proporcionará esta educação.

Faz-se importante também estimular o aluno a ser um pesquisador em Arte, tendo o professor o papel de mediador entre o aluno e o objeto estudado.(...)Os jogos em Arte também tornam-se significantes, a medida que trabalham de forma lúdica, prazerosa, os conteúdos trazidos para a sala de aula. O recurso visual de vídeos, DVDs, que trazem longa-metragem e documentários sobre artistas, linguagens plásticas, períodos da História da Arte, oferecem aos alunos um maior aprofundamento, pois cativam os alunos pela qualidade de som e imagem. O uso de recursos tecnológicos, como a máquina digital, o celular e o computador, com programas de criação como o Photoshop, Movie Maker, entre outros, e softwares de exploração, também são de extrema importância numa época em que a tecnologia faz-se intensamente presente no cotidiano das pessoas. (Planos de Estudos de Arte, 2008, p. 25)

Quanto à metodologia, ainda é possível constatarmos que esta área do conhecimento procura ser o mais criativa e dinâmica possível com o intuito de se aproximar ao máximo dos educandos, tocando-os e sensibilizando-os, visto que não é com qualquer atividade que se chega a este objetivo.

Quando faz referência a ideia de desenvolver nos educandos um olhar pensante, isto nos remete ao fato de podermos estar criando e recriando significações para tudo que se encontra a nossa volta, exercitando a constante possibilidade de transformação do ser humano e da sociedade. Desta maneira, o educando cria e recria significações, pensando também alternativas para a melhoria da qualidade de vida.

Nesta linha, seus Planos de Estudos explicitam que :

Participando desta dinâmica da contextualização e apreciação, o fazer artístico não se limita apenas à prática de atividades, mas torna-se fundamental para que o educando projete-se como criador, podendo expressar seus

sentimentos e emoções, exprimindo e dando significado as suas relações com o mundo, tendo autenticidade, criando uma linguagem própria e saindo do senso comum. Nesta dinâmica, o papel da obra de Arte é ser um suporte interpretativo, e não um modelo a ser reproduzido. (Planos de Estudos de Arte, 2008, p. 03)

Ampliando a discussão sobre a prática da contextualização, nos últimos anos, notamos um aprofundamento expressivo das relações da Arte com os processos tecnológicos, com a cultura contemporânea sendo invadida pelas linguagens audiovisuais.

Assim, cabe aos educadores em Arte assimilar esta questão, tendo posicionamento investigativo e crítico, trazendo a Arte Contemporânea para discussão, apreciação e questionamento. Os Planos de Estudos de Arte salientam que “trabalhar com estes novos meios de criação é tarefa desafiadora e necessária nas escolas, pois contribui na formação crítica e estética dos alunos.”

Na Rede Municipal de Educação, a Arte aparece como uma proposta comprometida com a História da Arte já construída ao longo dos séculos e também com aquela que estamos construindo e vivenciando, tendo os educadores a prática da pesquisa e constante atualização quanto às linguagens e manifestações artísticas contemporâneas. Tudo isso acreditando que o fazer, o apreciar e o contextualizar caminham juntos no ensino e criam uma dinâmica de aprendizagem mais profunda e enriquecedora:

Uma educação do ver, do olhar, do observar, desvela as nuances e características do próprio cotidiano e vai além, propondo rupturas com o instituído, com aquilo que é oferecido pelas imagens veiculadas pelos meios midiáticos como representações verdadeiras e únicas sobre o mundo. (Planos de Estudos, 2008, p. 04)

Nesse sentido, o ensino de Arte é uma das vias para questionarmos o que está estabelecido, aguçando os sentidos, aglutinando expressão e vida, a fim de produzir propostas no campo da visualidade que possibilitem indagações sobre a própria vida e sobre a realidade na qual nos encontramos inseridos.

O ensino da Arte, de acordo com o que fica estabelecido em seus Planos de Estudos, precisa contribuir para que, tanto as crianças como os adolescentes pos-

sam elaborar sua linguagem expressiva, entendida aqui como uma forma de ler e representar suas relações singulares com o mundo.

Nesta perspectiva, o educando projeta-se como criador, podendo expressar seus sentimentos e emoções, exprimindo e dando significado as suas relações com o mundo, passando a relacionar, questionar, desenvolvendo sua criticidade.

É preciso aprender a ver, a ler, a ouvir, a interpretar, somente assim estaremos aptos a interagir com o mundo e com os outros. Nesse sentido, a Arte pode estar auxiliando o educando em sua produção e em sua compreensão de si mesmo e do mundo em sua volta, favorecendo uma visão mais ampla das problemáticas enfrentadas, despertando para possíveis intervenções.

4.1.7 Língua Estrangeira Moderna – Inglês

No que diz respeito à disciplina de Língua Inglesa, os Planos de Estudos (2008) pesquisados apresentam seu ensino como fundamental nas sociedades modernas. Seja pelo uso predominante do idioma na comunidade internacional em tempos de globalização, pelo acesso direto que possibilita à ciência e à tecnologia ou pelo aprimoramento das atividades profissionais proporcionado por seu uso em diversas áreas.

De acordo com seus Planos de Estudos:

Desde que a Língua Inglesa foi incorporada como uma das línguas a serem ensinadas na escola, seu status vem se alternando progressivamente. Hoje, a tendência é desatrelar esta língua de nações e considerá-la como língua franca do planeta. Isto significa que ela exerce o papel de mediadora entre pessoas de diferentes línguas maternas, constituindo um espaço de comunicação intercultural. Com a diminuição das distâncias entre pessoas de diferentes partes do mundo (através da Internet e das novas tecnologias de comunicação), a língua inglesa se apresenta como uma área de conhecimento fundamental para atuação em diversas esferas da vida social. (Planos de Estudos de Língua Estrangeira Moderna-Inglês, 2008, p. 01)

Analisando a questão da importância da Língua Inglesa diante do mundo globalizado também é importante considerarmos que o trabalho com uma outra língua

pode desenvolver nos educandos o senso de pertencimento, ajudando-os a compreenderem que fazemos parte de um todo comum.

Sob este prisma, Capra (1997) nos leva a refletir sobre o fato de todas as coisas estarem conectadas, formando um todo comum:

Todos os seres vivos são membros de comunidades ecológicas ligadas umas as outras numa rede de interdependências. Quando esta percepção ecológica profunda torna-se parte de nossa consciência cotidiana, emerge um sistema de ética radicalmente novo. (CAPRA, 1997, p. 28)

Nesse ponto, podemos considerar que a Língua Estrangeira pode estar favorecendo a construção de uma nova ética, tão necessária diante do cenário social e ambiental presente, o qual exige medidas urgentes.

A aquisição de línguas estrangeiras, segundo os Planos de Estudos construídos para esta área, também permite ao aluno conhecer diferentes culturas, hábitos, costumes e valores que ampliarão sua visão de mundo, bem como estarão contribuindo para o desenvolvimento pessoal e profissional, pois um segundo idioma representa hoje uma qualificação básica fundamental. Favorece, também, o desenvolvimento cognitivo, linguístico e afetivo do aluno.

De acordo com os Planos de Estudos:

É preciso reconhecer cada sociedade como parte de uma economia global, em que a informação pode ser partilhada instantaneamente, mas que exige uma rápida reestruturação da organização social para que se possa ter acesso a essa informação(...) Essas características do mundo moderno têm, por certo, implicações importantes para o processo educacional como um todo, e, particularmente, para o ensino de línguas na escola. (Planos de Estudos de Língua Estrangeira Moderna-Inglês, 2008, p. 03)

Nesse sentido, é importante que consideremos como preparar os jovens para responderem às exigências do novo mundo. Para ser um participante atuante é preciso ser capaz de se comunicar. O desenvolvimento de habilidades comunicativas, em mais de uma língua, é fundamental para o acesso à sociedade da informação.

De acordo com estas ideias Lange (2006) nos coloca que:

Com esta realidade surge a necessidade de um “novo trabalhador”, com conhecimentos científico - tecnológicos e histórico-sociais, que domine além

da língua materna, línguas estrangeiras, a linguagem informática e as novas formas trazidas pela semiótica; que possua autonomia intelectual, acompanhe a dinamicidade do mundo, comunique-se e resolva os problemas utilizando-se desses recursos. Esse processo exige que novas “marcas” sejam inseridas nos “corpos”, preparando-os para as novas situações desafiadoras de um novo tempo. (LANGE, 2006, p. 19)

Sob este prisma, enfatizamos que para que as pessoas tenham acesso mais igualitário ao mundo dos negócios, do trabalho e da vida em geral, é relevante afirmar que o ensino de Língua Estrangeira torna-se indispensável. Sendo que a tendência do mundo de hoje para o futuro é a dependência cada vez maior na troca de informação, a linguagem e as línguas estão no cerne da questão.

Cabe aqui recorrermos ao conceito Freireano de educação como força libertadora, aplicando-o ao ensino de Língua Estrangeira. Uma ou mais línguas estrangeiras que concorram para o desenvolvimento individual e nacional podem ser também entendidas como força libertadora tanto em termos culturais quanto profissionais. A este respeito, os Planos de Estudos desta área salientam que:

A aprendizagem de Língua Estrangeira aguça a percepção e, ao abrir a porta para o mundo, propicia acesso à informação, mas também torna os indivíduos e, conseqüentemente, os países, mais bem conhecidos no mundo. Essa é uma visão de ensino de Língua Estrangeira como força libertadora de indivíduos e de países. Esse conceito tem sido bastante discutido também no âmbito de ensino da língua materna. Pode-se considerar o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre a linguagem como parte dessa visão lingüística como libertação. (Planos de Estudos de Língua Estrangeira Moderna-Inglês, 2008, p. 04)

No que diz respeito ao que se espera que os educandos sejam capazes a partir do ensino da Língua Estrangeira no Ensino Fundamental, salientamos:

que o aluno seja capaz de identificar no universo que o cerca, as línguas estrangeiras que cooperam nos sistemas de comunicação, percebendo-se como parte integrante de um mundo plurilíngüe e compreendendo o papel hegemônico que algumas línguas desempenham em determinado momento histórico; vivenciar uma experiência de comunicação humana, pelo uso de uma língua estrangeira, no que se refere a novas maneiras de se

expressar e de ver o mundo, refletindo sobre os costumes ou maneiras de agir e interagir e as visões de seu próprio mundo, possibilitando maior entendimento de um mundo plural e de seu próprio papel como cidadão de seu país e do mundo; reconhecer que o aprendizado de uma ou mais línguas lhe possibilita o acesso a bens culturais da humanidade construídos em outras partes do mundo; ler e valorizar a leitura como fonte de informação e prazer, utilizando-a como meio de acesso ao mundo do trabalho e dos estudos avançados; utilizar outras habilidades comunicativas de modo a poder atuar em situações diversas. (Planos de Estudos de Língua Estrangeira Moderna-Inglês, 2008, p. 05)

4.1.8 Educação Física

No que se refere à área de Educação Física, os Planos de Estudos (2008) pesquisados apresentam esta disciplina com a função de possibilitar a inserção, o estudo e a vivência de elementos que se referem à motricidade humana e à cultura corporal de movimento, assim como o estudo das representações socioculturais relativas à cultura corporal de movimento e à saúde, proporcionando que o educando possa se introduzir, ler e participar do mundo de forma digna, crítica e autônoma, criando, transformando e (re) significando sentidos e significados.

Nesta compreensão de Educação Física escolar, a necessidade de primar pelo princípio da diversidade de vivências e estudos relativos às práticas da cultura corporal de movimento é fundamental.

Assim, o leque de conteúdos possíveis de serem abordados por esta disciplina escolar se torna amplo e diversificado. Desta forma, a intencionalidade é de que as possibilidades e as formas de abordagem dessa diversidade de conteúdos sejam construídas paulatinamente no coletivo dos professores da área de Educação Física, através de estudos sistemáticos e da ação-reflexão no campo de intervenção pedagógica.

A Rede Municipal de Ensino de Panambi trabalha a partir de conceitos, o que, segundo seus Planos de Estudos, torna a disciplina muito mais significativa para seus educandos. Entre os conceitos trabalhados, ressaltamos:

Saúde- é uma condição de equilíbrio e bem estar biopsicossocial individual e ou coletivo, que depende diretamente de uma diversidade de fatores, en-

tre eles: do funcionamento anátomo-fisiológico de órgãos e sistemas na relação com alimentação/nutrição, trabalho-reposo-lazer-atividade física, condições de moradia, transporte, qualidade e acesso à assistência médica, justa distribuição de renda, consumo e circulação de bens...É uma questão não só biológica como também de caráter sócio-cultural;

Lazer- É um fenômeno moderno que se coloca no espaço do chamado tempo livre do trabalhador. É um espaço de trocas culturais, atividades contemplativas, de descanso. É um espaço de produção de cultura, ou seja, de intensa interação humana atravessado por várias dimensões da organização social, como os aspectos mercadológicos, políticos, religiosos e etc.;

Expressão Corporal- Nos remete ao corpo dotado do direito de expressão, considerando o caráter subjetivo e emocional, fantasioso. É o corpo desinibido, capaz de ação, consciente, que ao movimentar-se contrasta com formas mecanizadas e ritualizadas estabelecidas culturalmente;

Lúdico/ludicidade - é um "estado" que se manifesta em várias manifestações humanas (em particular, para a área de Educação Física, em atividades corporais), que para ser compreendida como tal, é composta em maior ou menor grau de algumas características como: espontaneidade, criatividade, imaginação, prazer, alegria e divertimento. (Planos de Estudos de Educação Física, 2008, p. 03)

Também envolve em seu currículo o desenvolvimento de atividades que procurem despertar os educandos para atitudes como: cooperação; respeito pelos demais; colaboração com o grupo; saber ouvir, interpretar, manifestar-se como sujeito corpóreo, questionar-se, contrapor, argumentar; respeitar-se a si mesmo e ao outro frente a desafios.

Nessa direção, a Educação Física vai ao encontro do que Delors (2006) nos coloca se referindo ao papel que a educação tem para com seus educandos e a sociedade. De acordo com este autor, a humanidade deve ser orientada com o propósito de uma compreensão mútua, ampliando o sentido da aceitação e da solidariedade, caminhando para o apaziguamento e a integração.

Assim fica evidente que a Educação Física, a partir da forma como é apresentada em seus Planos de Estudos, muito pode colaborar no sentido de que haja mais respeito no que se refere aos educandos consigo mesmos e para com os outros.

Este despertar para o respeito pela diferença e a diversidade também proporciona uma nova forma de encarar as relações, a vida, e o mundo.

Nesta discussão, salientamos algumas contribuições de Maturana e Rezepa (2000), que nos propõem que a principal tarefa da escola deveria ser a de facilitar o desenvolvimento das crianças como criaturas que aceitam e respeitam a si mesmas e aos outros no convívio diário.

Os educadores, nesse sentido, têm a grande responsabilidade de criarem condições nas quais os educandos adquiram esta consciência.

No que se refere à metodologia de trabalho utilizada pelos educadores da Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Panambi, percebemos que a mesma procura ser bastante diversificada e significativa. A prática do jogo pode tanto ser vista como um conteúdo quanto como uma estratégia de ensino. Também faz-se uso de músicas, da dança, realizam-se exercícios individuais e grupais, realizam-se circuitos, campeonatos, festivais, gincanas, etc.

Preocupa-se muito com princípios como o da inclusão, pelo que os conteúdos e estratégias escolhidos devem sempre propiciar a inclusão de todos os alunos e da diversidade. Entre os princípios norteadores, explícitos em seus Planos de Estudos destacamos:

- Princípio da complexidade

Os conteúdos devem adquirir complexidade crescente com o decorrer das séries, tanto do ponto de vista estritamente motor (habilidades básicas à combinação de habilidades, habilidades especializadas, etc.) como cognitivo (da simples informação à capacidade de análise, de crítica, etc.).

- Princípio da adequação ao aluno

Em todas as fases do processo de ensino devem-se levar em conta as características, capacidades e interesses do aluno, na perspectiva motora, afetiva, social e cognitiva. .(Planos de Estudos de Educação Física, 2008, p. 16)

A partir destes princípios fica evidente que a Educação Física vai muito além do que apenas desenvolver a motricidade e a coordenação, ela também preocupa-se com o afetivo e o social.

Diante deste ir além, cabe ressaltarmos alguns objetivos gerais da Educação Física para o Ensino Fundamental:

que os alunos (as) consigam participar de atividades corporais, mantendo relações equilibradas e construtivas com seus pares, que sejam capazes de respeitar características físicas e de desempenho próprias e dos demais, sem discriminações de ordem física, social e sexual; que os alunos (as) sejam capazes de repudiar qualquer espécie de violência, adotando atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade nas práticas da cultura corporal de movimento; que os alunos (as) conheçam, valorizem, respeitem e desfrutem da pluralidade de manifestações da cultura corporal do Brasil e do mundo, percebendo-as como recurso valioso para o intercâmbio entre pessoas e entre diferentes grupos sociais e étnicos; que os alunos (as) consigam se auto-organizar na prática de atividades corporais, e também agir de forma colaborativa e construtiva em momentos de organização coletiva para o desenvolvimento de tais práticas; que os alunos (as) compreendam os aspectos amplos ligados ao conceito de saúde, sua promoção e manutenção, a partir de referenciais biológicos, culturais e sociais; que os alunos (as) sejam estimulados a compreender de forma ampla e crítica aspectos relacionados ao conceito de beleza, passando a discutir, perceber e compreender criticamente temas relacionados como: auto-imagem, culto ao corpo, idéia de corpo ideal e consumo; que os alunos (as) possam compreender e reconhecer o lazer como necessidade básica e direito do cidadão assim como a importância da manutenção de espaços adequados para tal. (Planos de Estudos de Educação Física, 2008, p. 08)

Tendo em vista os objetivos estabelecidos, é possível constatar que esta área do conhecimento pode colaborar para que se institua uma nova forma de relações dos seres humanos entre si e frente ao meio onde vivem, já que incita as pessoas à compreensão, à busca de direitos, à criticidade, à solidariedade, ao respeito, enfim, muitos valores que poderão estar construindo novos cidadãos, movidos por novos princípios.

Também é importante mencionarmos que a Educação Física é responsável por implementar e coordenar vários projetos socioeducacionais, cujo objetivo prioritário é beneficiar crianças e adolescentes matriculados na rede municipal de ensino, que porventura estejam no quadro considerado situação de risco social e também dificuldades de aprendizagem e ou de ordem médica. Reserva-se neste projeto uma cota de 10% das vagas para atender alunos e alunas provenientes da rede estadual de ensino.

Entre os projetos ofertados estão: capoeira, orientação, futsal, futebol de campo, dança, ginástica escolar, natação, jogos desportivos e handebol. Estes projetos são desenvolvidos em diversos locais: nas próprias escolas, nos centros esportivos da comunidade e academias de ginástica.

No que diz respeito a estes projetos, os mesmos poderão estar contribuindo para a formação de pessoas mais participativas, atuantes e felizes, as quais também vão querer viver em uma realidade melhor, mais justa e fraterna e em um ambiente ecologicamente equilibrado.

4.1.9 Língua Portuguesa

De acordo com esta área do conhecimento, pela pesquisa realizada em seus Planos de Estudos (2008), a mesma parte da ideia de que o currículo deve desempenhar a função de tornar as pessoas capazes de compreenderem o papel que devem ter na mudança de seus contextos imediatos e da sociedade em geral, bem como de ajudá-las a adquirirem os conhecimentos e as habilidades necessárias para que isso aconteça.

A esse respeito Oliveira e Paiva (2004) nos apresentam que:

a escola deverá incorporar efetivamente os conhecimentos – conteúdos e competências – necessários para que o indivíduo possa desenvolver-se física, afetiva, intelectual e moralmente, a fim de desempenhar-se com autonomia no âmbito político, econômico e social no seu contexto de vida. (OLIVEIRA; PAIVA, 2004, p.9)

Neste sentido, de acordo com seus Planos de Estudos, o ensino de Língua Portuguesa hoje não pode se dar sem a consideração de três elementos básicos:

o aluno – este nos leva a considerar a cultura, as potencialidades, a diversidade, as necessidades, o educando como sujeito de direitos, os processos de desenvolvimento e aprendizagem, as características dos períodos de vida;

o objeto de conhecimento – o que nos leva a retomar o que é conhecimento escolar, o que é relevante, precisa ser socializado, o que é bem cultural, o que é instrumento de atuação individual e coletiva, os conteúdos;

a prática educacional – para pensarmos o papel do educador, o educador como profissional e sujeito de direitos, o planejamento, a função da escola, o que é currículo escolar, a diversidade, a avaliação, a metodologia.(Planos de Estudos de Língua Portuguesa, 2008, p. 03)

Desta forma, conforme o que se propõe em seu currículo, os conteúdos devem ser relacionados ao contexto vivido por seus educandos, seus anseios, seus desafios.

O discurso se manifesta linguisticamente através de textos, os quais, levando-se em consideração que os conhecimentos devem partir da realidade vivida por seus educandos, devem ser textos da vida, existindo para cumprir uma função no cotidiano das pessoas e das relações.

No que se refere à importância da escrita, seus Planos de Estudos expressam que a escola deve significá-la como produção de conhecimento afim de que seus educandos possam ampliar sua capacidade expressiva.

A este respeito, os Planos de Estudos elaborados para esta área salientam que:

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.(Planos de Estudos de Língua Portuguesa, 2008, p. 03)

Na Rede Municipal de Ensino de Panambi, segundo o que fica explícito em seus Planos de Estudos, a área de Língua Portuguesa deslocou o eixo do ensino voltado para a memorização de regras e nomenclaturas para um ensino cuja finalidade é o desenvolvimento da competência textual, isto é, o desenvolvimento da capacidade de produzir e interpretar textos.

Nesta perspectiva não cabe mais a divisão do ensino de Língua Portuguesa em ensino do sistema alfabético e ensino da língua (redação, ortografia e gramática), nem o tratamento da língua descontextualizado como conteúdo em si.

Assim, cabe a Língua Portuguesa desenvolver em seus educandos a capacidade de analisar, refletir e reescrever textos próprios, a partir da leitura/análise de

diversos tipos de texto, selecionando e utilizando informações significativas, pertinentes à temática/assunto abordado.

Quanto a metodologia, salientamos o uso de jornais e revistas, a realização de seminários sobre assuntos estudados, comentários, debates, exercício de opinar, discordar e convencer a partir da leitura de textos polêmicos, etc.

A partir de todos os dados apresentados, é possível concluirmos a importância da área de Língua Portuguesa para a formação de alunos conscientes e críticos, preparados para entenderem as complexidades do mundo presente, posicionando-se e sendo agentes de mudança.

Quanto a esta questão, Oliveira e Paiva (2004) complementam que desta forma os objetivos do trabalho pedagógico deixam de ser apenas os de levar aos alunos conteúdos clássicos, passando a incorporar nos conhecimentos as possibilidades de contribuir para as ações concretas que os educandos são desafiados a desenvolverem em suas vidas cotidianas, favorecendo assim a melhora de sua qualidade de vida.

4.1.10 Filosofia

A Filosofia, a partir de tudo que pode ser verificado em seus Planos de Estudos, procura problematizar os fatos, sendo tratada como aquela em que se propõe a ideia de não aceitar como óbvias e evidentes as coisas, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido.

A este respeito, é importante considerarmos que a disciplina em questão também pode ser vista como um instrumento de transformação social, contribuindo para a constituição de cidadãos livres, críticos, reflexivos e atuantes, que compreendem melhor a si e ao mundo que os rodeia.

Neste contexto, percebemos que a relação do que se tem construído nos Planos de Estudos de Filosofia vem ao encontro do que se conhece como uma educação Libertadora, já que esta também se preocupa em “educar tendo em conta a situação real do povo, das relações sociais, econômicas e políticas, analisando a realidade histórica.”(PIERRE, 1987, p. 27)

Considerando que nossas palavras refletem nossos conceitos, a Filosofia pela sua natureza de ciência da reflexão, pode ser a possibilidade, o canal de discus-

são para colaborar no esclarecimento de diversos conceitos que usamos quotidianamente sem saber o que significam.

Os Planos de Estudos construídos para a área da Filosofia dão ênfase ao esforço que esta disciplina desempenha ao procurar soluções para os problemas que afligem a época em que vivemos.

O interesse principal da Filosofia é por problemas não resolvidos. Seus aspectos históricos também são relevantes, pois podem ajudar na tarefa de investigação, análise, síntese e antítese.

A Filosofia somente existe na globalidade e na pluralidade, nesse sentido destacamos:

Que seu ensino colabora para a percepção global da realidade, da pluralidade, e da diversidade. Seu conhecimento acontece a partir da problematização da realidade vivida e das experiências reflexivas, onde o ato de perguntar é condição necessária à construção do conhecimento, que é construído nas relações do ser com o meio. (Planos de Estudos de Filosofia, 2008, p. 04)

Sobre este assunto, Oliveira (1989) complementa que:

essa compreensão dialética do processo educacional supõe e pressupõe que o processo de construção do conhecimento se faça de acordo com o processo de socialização pelo qual os indivíduos estejam passando. Pressupõe, portanto, o entendimento primeiro da realidade vivida pelos educandos envolvidos no processo. Pressupõe também que o professor e os estudantes compreendam que numa sociedade de classes a socialização se faz, via de regra, contraditoriamente sob interesses antagônicos, opondo quase sempre ideologias dominantes a ideologias dominadas (OLIVEIRA, 1989, p. 4)

Nesse sentido, a Filosofia pode estar colaborando para a conscientização no que se refere aos problemas vivenciados pelos educandos, procurando construir respostas, possibilitando a ampliação da leitura de mundo.

Ao favorecer o desenvolvimento de uma postura investigativa, também beneficia a formação de alunos críticos, capazes de se posicionar e agir diante da realidade presente, realidade esta, nas palavras de Morin e Kern (2002) marcada por:

Grandeza, horror. Sublimidades, atrocidades. Esplendores, misérias. As realidades ambivalentes e complexas da “natureza humana” se exprimem de forma fabulosa na História, cuja aventura prossegue, se desdobra, se exaspera na era planetária em que vivemos. Hoje, o destino da humanidade nos coloca com insistência extrema a questão chave: podemos sair dessa História? Essa aventura é o nosso único dever?(p. 17)

4.2 Relacionando as concepções, o currículo e as práticas presentes nos Planos de Estudos para as diferentes áreas do conhecimento com a Educação Ambiental

De acordo com o que foi apresentado anteriormente, no que se refere aos Planos de Estudos (2008) para cada disciplina trabalhada pela Rede Municipal de Ensino de Panambi; e também a partir das entrevistas realizadas junto aos responsáveis pelo Setor Pedagógico da SMEC e docentes das diferentes áreas do conhecimento a respeito das concepções, do currículo e das práticas trabalhadas pela rede municipal de ensino de Panambi, foi possível estabelecermos uma relação destas práticas, deste currículo e destas concepções com a Educação Ambiental.

Fica evidente a partir da análise das diferentes áreas que elas se encontram de acordo com o que a Educação Ambiental também propõe em termos de objetivos e finalidades.

Assim como a Educação Ambiental “procura promover o resgate e a criação de novos valores, proporcionando a todas as pessoas a possibilidade de adquirirem os conhecimentos necessários para interpretar e compreenderem a realidade vivida” (DIAS, 1999), a Rede Municipal de Ensino de Panambi também vem ao encontro destes ideais, o que fica evidente em alguns trechos de seus Planos de Estudos, que pretendem:

Situar o (a) aluno (a) no momento histórico em que vive, possibilitando-lhe o conhecimento do seu meio, para melhor entender o mundo; a compreensão da dinâmica histórica das transformações dos espaços, ampliando gradativamente a leitura, a análise e desejo de transformação da realidade. (Planos de Estudos de Geografia, 2008, p. 18)

A História tem como papel central a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e praxes individual e coletiva. (Planos de Estudos de História, 2008, p. 02)

Possibilitar a ampliação da leitura de mundo, questionando e apresentando novas perspectivas para a análise de eventos que cercam os alunos.

(Planos de Estudos de Filosofia, 2008, p. 05)

...um esforço sincero à procura inteligente de soluções para os problemas que afligem a época em que vivemos... (Planos de Estudos de Filosofia, 2008, p. 03)

Trabalhar a partir de problemas concretos vividos pela comunidade escolar é uma característica que perpassa todas as disciplinas, aparecendo em evidência nas diversas entrevistas realizadas e nos Planos de Estudos pesquisados, o que permite

que os temas relacionados ao ambiente possam ser vistos e discutidos pelas diferentes áreas, de forma integrada aos conteúdos específicos.

Esta ideia, de que o currículo precisa partir da realidade de vida dos educandos, se faz presente tanto nos Planos de Estudos, quanto nos relatos dos educadores entrevistados, dos quais salientamos a importância de sensibilizar os educandos e a comunidade escolar para as problemáticas vividas, colaborando para que comecem a refletir sobre suas atitudes.

Um currículo assim muito tem a colaborar para a construção de uma nova sociedade, com cidadãos comprometidos, críticos e participativos, dispostos a melhorarem a situação do meio onde vivem.

Diversos autores reforçam esta questão de uma maior aproximação entre os processos educacionais e a realidade vivida por seus educandos. Esta atitude proporciona uma análise sobre a realidade e uma aprendizagem muito mais plena e significativa. De acordo com Dias (1999), o currículo deve estar sempre em sintonia com as diferentes realidades vividas pelos educandos. Ele ainda salienta que para se compreender a complexidade da questão ambiental, seria necessário compreender primeiro a complexidade do próprio ambiente. Aloísio Ruscheinsky e Adriane Lobo Costa (2002) destacam que:

Partindo da leitura crítica da sua realidade, por meio da admiração, já nesse momento, um novo mundo se fez. E como o mundo está dentro de cada um, um novo homem também se faz. Logo, o reconhecimento do seu meio mais imediato e a compreensão do que possa estar distante, mas que nem por isso menos o afete, é uma dimensão importante da educação ambiental, na qual a pedagogia libertadora desempenha um papel fundamental. Ao serem problematizadas tais questões, iniciam-se as gestões que levam a transformação. (RUSCHEINSKY; COSTA, 2002, p. 87)

A Educação Ambiental também parte deste pressuposto, de que as práticas pedagógicas devem estar atreladas aos problemas enfrentados pelas comunidades onde as escolas se encontram inseridas. Sempre partir da realidade de vida dos educandos, de sua casa, seu bairro, município, Estado, País, Mundo... Assim, os mesmos começam a pensar e agir globalmente, ampliando sua visão e passando a compreender o todo dos fatos.

Para que isto aconteça, partimos para outra característica observada nos Planos de Estudos e nas falas dos educadores entrevistados, que é a questão da interdisciplinaridade. De acordo com os mesmos, os conteúdos e as atividades precisam estar ligados a fatos concretos, relacionados ao cotidiano dos educandos,

mas sempre em uma perspectiva interdisciplinar. Isto permitirá ações coletivas em torno de temas específicos, favorecendo um melhor entendimento, o que despertará para atividades concretas, ou seja, para a ação, que é o principal objetivo da Educação Ambiental.

Primeiro trabalha-se os conteúdos para que se tenha entendimento pleno das problemáticas levantadas, mas é preciso que haja mais envolvimento e que aconteçam atividades práticas, já que a EA pressupõe ações e mudanças.

Dias (1999) comenta que é preciso que as escolas usem todo o seu potencial a fim de que sejam tomadas decisões e de que haja por parte de todos os envolvidos um profundo desejo de ver as coisas acontecerem.

No que se refere a esta questão, das ações, percebemos nas entrevistas que ela acaba se tornando um obstáculo. Trabalhar os conhecimentos e relacioná-los com a realidade de forma interdisciplinar é algo que vem se procurando realizar, mas quanto a prática, as mudanças, é como trabalho de formiguinha, acontece muito lentamente.

A este respeito, uma das educadoras entrevistadas expressa que:

- “Já avançamos bastante com os alunos no que se refere à teoria, mas na prática ainda há muito a ser feito, pois ela está relacionada ao exemplo que nossas crianças vêm nos adultos que não têm consciência da importância da preservação.”

Salientamos que, segundo os entrevistados, em termos de conhecimentos, é representativo ver o quanto as crianças sabem falar do ambiente e com propriedade, demonstrando entendimento dos problemas enfrentados. Mas a questão da atitude ainda é muito preocupante, tornando-se um desafio que estará sempre se construindo e deverá ser ainda muito trabalhado, sem desânimo, visto que a maior preocupação da Educação Ambiental é com a mudança de comportamento frente ao meio, construindo relações mais harmônicas.

Neste sentido ressaltamos a fala de uma das entrevistadas sobre a importância da persistência:

- “Esse trabalho é importante sim, mas ele deve ser muito persistente, de bastante envolvimento para que realmente tenha efeito. Mudar o comportamento das pessoas não é uma tarefa fácil.”

Em uma análise mais específica de como cada área do conhecimento vê e trabalha com a Educação Ambiental, constatamos, a partir da relação que se estabelece entre seus Planos de Estudos e a entrevista realizada, que a área da Geografia apresenta em seu currículo e metodologia muito do que pesquisamos sobre esta temática, já que propõe conteúdos e práticas desfragmentados, fazendo muitas relações com o todo, o que permite aos educandos compreenderem melhor os efeitos que suas ações estão causando ao meio ambiente.

Neste sentido, e trabalhando-se a Geografia sob esta ótica, fica evidente a importância desta área para que os educandos possam perceber-se globalmente, reconhecendo que suas ações têm consequências. Percebendo-se desta forma, o aluno desperta para o sentimento de pertencimento, e pertencendo, passa a cuidar e preservar mais.

Como a própria concepção elaborada para esta área também coloca, esta questão do pertencimento tende a motivar o aluno para a responsabilidade, fazendo-o sentir-se parte integrante de um sistema, o que estará colaborando para que passe a rever suas atitudes e comportamentos.

A área de Geografia procura abordar conteúdos e práticas relacionados à temática ambiental de forma plena, favorecendo a aquisição de conhecimentos, valores e habilidades, contribuindo para a formação de uma consciência crítica sobre a importância da preservação do meio ambiente. Procura organizar seus conhecimentos e atividades sempre relacionando-os com problemas concretos, enfocando a análise, a problematização, a observação, o que torna os alunos mais autônomos e participativos, envolvendo-se com os problemas presentes, despertando para a tomada de decisões que estimulem mudanças.

Neste contexto Seabra (1984) nos coloca que quando não há preocupações em articular uma relação entre o conteúdo ensinado e as relações sociais cotidianas, acontece que a Geografia fala de população sem relacionar com a sociedade; de estabelecimentos humanos sem abordar as relações sociais; de técnicas e instrumentos sem trabalhar sobre o processo de produção, o que acaba por abstrair do homem o seu caráter social.

Entretanto, a Rede Municipal de Ensino de Panambi enfoca constantemente a questão da importância de partir dos problemas do dia-a-dia, vivenciados pelos educandos, procurando relacioná-los aos conhecimentos que estarão sendo trabalhados.

Quando consideramos o fato da importância de partir da realidade do aluno, Ruscheinsky (2002, p. 87) nos coloca que “com isso, a partir da própria realidade que nos cerca, construiremos a cidadania e o ser mais, que nos leve ao convívio de respeito à natureza e ao “outro”.

Quanto a esta questão, a educadora entrevistada enfatiza que:

- “Sempre se faz necessária uma relação dos conteúdos trabalhados com a realidade na qual os alunos se encontram para que passem a compreender melhor o que estamos trabalhando.”

Neste sentido podemos perceber claramente a contribuição da Geografia para a Educação Ambiental, já que se realiza através de uma proposta pedagógica e uma prática que contribuem para que os educandos possam compreender melhor a realidade onde vivem e o mundo, o que colabora para o exercício da plena cidadania e a criação de novos valores, que serão a base para uma nova sociedade, mais sustentável e feliz.

Nesta perspectiva, os Planos de Estudos explicitam que “a Geografia é um instrumento importante para a compreensão do mundo”, o que está de acordo com o que Jacobi (2003) salienta sobre a Educação Ambiental, para quem a mesma deve ser vista como um processo de permanente aprendizagem que valoriza as diversas formas de conhecimento e forma cidadãos com consciência planetária.

Passando o olhar para a área de Ciências, percebemos que a mesma apresenta em suas propostas e metodologias conhecimentos e práticas que colaboram para que os educandos possam reconhecer melhor os problemas presentes a sua volta com entendimento e clareza.

De acordo com as entrevistas realizadas e a partir da análise de seus Planos de Estudos foi possível verificar que a área procura partir da problematização do cotidiano vivido pelos educandos, justificando que os conhecimentos trabalhados passam a ser utilizados como instrumentos para auxiliar no entendimento desta rea-

lidade, colaborando para que se desenvolvam comportamentos mais adequados à conservação do ambiente a nossa volta.

De acordo com a docente entrevistada:

- “a área de Ciências se preocupa em ajudar os educandos e a comunidade no sentido de tomarem consciência de sua realidade local e global, observando e analisando os fenômenos da natureza para que seja possível entender o que está acontecendo passando a agir de forma diferente, contribuindo para uma transformação da relação homem – natureza.”

Estas ideias vêm ao encontro do que Dias (1999) também salienta sobre a importância da Educação Ambiental refletir-se na oportunidade que todas as pessoas deveriam ter de receber informações sobre os problemas relacionados à questão ambiental; a fim de reconhecerem a importância de viver em um ambiente ecologicamente equilibrado, fazendo valer seus direitos de cidadãos, o que promoveria a criação de novos valores, permitindo um novo olhar frente ao meio ambiente e novas formas de conduta e respeito, ou seja, uma nova relação homem-ambiente.

Pedrini (1997) também reforça esta questão enfatizando que a Educação Ambiental é permeadora de uma educação transformadora e construtora de novas posturas, hábitos e condutas.

Nesse sentido, de acordo com o que propomos e fica explícito nos dados analisados, a Ciência muito pode contribuir no que diz respeito a construir conhecimentos capazes de auxiliar as pessoas a interpretar os problemas a sua volta, fomentando novas atitudes e valores.

Contudo, é importante que enfatizemos algumas colocações de um dos educadores entrevistados, que expressa sobre:

- “a importância do educador vivenciar tudo juntamente com os educandos, pois não basta ser professor, mas é preciso participar!”

Desta forma, podemos perceber a importância do educador ao dar exemplos e se envolver, assim os alunos se motivam mais e também se envolvem com mais empolgação.

O mesmo educador continua dizendo que:

- “É um desafio ter mais profissionais que se envolvam na prática. Quero dizer, que saiam da teorização e participem da ação.”

Neste contexto, podemos refletir sobre a distância que muitas vezes existe entre a teoria e a prática, quando o educador tem um discurso fantástico, mas não parte para ações, o que torna os conhecimentos trabalhados sem significado e sentido.

Estendendo-nos para a área da Matemática, também podemos estabelecer muitas relações e contribuições com a Educação Ambiental, visto que esta disciplina também se apropria da ideia da necessidade da relação dos conhecimentos com a realidade vivida. Nesse ponto, foi possível identificarmos nas entrevistas realizadas e na análise de seus Planos de Estudos, que os conteúdos partem do cotidiano dos alunos, o que os torna muito mais significativos; ao mesmo tempo em que o educando passa a entender melhor o que está a sua volta, também assimila os conhecimentos de forma mais plena e satisfatória.

Assim, através de dados estatísticos, gráficos, plantas baixas, maquetes, etc., envolvendo situações práticas do cotidiano dos alunos, a Matemática tem muito a contribuir com a Educação Ambiental.

De acordo com a docente entrevistada:

-“ É muito importante relacionar os conhecimentos trabalhados com o cotidiano dos alunos, pois não tem fundamento trabalhar com aquilo que nunca será usado no seu dia-a-dia.”

A partir deste enfoque, é importante citar um projeto em que a educadora entrevistada também se envolveu, realizado pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Rui Barbosa, onde foi trabalhado sobre a questão da energia elétrica, procurando conscientizar os alunos e a comunidade para a importância da diminuição do consumo. Segundo a entrevistada, a Matemática trabalhou com índices e gráficos, fazendo com que os alunos assimilassem conhecimentos, fizessem cálculos e compreendessem que além de colaborar para a degradação ambiental, o consumo exagerado da energia também favorece muitos gastos e que sua diminuição estaria co-

laborando com o Planeta e com o bolso, diminuindo despesas das famílias e preservando o ambiente.

Passando a olhar para a área do Ensino Religioso, percebemos o quanto esta disciplina pode auxiliar na tarefa da Educação Ambiental de transformar as relações homem-meio ambiente em relações mais harmônicas.

Sobre esta questão, os Planos de Estudos para a área de Ensino Religioso nos colocam que:

sendo o ser humano um ser que se relaciona, integral, histórico e complexo, o qual necessita melhorar a sua relação frente ao meio onde vive, pode conseguir esta ajuda com a prática do Ensino Religioso. (Planos de Estudos de Ensino Religioso, 2008, p. 01)

Assim, esta disciplina encontra-se plenamente relacionada à Educação Ambiental, procurando trabalhar com o ser humano, a fim de que se torne uma pessoa diferente, mais sensível, tolerante e sábia. Ela resgata uma nova ética, novos valores, estes, essenciais para que se estabeleçam novas relações do homem frente ao meio onde vive e com seus semelhantes.

A este respeito à educadora entrevistada expressa que:

- “Os problemas ambientais estão aí, se nós não os trabalharmos com nossas crianças e adolescentes quem é que vai cuidar de nosso planeta? Temos que trabalhar o caráter do aluno, seus sentimentos e emoções... Despertá-los para o cuidado frente a nossa casa comum, que é o planeta. Cuidar de tudo que Deus nos deu sempre é algo muito presente em minhas aulas.”

Nesta linha, Boff (2008, pág. 17) comenta que “precisamos de um novo patamar de convivência que funde uma relação mais benfazeja para com a terra e inaugure um novo pacto entre os povos no sentido de respeito e de preservação de tudo o que existe e vive”.

Sob este prisma, de acordo com o que fica estabelecido na fala da educadora entrevistada e nos Planos de Estudos elaborado, o Ensino Religioso muito pode colaborar no sentido de se estabelecer uma relação mais saudável entre os humanos

frente à Terra, já que os conhecimentos trabalhados ajudarão os educandos a agir com mais sabedoria, respeito e cuidado.

Os Planos de Estudos desta área do conhecimento fazem referência ao amor, colocando-o como essencial na vida, o qual poderá colaborar para efetivar um novo modelo de sociedade, pautada em uma nova lógica, da solidariedade, do diálogo, dos questionamentos.

Maturana e Verden-Zoller (2004) também falam do amor, expressando que o mesmo deveria ser percebido como a:

emoção que especifica o domínio dos comportamentos que constituem o outro como legítimo outro em coexistência conosco – é a emoção que fundamenta e constitui o domínio social como o âmbito comportamental em que os animais, em convivência próxima, vivem em mútua aceitação. (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004, p 222)

Também foi possível constatarmos, a partir da entrevista realizada, o quanto o Ensino Religioso está voltado para a temática ambiental, uma vez que procura trabalhar relacionado aos problemas vividos pelos alunos e sendo os problemas ambientais muito presentes, não deixam de ser considerados, como enfatiza a educadora entrevistada:

- “O tema ambiental faz parte de minhas aulas quando discutimos o mundo que queremos e que planeta Deus nos deixou. A vida é um presente de Deus e nós temos a obrigação de preservá-la e perpetuar as espécies. A beleza natural nos enriquece e dá mais sentido a vida, por isso precisamos aprender a ver e sentir as obras e maravilhas deixadas por Deus para nós, valorizando as plantas, o ar, as águas, os animais e também o nosso próximo.”

Cabe salientar a relação que se procura estabelecer entre a Bíblia e a realidade, comentando sobre as previsões que a mesma já fazia sobre as catástrofes que abalariam a Terra e que agora começam a acontecer. Terremotos, secas, miséria, tudo isto estava previsto e vem acontecendo, o que, segundo a entrevistada, desperta nos alunos a conscientização e os faz estabelecerem muitas relações. Os problemas das enchentes que vêm acontecendo em Santa Catarina e em nosso Es-

tado também foram trabalhados e relacionados. Usa-se o argumento de que é preciso cuidar de tudo que Deus nos deu e que o Planeta está chegando ao seu limite.

A respeito deste assunto Boff (2008, p. 17) salienta que:

... Há chance de salvamento. Mas para isso devemos percorrer um longo caminho de conversão de nossos hábitos cotidianos e políticos, privados e públicos, culturais e espirituais. A degradação crescente de nossa casa comum, a Terra, denuncia nossa crise de adolescência. Importa que entremos na idade madura e mostremos sinais de sabedoria, Sem isso não garantiremos um futuro promissor.

O que se tem construído e se vem trabalhando no âmbito da Rede Municipal de Ensino, na disciplina de Ensino Religioso, é coerente com essas colocações, visto que se procura despertar nos alunos o amor pelo Planeta e o sentimento de pertencimento e cuidado, idéias que Leonardo Boff expressa muito bem.

Complementando as colocações de Boff, podemos refletir sobre o que nos coloca a educadora entrevistada, no que diz respeito à conscientização e mudança de atitudes por parte dos alunos:

- “Após algumas discussões percebi que os alunos estavam realmente preocupados e que as reflexões que havíamos feito realmente tinham afetado eles, começavam a mudar, em pequenas ações, mas apresentando mudanças, mas são nas ações pequenas que as mudanças começam a acontecer. Sempre tentei mostrar a eles que o que fizemos na nossa casa, logo vai se refletir no todo. Não é tentar fazer algo grandioso logo de início, temos que começar nos pequenos gestos e isso vai influenciando no todo.”

Neste contexto, não podemos deixar de perceber que enquanto alguns educadores se sentem frustrados, por não conseguirem reconhecer mudanças no que se refere ao comportamento e atitudes de seus educandos, há outros que procuram enxergar os mínimos detalhes e se alegrar com as pequenas conquistas, por menores que sejam.

Também não poderíamos deixar de comentar a importância dada por esta disciplina ao trabalhar sobre valores. Os conteúdos presentes nos Planos de Estu-

dos e os textos bíblicos discutidos sempre tentam passar mensagens que façam os educandos refletirem sobre suas vidas e relações.

Dentro deste enfoque, Maturana (2002) alerta que a escola é um dos territórios privilegiados para a vivência prática e simbólica de valores, reforçando que este assunto não deve deixar de ser considerado.

Quando refletimos sobre a disciplina de História, tendo por base as entrevistas realizadas e sua proposta pedagógica, percebemos que a mesma exerce importante papel na tarefa de conscientizar sobre a questão ambiental, já que o entendimento da realidade implica necessariamente uma perspectiva histórica.

Analisando o currículo proposto para esta área do conhecimento, fica claro que o entendimento do passado dará condições para que os educandos compreendam a complexidade que se vive hoje, já que procura introduzir o conteúdo a ser estudado por um problema situado no tempo presente.

Este resgate dará condições para que analisemos como era o ambiente e o porquê de ter se transformado tanto. Tomando como exemplo o que comentava a educadora entrevistada a respeito da relação que se faz necessária estabelecer entre os conhecimentos trabalhados e o contexto vivido por nossas crianças e adolescentes, fica evidente que apenas conseguirão compreender plenamente a realidade que se vive e por que a mesma se apresenta assim, a partir da compreensão das situações ou condições que ocasionaram o contexto atual. Para isto se faz necessária uma volta no tempo, já que determinados fatos desencadeiam outros.

Face ao exposto, a docente entrevistada declara que:

- “A História nos permite analisar o passado, ver como as coisas aconteceram e por que, entendendo melhor o presente e pensando em como construir um futuro diferente”.

Dias (1999) afirma esta ideia, dizendo que “a perspectiva histórica nos permite uma análise dos fatos do passado, diante do presente, planejando para o futuro.” (pág. 33)

Diante disso, podemos considerar que a presente área do conhecimento, ao mesmo tempo em que analisa e compreende com seus educandos os problemas do presente relacionando-os com fatos do passado, também desenvolve o senso crítico

dos educandos, tornando-os mais participativos e conscientes, aptos a refletirem e se posicionarem diante dos problemas enfrentados por nossa sociedade.

Ressaltamos, neste contexto, algumas colocações de Pierre (1987), o qual enfatiza um problema que pode vir a acontecer quando a História deixa de considerar a realidade social em que seus educandos se encontram inseridos:

O problema fundamental dos conteúdos é a sua distância da realidade vivida pelos alunos. O aluno aprende história no passado, sem ligá-la a história de hoje, que é a sua história e, por isso mesmo, ele não se sente responsável ou construtor dessa imensa história; a literatura é um conjunto de obras e de pessoas que não lhe dizem respeito, enquanto pode ser um processo contínuo de comunicação e interação entre o autor e o leitor. (PIERRE, 1987, p. 61)

Tendo em vista que para mudar a situação em que vive, sentindo-se responsável por sua história, o educando precisa aprender conhecimentos relacionados à sua realidade, fica evidente na entrevista realizada e nos Planos de Estudos analisados que este é um compromisso da História, o que também pode ser considerado de grande valia para a Educação Ambiental, já que interagindo e sentindo-se responsável pelo meio onde convive, os educandos também passarão a desenvolver novas atitudes.

Partindo para a área da Arte, as relações que podem ser estabelecidas com a EA aparecem tanto na fala da docente entrevistada, quanto em seus Planos de Estudos. De acordo com o que expressa a entrevistada, “a Arte procura captar as questões da sociedade e devolver de uma forma mais poética.” Trabalha sempre contextualizando com a realidade, e como a Educação Ambiental é uma problemática presente na realidade do aluno, constantemente estará sendo trabalhada. A mesma ainda salienta:

- “Os conteúdos trabalhados sempre procuram estar relacionados a temas do cotidiano dos alunos. Neste sentido, a Educação Ambiental é trabalhada na disciplina de Arte por ser uma problemática presente na realidade do aluno. O tema é muito importante, por que as questões que nós vivemos hoje em nossa sociedade precisam ser revistas e repensadas.”

Nesse sentido, vendo a Arte sob este prisma, a mesma pode ser capaz de ampliar os conhecimentos dos alunos, ajudá-los a compreenderem melhor o contexto que os cerca, embelezar a vida e transformar a realidade.

De acordo com seus Planos de Estudos, o ser humano dotado dos conhecimentos da Arte, torna-se mais sensível, compreendendo melhor a si mesmo, aos outros e ao meio onde vive.

Salientamos que o ensino da Arte precisa contribuir para que, tanto as crianças como os adolescentes possam elaborar sua linguagem expressiva, entendida aqui como uma forma de ler e representar suas relações com o mundo.

A Arte proposta pela Rede Municipal de Ensino de Panambi trabalha muito com a teoria e envolve-se também com a prática, sendo que, em sala de aula utiliza-se muito o material reciclável, estudando tudo sobre esta matéria-prima, de onde veio, como pode ser transformada, etc., fazendo com que o aluno reflita sobre a importância da reciclagem e reaproveitamento para a preservação do meio ambiente.

Cabe ressaltarmos que existem, em algumas escolas do município, Oficinas de Reciclagem, geralmente trabalhadas por professoras de Arte, mas também existem experiências com educadores de outras áreas, como as Ciências. Estas Oficinas realizam um excelente trabalho com os alunos, especialmente no que se refere à produção de papel reciclado, com o qual fazem agendas, caixas para presentes, cartões, etc.

Desta forma, segundo relatos dos educadores entrevistados, os alunos conseguem melhorar muito sua autoestima, já que se sentem mais importantes, produzindo coisas tão belas, com o que ia parar no lixo. O lixo acaba virando luxo, colaborando também para a conscientização a respeito da quantidade de papel gasta na escola e sobre a importância da reciclagem.

A Arte com certeza tem muito a contribuir para que a Educação Ambiental se estabeleça. Isto se evidencia em seus Planos de Estudos, onde o ensino da Arte é colocado como:

uma das vias de se questionar o que está estabelecido, aguçando os sentidos, aglutinando expressão e vida, a fim de produzir propostas no campo da visualidade que possibilitem indagações sobre a própria vida.

O ensino da Arte precisa contribuir para que, tanto as crianças como os adolescentes possam elaborar sua linguagem expressiva, entendida aqui como uma forma de ler e representar suas relações singulares com o mundo. (Planos de Estudos de Arte, 2008, p. 04)

Assim, passando a ter um olhar mais sensível e atento diante dos fatos a sua volta, os educandos também passam a ampliar a sua visão de mundo, começando a refletirem sobre seus valores, o que pode possibilitar uma mudança de conduta.

Quanto ao estudo de línguas, a Rede Municipal oferece a seus educandos, além da Língua Portuguesa, a Língua Inglesa, sendo que a mesma, pelo que consta em sua proposta, torna-se uma importante aliada para que a Educação Ambiental possa realmente se efetivar, apresentando-se como uma área de conhecimento essencial para que o educando seja capaz de atuar e se posicionar na sociedade em que vive. Tomando conhecimento de diferentes culturas, costumes e hábitos, o mesmo amplia sua visão de mundo, seus conhecimentos, favorecendo até mesmo seu desenvolvimento afetivo.

As novas exigências do mundo necessitam de pessoas capazes de fazer uma análise de todas as suas complexidades, tornando-se críticas e participativas, e somente dominando a maior quantidade de conhecimentos possíveis é que se conseguirá ser ouvido e respeitado.

Diante disso, Morin (2003, p. 38) afirma que:

Os desenvolvimentos próprios a nossa era planetária nos confrontam cada vez mais e de maneira cada vez mais inelutável com os desafios da complexidade(...) Em conseqüência, a educação deve promover a “inteligência geral” apta ao complexo, ao contexto, de modo multidimensional e dentro da concepção global.

O aluno precisa conseguir se expressar, se comunicar. Neste sentido, de acordo com seus Planos de Estudos, o estudo da Língua Estrangeira é visto inclusive como “libertador”, pois ajudará na construção de indivíduos participativos e bem preparados para os desafios que a sociedade nos apresenta.

Segundo relato da entrevistada a área de Línguas é privilegiada quanto à facilidade em trabalhar a partir de temas diversos, já que pode explorar textos, realizar debates, questionar e provocar discussões. Nesse sentido, a temática ambiental não deixa de ser considerada, como fica explícito em uma de suas colocações:

- “A língua inglesa é uma área do conhecimento que privilegia qualquer tema, e sempre estamos procurando orientar. Se um de nossos educandos entre todos for atingido, penso estar fazendo progresso. Esse traba-

lho sobre a temática ambiental é muito importante porque faz parte da nossa vida, nosso mundo que esta sendo colocado em debate.”

É importante mencionarmos o quanto esta área preocupa-se em estabelecer uma relação íntima entre os conhecimentos trabalhados e as questões que envolvem o mundo atual, reforçando sobre a importância da contextualização.

Referindo-nos a área da Educação Física, percebemos que esta disciplina vem passando por muitas mudanças dentro do novo cenário educacional que nossas escolas vêm construindo a partir da lei de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais.

Todos se envolvem e se movem em torno da nova Legislação pela qual os educandos com necessidades educacionais especiais devem ser incluídos no ensino regular.

De acordo com o educador entrevistado, a ênfase dada neste momento refere-se a esta questão, sendo que a mesma transforma a área da Educação Física e a lógica da competição; deixando de ser apenas direcionada para o jogo, o movimento e as atividades práticas, voltando-se para momentos de teoria onde se procura estabelecer novas relações com o outro e a diferença, passando a desenvolver com os alunos atividades que os tornem mais aptos a aceitarem e conviverem com a diversidade.

Foi ressaltada, especialmente no que se refere à disciplina de Educação Física, mas também às outras áreas, a importância de se discutir e trabalhar o tema da inclusão, justificando que, quando falamos em cidadania e participação, estamos nos referindo a todas as pessoas, inclusive aquelas com necessidades especiais, que estiveram excluídas de nossa sociedade até bem pouco tempo atrás.

É importante ressaltarmos, que quando pensamos em um ambiente sadio isto implica também pensarmos em novas concepções no que se refere à inclusão, substituindo idéias de exclusão, por outras, como respeito e solidariedade. Quando se fala em formar alunos críticos e cidadãos conscientes, isto perpassa a necessidade de convivência com a diversidade; pois que proporciona a todos os envolvidos neste processo, alunos, professores, funcionários de escola, com ou sem necessidades educacionais especiais, a prática da convivência na diversidade e a administração das diferenças no exercício das relações interpessoais, aspecto de extrema importância para que se efetive a democracia e a cidadania.

Estas ideias estão de acordo com o que Maturana (2000) também expressa, salientando que a principal tarefa colocada à escola é a de incentivar o desenvolvimento das crianças como seres que aceitam e respeitam a si mesmos e aos outros no convívio cotidiano.

Na mesma linha de discussão, Barcellos (2004) reforça que as crianças somente poderão aprender a cuidar mais deste Planeta quando aprenderem a cuidar melhor de si mesmas. Sem o cuidado de si próprio, não haverá também o cuidado do outro.

Neste sentido as formações desenvolvidas pela Rede Municipal de Ensino de Panambi no ano letivo de 2009 priorizam o tema da inclusão, o que também acaba sendo de grande ajuda para a Educação Ambiental, já que os indivíduos precisam estar de bem consigo mesmos, aceitando-se como são; com os outros, respeitando suas diferenças, para aí sim, conseguirem dar mais valor e passarem a estabelecer uma nova relação com o meio que os cerca. É uma construção que precisa começar a acontecer no interior do aluno e depois passar a envolver o seu entorno, as pessoas com as quais convive e o meio onde vive.

Também reflete sua importância quando pensamos em democracia e construção de direitos, já que falar em democracia é o mesmo que falar em igualdade de condições e inclusão de todas as pessoas, não somente os portadores de necessidades especiais, mas todos os cidadãos.

No que diz respeito a esta questão, da inclusão, a Rede Municipal de Ensino de Panambi também apresenta-se bem adiantada, no sentido de já estar incluindo a grande maioria dos educandos especiais nas escolas regulares, além de estar fazendo o que pode no sentido de proporcionar acesso e condições adequadas para estes novos alunos. Isto fica comprovado, quando as responsáveis pelo setor pedagógico da SMEC evidenciam em suas falas a importância de se trabalhar a partir de uma pedagogia inclusiva, preocupando-se em preparar toda a rede para este novo processo, através de formações específicas e acompanhamento aos professores com alunos especiais em suas salas de aula.

Cabe ressaltarmos o que expressa Carvalho (1993), salientando que o espaço escolar deve ser visto como espaço de todos e para todos onde o professor deve buscar informações sobre a proposta inclusiva e somar a suas capacidades e experiências, porém esta busca não deve ser realizada sozinha, mas envolver a escola como um todo.

Voltando para a importância da área de Educação Física para que a Educação Ambiental possa se efetivar, de fato, para que os educandos consigam aceitar-se melhor e aceitar também aos outros, esta área tem muito a contribuir. Seu currículo é desenvolvido a partir de atividades que despertam os alunos para atitudes como: cooperação, respeito, colaboração com o grupo, questionamentos, o que favorece muito o seu desenvolvimento, não apenas motor, mas afetivo e social.

De acordo com o educador entrevistado:

- “A Educação Física é uma disciplina como qualquer outra, tem debate, discussões, relações, não somente a prática e a recreação. Hoje muita coisa mudou com relação a seus conhecimentos e conceitos. A prática é uma característica, mas não é somente ela, o aluno precisa aprender a ser, a conviver.”

Assim, percebemos a preocupação em reverter a ideia de que a Educação Física só envolve o jogo e as práticas, ela vai além disso, ela pode auxiliar o desenvolvimento motor, mas também pode ser capaz de construir novas relações, das pessoas entre si e das pessoas frente ao meio onde vivem.

No que se refere a suas práticas, de acordo com Betti (2002), há uma grande diversidade de metodologias e estratégias que a Educação Física Escolar tem para trabalhar com seus educandos a fim de construir os conhecimentos a que se propõe, entre eles podemos citar: o jogo coletivo, os exercícios de preparação corporal, de aperfeiçoamento, de improvisação, a imitação de modelos, a apreciação e discussão, os circuitos, as atividades recreativas, jogos de competição e cooperação, sequências pedagógicas, demonstração, descobrimento guiado, resolução de problemas, jogos de mímica e expressão corporal, grandes jogos, jogos simbólicos, jogos rítmicos, exercícios em duplas, trios, grupos, com e sem material, circuito, aulas com música, aulas historiadas, jogos pré-desportivos, gincanas, campeonatos, festivais.

A esse conjunto devem somar-se outras estratégias: discussões sobre temas da atualidade ligados à cultura corporal de movimento, leitura de textos, dinâmicas de discussão em grupo, matérias de jornais e revistas, uso de vídeo/TV (produções específicas ou gravações de programas da TV), mural de notícias e informações

sobre esporte e outras práticas corporais, organização de campeonatos pelos próprios alunos, trabalhos escritos, pesquisas de campo, etc.

Aliadas a estas práticas, as discussões e ações referentes à Educação Ambiental podem ganhar um impulso muito maior, estimulando nos indivíduos e na sociedade novas formas de conduta nas suas ações frente ao outro e ao meio.

Analisando a questão metodológica, consideramos que quanto mais dinâmica e variada, mais envolvente se torna. Nesse sentido, para envolver os alunos com a temática ambiental, para conseguir chegar até eles, despertar seu interesse e compreensão, não servem apenas o quadro e aulas expositivas. Diante desse contexto, Dias (1999, p. 37) nos coloca que:

Não se envolve as pessoas com a temática ambiental com elas apenas sentadas em suas salas de aula, regadas a quadro de giz ou a parafernália audiovisual. Elas precisam sentir o cheiro, o sabor, as cores, a temperatura, a umidade, os sons, os movimentos do metabolismo do seu lugar, da sua escola, do seu bairro, da sua cidade...

Aprofundando a discussão a respeito das práticas utilizadas pelos educadores durante suas aulas, é importante mencionarmos uma reflexão proposta por Cortella (2008), que nos instiga a pensarmos sobre o quanto as crianças gostam de vir para a escola, mas o quanto demonstram desinteresse quando estão dentro da sala de aula. Nesse contexto o autor salienta que:

Vamos exagerar um pouco para obter um efeito reflexivo: é só observar a alegria com a qual chegam, a algazarra no portão, os gritos no pátio; de repente toca o sinal e vão, cabisbaixas, para a sala de aula, onde ficarão quietinhas (à força?). Toca o sinal do intervalo, saem correndo, esfuziantes, colocando em risco até a própria segurança; acaba o intervalo, retornam melancólicas. Hora de ir embora por que terminou as aulas ou faltou professor? Não querem; ficam pelos corredores e portões rindo, brincando, conversando. Precisamos despachá-los, pois adoram a escola. (CORTELLA, 2008, p. 117)

Logo, a partir desta reflexão, é interessante pensarmos até que ponto nossas aulas estão sendo atrativas para os educandos. Eles gostam de vir para a escola, a maioria vem com alegria, trazem muitas expectativas, e geralmente ficam restritos

ao espaço da sala de aula por quatro longas horas, ouvindo aulas expositivas ou realizando leituras em livros didáticos. Sob este prisma, os educadores têm muito que pensar e a Educação Ambiental, para que realmente possa efetivar mudanças, precisa partir de novas práticas, mais dinâmicas, criativas e envolventes.

Sobre este aspecto, tomando por base as entrevistas realizadas e a análise dos Planos de Estudos elaborados para cada área do conhecimento, fica evidente que os educadores da rede municipal de ensino de Panambi procuram variar e inovar quanto a suas práticas.

-“ Precisamos de uma metodologia dinâmica para conseguir atingir os alunos. O trabalho diferenciado é mais cansativo, é mais fácil colocar um aluno atrás do outro e dar aula, mas assim não conseguiremos atingir nossos objetivos.”

Passando para a área da Língua Portuguesa é necessário citar a questão da relação dos conhecimentos com a realidade que se vive. Tanto na concepção que se tem para esta disciplina, quanto no que ficou evidente nas entrevistas realizadas, percebemos claramente que os conteúdos relacionam-se às necessidades dos alunos, partindo de temas presentes em seu dia-a-dia, o que se evidencia na fala da educadora entrevistada:

-“ A Rede Municipal tem uma proposta pedagógica elaborada pelo coletivo de professores das diferentes áreas, e esta proposta é aberta a envolver temas que dizem respeito ao contexto de vida dos educandos. Neste sentido o tema do meio ambiente sempre é algo bem presente e há uma necessidade muito grande de ser discutido e trabalhado.”

Também salientamos a importância que é dada a esta área, no sentido de ajudar o aluno a entender melhor o que acontece a sua volta, os seus problemas, a sua realidade, sendo capaz de posicionar-se de forma crítica e consciente.

Isto fica explícito nos Planos de Estudos, que definem que os textos, reportagens, pesquisas, tudo que for trabalhado em sala de aula deve ser significativo, partindo do contexto vivido por seus educandos. Deve ser “texto de vida”, tornando o ensino muito mais significativo e relevante, além de alunos muito

mais preparados e capazes para desempenharem papéis que estimulem mudanças frente aos problemas enfrentados por nossa sociedade.

A questão da referência fundamental da educação ser o cotidiano de vida dos alunos faz toda a diferença quando se pensa em uma educação voltada para a mudança e a transformação.

De acordo com Dias (1999), para despertar o senso crítico e formarmos cidadãos atuantes e reflexivos, é necessário que a escola seja comprometida com as mudanças sociais, trabalhando com a realidade vivida por seus educandos.

Passando para a área de Filosofia, percebemos que esta disciplina também possibilita que a Educação Ambiental consiga se apresentar e atuar. Ao problematizar os fatos vividos pelos alunos ou que ocorrem à sua volta, a Filosofia propõe novas concepções, que desencadeiam o desejo do desafio, de investigar e desvendar o que acontece e por que, não aceitando passivamente tudo que nos é apresentado.

Acreditamos ser tarefa principal da atividade filosófica um esforço sincero à procura inteligente de soluções para os problemas que afligem a época em que vivemos. (Planos de Estudos de Filosofia, 2008, p. 3)

Esta questão é evidenciada a partir da análise dos conhecimentos trabalhados, onde predomina um currículo voltado para a transformação social, o diálogo e a reflexão, desenvolvendo capacidades relacionadas à participação, à responsabilidade, à tolerância e à solidariedade, características fundamentais para que se estabeleça uma nova relação das pessoas com o meio ambiente.

De acordo com os princípios norteadores para a área da Filosofia, é importante destacarmos:

- A Filosofia é um instrumento de transformação social.
- O ensino de Filosofia contribui para a constituição de cidadãos livres, críticos, reflexivos e atuantes, que compreendem melhor a si e ao mundo que os rodeia.
- A Filosofia somente existe na globalidade e na pluralidade.
- O ensino de Filosofia colabora para a percepção global da realidade, da pluralidade, e da diversidade.
- A construção do conhecimento em Filosofia acontece a partir da problematização da realidade vivida e das experiências reflexivas.
- O ato de perguntar é condição necessária a construção do conhecimento.

- O filosofar é um conhecimento construído nas relações do ser com o meio.
- A Filosofia compreende a relatividade e provisoriedade das verdades que são construídas pelo homem.
- A Filosofia acolhe o novo, que inclui o repetir das velhas questões e o exigir a construção de novas respostas. (Planos de Estudos de Filosofia, 2008, p. 4)

Analisando os princípios acima, podemos concluir que a Filosofia oferece uma grande ajuda para que a Educação Ambiental possa se efetivar, já que a partir de seu estudo, as pessoas tomam consciência do mundo a sua volta, tornando-se capazes de agir com mais determinação e conhecimento, buscando soluções para os problemas presentes, o que vem ao encontro do que Reigota (1998) declara a respeito da Educação Ambiental, que a mesma aponta para propostas voltadas a conscientização e a participação.

Pelo que pudemos perceber, a partir dos inúmeros dados levantados, com relação ao que se pensa para cada área do conhecimento, como as mesmas trabalham, a partir de que práticas, com que tipo de currículo, e para que função este currículo está sendo construído, as diversas áreas do conhecimento contemplam a Educação Ambiental.

Nesse sentido os alunos passam a adquirir os conhecimentos necessários para que sejam capazes de interpretar os fenômenos que configuram o meio ambiente, passando a ter uma visão mais aberta e plena de como as coisas acontecem e suas consequências.

Neste contexto, fica explícito que esta rede de ensino preocupa-se em informar, estimular e sensibilizar os educandos a respeito dos problemas presentes, conforme também Sato (2005) enfatiza.

Cabe ressaltarmos que Pádua e Tabanez (1998) indicam que a Educação Ambiental colabora para o aumento de conhecimentos, mudança de valores e aperfeiçoamento de habilidades, condições importantes para estimular maior integração e harmonia dos indivíduos com o meio onde vivem.

Dessa forma podemos considerar que a Rede Municipal de Ensino de Panambi está procurando despertar em seus educandos novas atitudes frente ao meio, isto fica evidente em todos os dados analisados, onde o ambiente passa a ser considerado em sua totalidade, partindo do contexto de vida dos educandos, expandin-

do-se até oferecer uma visão do todo, num contexto mundial e procurando envolver todas as áreas do conhecimento.

Com base no exposto, Dias (1999) enfatiza que para compreender a complexidade da questão ambiental seria necessário compreender a complexidade do próprio ambiente, das suas interdependências ecológicas, políticas, econômicas, sociais, etc.

Esta questão fica evidente quando os entrevistados relatam que seus conteúdos partem das problemáticas vivenciadas por seus educandos, passando a relacioná-las, dando mais sentido e significado, partindo do local para o global, de simples comparações, para relações mais complexas.

Estes conhecimentos oferecem uma visão do ambiente em todos os seus aspectos, rompendo com o reducionismo, pois não se trata apenas de uma visão ecológica, mas de abordarem-se outras dimensões, o que permite uma melhor compreensão e atuação.

Isto fica claro, quando as diversas áreas apresentam em seu currículo conteúdos relacionados à questão ambiental e ainda salientam em suas falas que trabalham com a temática relacionada a seus conhecimentos. Assim, perpassando por todas as disciplinas, se tem uma visão geral dos problemas, não apenas no sentido restrito da Ciência e da Geografia, mas procurando abordar todos os aspectos e percorrendo diferentes áreas do conhecimento.

De acordo com uma docente entrevistada:

- “Este tema não é propriedade de uma área do conhecimento mas como diz respeito a muitas questões da nossa vida cotidiana deve envolver todas as áreas.”

Dias (1999) também salienta esta questão, reforçando que a Educação Ambiental deveria resultar de uma articulação entre as diferentes disciplinas.

Nas diversas entrevistas realizadas os educadores se referem à importância da união de saberes, o que facilita muito a percepção integrada do meio, tornando possível uma compreensão muito mais significativa, despertando para ações conscientes e críticas, provocando uma visão complexa e integral da realidade. Este enfoque interdisciplinar faz com que várias disciplinas se juntem através de projetos o que oferece uma análise global da realidade, priorizando não apenas uma visão ci-

entífica, como costumava acontecer, mas abrindo-se para outros aspectos: sociais, históricos, geográficos, matemáticos, da linguagem, da filosofia, etc.

A respeito desta temática, alguns entrevistados manifestam que:

- *“A interdisciplinaridade é ótima e quem mais ganha com este processo são os alunos por que abrem sua visão, não fica algo unilateral, mas vê sobre diversas perspectivas, compreendo a questão com mais propriedade, tendo uma visão histórica, científica, em todas as dimensões. Envolve mais os alunos”.*

- *“Interdisciplinaridade: cada área pode contribuir sobre um determinado assunto, com o seu conhecimento, colaborando para uma discussão maior, e muito mais profunda”.*

- *“O diálogo entre as disciplinas enriquece muito o trabalho realizado na escola.”*

- *“No momento em que um grupo trabalhar junto, em união, um contemplando o que o outro está trabalhando dentro da sua área, nós vamos juntos construir uma conscientização melhor, um conceito mais amplo sobre esta problemática que estamos vivendo, eu acredito muito em um trabalho conjunto, uma andorinha sozinha não faz verão. Pode até se construir coisas que vão ajudar, mas se o grupo não se unir e trabalhar junto, um ir complementando o outro, focando os aspectos da sua disciplina, mas sem união, não vai dar certo.”*

- *“Interdisciplinaridade: todas as áreas se envolvem, eu gosto muito, brigo por isto. Na escola temos o tema, que parte dos educandos e cada área vê como pode vir de encontro a este tema, todos se envolvem, e no final realizamos apresentações e avaliamos o trabalho realizado. Este trabalho interdisciplinar é fundamental.”*

- *“Eu posso na minha aula fazer um trabalho excelente, mas se lá em uma outra disciplina isto não for dado continuidade, muita coisa se perde.”*

Dentro desta linha, Guimarães (2003) expressa que é preciso urgentemente promover a compreensão dos problemas socioambientais em suas várias dimensões: social, econômica, histórica, etc., de forma interdisciplinar, mediado por sabe-

res locais, regionais, nacionais, globais, priorizando a construção do conhecimento complexo e a formação de uma maior responsabilidade ambiental.

Morin (2003) aponta para o problema das disjunções existentes nas ciências físicas, humanas e biológicas, no sentido de reconciliá-las para a compreensão do todo. Ele também chama a atenção para a necessidade da superação da fragmentação mutilante nos mais variados aspectos do conhecimento.

Neste contexto, as escolas da rede municipal procuram realizar um trabalho interdisciplinar através de projetos. Os educadores entrevistados apresentam durante suas entrevistas exemplos de projetos dos quais participaram e como sua área se fez presente. Assim se consegue juntar as áreas em torno de temas comuns, a fim de que os alunos tenham uma compreensão mais ampla dos fenômenos investigados.

Existem muitos exemplos de projetos que vêm sendo realizados pelas escolas da rede municipal envolvendo a temática ambiental: arborização e embelezamento da escola, limpeza do pátio da escola e do bairro próximo, limpeza de arroios, economia de energia elétrica, distribuição de panfletos de conscientização, palestras, plantio de mudas de árvores, etc. (Projeto Escola Municipal de Ensino Fundamental Costa e Silva e Escola Municipal de Ensino Fundamental 21 de Abril – Anexo E)

Ressaltamos um projeto muito interessante que vem sendo realizado pela Escola Municipal de Ensino Fundamental 21 de Abril, sendo que a equipe diretiva e o grupo de educadores se empenharam muito a fim de conseguirem verbas para sua efetivação.

Segundo relatos da diretora da escola, foi um árduo trabalho, mas que surtiu ótimos resultados, ela enfatiza:

- “Soubemos do edital e tinha prazo curto para entregar o projeto. Já tínhamos algumas propostas e ideias, mas tínhamos que organizar tudo de acordo com as exigências solicitadas, especialmente o que se referia ao cronograma, onde tínhamos que elencar todas as atividades e os valores que seriam gastos. Nos dedicamos muito, contamos com a ajuda da SMEC e conseguimos entregar o projeto e ser contemplados. Conseguimos R\$ 25.000,00 com os quais construímos o galpão onde são realiza-

das as oficinas, além de pagarmos os monitores e realizarmos as outras ações previstas no projeto.”

A entrevistada explica que esta foi uma parceria junto a Rede Parceria Social - Instituto Nestor de Paula, com benefício advindo da Companhia Riograndense de Saneamento (CORSAN) e que qualquer escola interessada poderia ter se inscrito. Isto demonstra que com força de vontade é possível implementar até mesmo atividades que exigirão custos, já que existem várias empresas que colaboram com ações sociais.

Continuando suas colocações, a docente entrevistada salienta que mesmo não conseguindo continuar com a mesma parceria e valores nos anos seguintes, a escola como um todo continuou lutando para não perder o que haviam conquistado, buscando apoio em outras entidades como a própria SMEC, a CORSAN, a Prefeitura Municipal, o COMDICAP e a SMAIC, entre outros(as).

Desta forma podemos concluir que quando um grupo trabalha junto, se motiva e se compromete, por mais que surjam dificuldades, os objetivos geralmente são alcançados. As dificuldades foram muitas, mas a escola conseguiu e vem desempenhando um trabalho destacado no que se refere a questões relacionadas ao meio ambiente, por exemplo, conseguiram organizar uma trilha ecológica.

O Projeto CRIAR – Criança e Adolescente Responsável pelo Meio Ambiente Sustentável, procura desenvolver ações capazes de promover a transformação social e ambiental não apenas na escola, mas em toda a comunidade. (Projeto CRIAR - ANEXO E)

Interessante frisarmos que quando é através de projetos, o trabalho interdisciplinar também flui mais facilmente. Todos pensam juntos, o tema do projeto parte do grande grupo e assim fica melhor para cada disciplina ver como pode se relacionar e que aspecto pode abordar e pesquisar.

Isso fica evidente em algumas entrevistas realizadas:

- “Eu gosto muito quando fizemos projetos, assim todos se envolvem, cada um com sua especificidade e o trabalho fica muito mais envolvente. Os professores são obrigados a se desacomodarem e participarem, mas no final todos saem ganhando.”

Porém, envolver todas as disciplinas na mesma temática, não é encarado como uma tarefa fácil, algumas se envolvem mais, têm mais facilidade, outras nem tanto. As colocações de alguns entrevistados relatam este aspecto:

- *“Dependendo do assunto que estará sendo tratado, algumas disciplinas têm mais facilidade em se ajustar, outras não.”*
- *“Muito depende da disposição dos professores em abrir mão de seus conteúdos específicos para poder deixar surgir à relação e a discussão sobre outros assuntos, outras questões”.*
- *“Nem todos os professores se envolvem e se comprometem.”*

Mesmo não conseguindo se envolver sempre, todos concordam com a importância desta forma de trabalhar, visto que o pleno conhecimento e compreensão das problemáticas trabalhadas exige uma visão com que cada disciplina tem a contribuir, segundo sua especificidade.

Capra (2006) e Dias (2006) reforçam a importância do trabalho interdisciplinar, acreditando que a partir deste enfoque é possível buscar novos sentidos para o conhecimento, sendo que as disciplinas individualmente não têm condições de proporcionar isso.

Morin (2003) complementa estas ideias dizendo que os conhecimentos fragmentados não conseguem alimentar um pensamento capaz de considerar a situação humana e também enfrentar os grandes desafios de nossa época.

Segundo Ivani Fazenda (1998, p. 43):

(...) dadas as nossas condições e a complexidade da prática, precisamos de múltiplos enfoques mediatizados pelas abordagens das várias ciências particulares; mas não se trata apenas de uma justaposição de múltiplos saberes: é preciso chegar a unidade na qual o todo se reconstitui como uma síntese que, nessa unidade é maior do que a soma das partes...

A interdisciplinaridade ainda está se construindo na Rede Municipal de Ensino de Panambi, visto que existem empecilhos para sua plena realização. Alguns entrevistados relatam este aspecto em suas falas:

-“ A interdisciplinaridade é um constante desafio. Nunca vai estar plenamente superada. Quanto mais a gente conseguir, melhor. A disposição de tempo dos professores é pequena, geralmente trabalham em mais de uma rede, temos dificuldades de espaços, estamos tentando adquirir novas áreas próximas de escolas para realizar um trabalho melhor. A Educação em si é um constante desafio Mas tudo é um processo.”

- “A interdisciplinaridade é um desafio, um processo lento, que implica principalmente em mudanças de paradigmas.”

- “ Também faz falta um pouco de boa vontade e mais comprometimento.”

Realmente tudo é um processo e salientamos pelas entrevistas realizadas que temos que aprender a lidar com este processo, com as conquistas, os desafios, o fazer, o refazer, o refletir. Com a Educação Ambiental não vai ser diferente, ela vai ser um desafio constante na vida do ser humano. O importante é não nos acomodarmos, continuarmos buscando, dialogando com as pessoas, e será deste diálogo, destas discussões que estaremos buscando alternativas e soluções.

No que diz respeito às dificuldades encontradas para que se realize o trabalho interdisciplinar, é importante constar que isto também acaba, de certa forma, prejudicando o currículo que se trabalha, visto que o mesmo, em decorrência da falta de relação, se torna fragmentado, impedindo a visão do todo, o que desfavorece a aprendizagem. De acordo com Morin (1992, p. 69), desta forma:

as crianças aprendem a história, a geografia, a química e a física dentro de categorias isoladas, sem saber, ao mesmo tempo, que a história sempre se situa dentro de espaços geográficos e que cada paisagem geográfica é fruto de uma história terrestre; sem saber que a química e a microfísica têm o mesmo objeto, porém, em escalas diferentes. As crianças aprendem a conhecer os objetos isolando-os, quando seria preciso, também, recolocá-los, sabendo que todo ser vivo só pode ser conhecido na sua relação com o meio que o cerca, onde vai buscar energia e organização.

Assim, a compreensão sobre os problemas ambientais fica comprometida, visto que a relação com o todo é que será capaz de fazer com que os educandos compreendam a natureza como também parte deste sistema.

Fica claro, a partir das entrevistas e da análise dos Planos de Estudos que os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento são utilizados como instrumentos para que os alunos consigam compreender o mundo que os cerca, seus problemas e desafios, estando muito bem preparados para posicionar-se diante deles, como seres autônomos, críticos e participativos. Trata-se de uma leitura de mundo, onde os educadores são apenas mediadores, propondo metodologias que façam com que os alunos sejam capazes de pensar por si próprios.

Diante de tais fatos, é importante tomarmos como exemplo os Planos de Estudos de Língua Portuguesa onde se evidencia que:

o processo educativo não pode ser analisado fora da integração dialógica entre escola e vida”, o que acaba reforçando a idéia de que os currículos não são conteúdos prontos a serem passados aos alunos.” São uma construção e seleção de conhecimentos e práticas produzidas em contextos concretos e em dinâmicas sociais, políticas e culturais, intelectuais e pedagógicas. Conhecimentos e práticas expostos às novas dinâmicas e reinterpretados em cada contexto histórico”. (Planos de Estudos de Língua Portuguesa, 2008, p. 01)

Isso reflete a valorização conferida ao contexto social em que os educandos se encontram inseridos; os conhecimentos passam a ser instrumentos que estarão auxiliando na compreensão e intervenção diante da realidade vivida.

No que diz respeito ao processo de formação dos professores, percebemos que a Rede Municipal investe muito nesta área. Os educadores têm 80 horas de formação anuais oferecidas pelas escolas onde atuam e pela Secretaria de Ensino, além, é claro, daquelas extras que ainda desejarem fazer. Com a bagagem adquirida, conseguem trabalhar de forma muito mais coerente e participativa, o que fica evidente nos Planos de Estudos elaborados e nas entrevistas realizadas, de onde é possível evidenciar o quanto há espaços para discussões e formação continuada.

De fato, a formação continuada para educadores torna-se fundamental para que consigamos fazer um trabalho diferente, visto que nunca estamos totalmente “formados” e nossa aprendizagem necessita estender-se por toda a vida. Sempre estamos aprendendo e nos construindo/reconstruindo. É uma constante, e deve estar nos desafiando a buscarmos novas respostas para entendermos as complexidades do mundo onde vivemos.

É importante salientarmos que durante seus encontros de formação, os educadores também realizam relatos de atividades, onde trocam ideias e o trabalho de um pode estar auxiliando no enriquecimento do trabalho do outro. Este fato é enfatizado nas entrevistas como um ponto positivo para realização de um trabalho cada vez melhor.

Percebemos que as áreas em geral estão procurando trabalhar com a temática da Educação Ambiental, abrindo espaço, ao lado de seus conhecimentos específicos para que se discuta e trabalhe também com os problemas ambientais, Porém, na sua realização, há desafios que acabam frustrando e desanimando. Neste sentido, podemos citar a questão da falta de conscientização por parte dos educandos e da comunidade no que se refere a mudanças de comportamento frente a problemas discutidos, como menciona uma entrevistada:

- “Trabalhamos tanto sobre a questão do lixo e quando saímos para o bairro vimos tanto lixo depositado em locais impróprios.”

Esta fala reflete a questão da dificuldade para se conseguir mudar a mentalidade e estabelecer novas relações com o meio, visto ser esta a principal tarefa da Educação Ambiental.

Realizar uma Educação Ambiental que consiga construir novos comportamentos em relação ao ambiente é realmente um grande desafio, mas não podemos desanimar, afinal, este trabalho diz respeito à vida de todos nós e de nossas gerações futuras, já que o ambiente vem mostrando o seu desgaste a cada dia e medidas urgentes necessitam ser tomadas.

Analisando a questão da importância que os educadores entrevistados dão ao tema, percebemos que o mesmo é extremamente considerado e valorizado. Os professores salientam que é de fundamental importância por estar relacionado à vida de todas as pessoas. As colocações abaixo expressam este ponto de vista:

- “Todos precisamos nos conscientizar a respeito da situação vivida por nosso planeta, já que esta situação breve começará a ameaçar a nossa própria existência e cada um enquanto cidadão precisa fazer a sua parte”.

- *“As questões que nós vivemos hoje em nossa sociedade precisam ser revistas e repensadas para o bem de todos”.*

Novamente podemos constatar que as áreas em geral estão se envolvendo com o tema da Educação Ambiental, seja incluído em seu currículo ou metodologias, seja relacionando com o contexto vivido por seus educandos, ou envolvendo-se em projetos organizados pelo grande grupo da escola. Todos trabalham a partir desta temática, não com a mesma intensidade, mas sempre apresentando contribuições importantes para que a Educação Ambiental possa se efetivar.

Neste ponto é importante salientarmos que a Rede de Ensino Municipal já vem trabalhando com este tema há algum tempo, o que se evidencia na fala das coordenadoras da SMEC:

- *“O trabalho com a Educação Ambiental já vem de longo tempo na Rede Municipal de Ensino. Não é de hoje que surge uma preocupação por parte dos professores com esta questão do ambiente. Há muitos estudos, projetos onde se envolve a questão da Educação Ambiental, tem trabalhos nas comunidades onde as escolas estão inseridas dentro dos aspectos da conservação, dos cuidados e da questão da limpeza, organização do ambiente do espaço onde os alunos convivem.”*

Neste sentido, percebemos que as áreas, das mais diversas formas têm se voltado para um trabalho desta natureza, salientando a questão dos PCN(s), que preconizam que este tema não deve ser trabalhado por áreas específicas, mas envolver todas as disciplinas. Desta forma, fica evidente que os entrevistados, além de considerarem esta temática importante, têm noção de que a mesma é um tema transversal o qual necessita ser trabalhado.

No que se refere à elaboração de seus Planos de Estudos, foi possível verificarmos que este processo envolve todos os educadores. As diferentes áreas do conhecimento têm os seus Planos de Estudos, construídos de forma coletiva e participativa. O mesmo parte dos professores de cada área, dos coordenadores das escolas e da SMEC. Não é um documento fechado, mas aberto a modificações e alterações. É reformulado sempre que necessário.

Contribuindo com esta discussão, mencionamos a importância dos Planos de Estudos estarem sendo constantemente revistos, visto que diante da realidade atual, onde a velocidade dos fatos e acontecimentos é extraordinariamente rápida, torna-se imprescindível que os educadores estejam revendo seu currículo e suas práticas.

Salientam as Coordenadoras da SMEC que no ano de 2010 haverá uma reestruturação das propostas elaboradas devido à questão da inclusão e novas necessidades e interesses. Estas propostas começam a ser construídas nas reuniões por áreas, depois os educadores voltam para as escolas e as disciplinas constroem juntas e volta para a Secretaria para ser sistematizado. Todos se envolvem nesta construção, que representa um processo democrático e participativo. É enfatizada a questão de que o currículo é algo vivo e pode ser alterado e modificado a qualquer momento. Isto se expressa nas colocações de alguns entrevistados:

-“ Modificamos quando surgem novos itens, conceitos e novas realidades que fazem com que o currículo passe a ser repensado e reconstruído

-“ novas necessidades vêm surgindo e sempre necessita estar sendo reestruturado, constantemente repensado, não deve ser fechado, é o nosso norte, bem presente em nosso dia a dia das escolas.”

A partir de tudo que foi levantado e comentado, podemos afirmar que as escolas da Rede Municipal de Ensino de Panambi trabalham com o tema da Educação Ambiental e o fazem muito bem. Levando em consideração que grande parte de nossas escolas ainda apresentam um currículo estruturado de acordo com uma linha tradicional, voltada para conteúdos programáticos organizados previamente, sem fazer relações com o cotidiano em que vivem seus educandos, a Rede Municipal de Ensino de Panambi já ultrapassou esta fase e vem construindo a cada dia um currículo problematizador, onde os conteúdos são resultantes de uma pesquisa no universo onde vivem os educandos, suas vidas, seu mundo.

Isto se evidencia nas falas dos educadores entrevistados e em seus Planos de Estudos:

-“...desta proposta partem os conteúdos, sempre relacionados a temas do cotidiano dos alunos”.

-“As escolas em si estão muito voltadas para trabalharem com a questão ambiental, por que este é um problema que está aí, como trabalhamos sempre de acordo com a realidade dos alunos, os problemas ambientais sempre estão entre os temas trabalhados”.

-“No início do ano realizamos conversas com os alunos e a partir destas conversas, escolhemos o tema que será trabalhado na escola, envolvendo a realidade dos alunos.”

De acordo com Freire (1970), é a própria experiência dos alunos que se torna a fonte principal de busca de temas significativos que estarão construindo o currículo dos programas escolares. Ele ainda salienta que os conteúdos devem ser buscados na realidade e no mundo vivido pelos educandos.

O mesmo autor também reforça que:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (FREIRE, 1996, p.34)

Ainda complementando esta questão, referente à aproximação dos conhecimentos trabalhados com a realidade de vida dos educandos, Cortella (2008, p. 116) nos coloca que:

Não há conhecimento que possa ser apreendido e recriado se não mexer, inicialmente, nas preocupações que as escolas detêm; é um contra-senso supor que se possa ensinar crianças e jovens, principalmente sem partir das preocupações que eles têm, pois, do contrário, só se conseguirá que decorem (constrangidos e sem interesse) os conhecimentos que deveriam ser apropriados (tornados próprios.)

Analisando os aspectos levantados, podemos perceber que a caminhada em direção a efetivação da Educação Ambiental na Rede Municipal de Ensino de Panambi está iniciada e muitos passos já foram dados. Resta-nos então continuar buscando, pesquisando e trabalhando, a fim de que as atitudes e comportamentos pos-

sam também ser transformadas. Qualquer luta envolve desafios, eles estão aí, mas cabe a todos nós, através do diálogo e das constantes trocas, procurar desvendar soluções, e isto, para o bem estar de todos nós, para uma melhor qualidade de vida.

Precisamos estar conscientes de nosso “inacabamento” e como nos diz Paulo Freire (1996) perceber-nos como:

... um aventureiro responsável, predisposto a mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se. Repito, porém, como inevitável, a franquia de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo. Minha franquia ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento.(1996, pág. 55)

Nesse sentido, conscientes de nosso inacabamento, devemos partir para a busca, e sempre acreditando, segundo Freire (1996), que ensinar exige esperança, e que esta esperança baseia-se na ideia de que a mudança é possível. Mesmo em meio a tantas frustrações e desânimos, como educadores, precisamos acreditar em nossa força para que se construa uma realidade diferente e novas relações do homem frente ao meio ambiente, pois a educação é uma forma de intervenção no mundo.

Nesse viés, Guimarães (2003, p. 102) complementa que a Educação Ambiental crítica “é uma Pedagogia da Esperança, capaz de construir utopias, como um inédito viável, por aqueles que têm a firmeza da renúncia e a coragem de inovar.” Características estas que os educadores da Rede Municipal de Ensino de Panambi demonstram ter de sobra, o que nos permite concluir que a Educação Ambiental que já vem sendo realizada pode se ampliar ainda mais, superando seus desafios e se refletindo como prática transformadora das relações que envolvem as pessoas frente ao meio ambiente, construindo mais harmonia e respeito. É preciso emergir uma nova consciência que apenas poderá surgir a partir de um grupo que discuta, construa e reconstrua permanentemente o processo educativo. É preciso muito empenho, comprometimento e responsabilidade, é preciso coragem e criatividade. Segundo BORGES (1995), é preciso estar “aberto” para aprender a cada momento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme a metodologia proposta para este estudo e os resultados obtidos foi possível tecer as seguintes considerações finais:

- As escolas da Rede Municipal de Ensino de Panambi vêm procurando trabalhar com a Educação Ambiental, considerando-a de fundamental importância, por estar relacionada à nossa própria existência. As diversas áreas procuram envolver a temática ambiental em seus planejamentos, enfatizando, que como partem da realidade vivida por seus educandos, sendo a problemática ambiental muito presente, não deixa de ser considerada e trabalhada.

- Tendo a temática um forte enfoque nas diversas áreas do conhecimento das escolas pertencentes à Rede Municipal de Ensino de Panambi, é possível percebermos que os educandos já demonstram compreensão e entendimento das problemáticas enfrentadas pelo ambiente, mas ainda precisam melhorar no que diz respeito a suas atitudes e comportamentos.

Segundo os docentes entrevistados, muitas conquistas já foram alcançadas, os alunos começam a demonstrar compreensão dos conhecimentos referentes às questões ambientais. Porém, no que se refere às ações, aos seus comportamentos, ainda há muito que se fazer.

- No que diz respeito às concepções de educação, ao currículo e as práticas pedagógicas para as diferentes áreas do conhecimento, que nortearam as orientações da Secretaria Municipal de Ensino de Panambi, no período de 2005 a 2009, percebemos que as mesmas apresentam muito do que podemos considerar fundamental para que a Educação Ambiental possa realmente se efetivar.

Também é importante ressaltarmos que os conhecimentos trabalhados pelas diferentes disciplinas procuram estar relacionados ao contexto de vida de seus educandos, o que possibilita uma compreensão muito mais significativa da realidade vivida e dos conteúdos desenvolvidos, propiciando que a Educação Ambiental possa se fazer presente.

- Verificamos que a forma como cada área do conhecimento da Rede organiza seu currículo e suas práticas muito tem a contribuir para a formação de pessoas críticas e autônomas, capazes de respeitar o outro, o diferente, o meio que as cerca, porém, no dia-a-dia, é importante enfatizarmos que os educandos e a comunidade não mudam suas relações frente ao meio, o que nos remete ao fato de que a inser-

ção da Educação Ambiental nas concepções pedagógicas, nas práticas e no currículo das disciplinas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino de Panambi exige novos paradigmas, novas concepções, muito diálogo, envolvimento e solidariedade, além de reflexões acerca de que práticas poderiam estar construindo a verdadeira transformação.

- Também é possível reconhecermos o quanto o processo de formação continuada desenvolvido pela rede tem possibilitado novas práticas e um comprometimento mútuo e responsável quanto ao que se propõe e se busca como Rede Municipal de Ensino.

Os educadores demonstram um grande envolvimento e gosto pelo que fazem, pelas atividades que suas escolas desenvolvem, ficando evidente que procuram se integrar às propostas e objetivos construídos como rede de ensino, o que facilita um trabalho conjunto em torno de temas específicos, como é o caso dos temas relacionados ao meio ambiente.

A metodologia de projetos trabalhada pelas escolas da rede municipal facilita o trabalho a partir de temáticas como as que envolvem o meio ambiente, proporcionando ainda que este trabalho se realize de forma interdisciplinar.

- Analisando a questão da interdisciplinaridade, constatamos que, apesar de todas as conquistas obtidas no trabalho envolvendo a temática ambiental, esta ainda torna-se um grande desafio. Este trabalho exige muito tempo e envolvimento, coisa que os educadores não conseguem fazer plenamente, com todas as outras obrigações que possuem.

- Além da questão da interdisciplinaridade, outro desafio observado refere-se ao desânimo que abate os educadores ao trabalharem intensamente determinado problema, e ao concluírem o estudo perceberem que os alunos e a comunidade não mudaram suas atitudes.

Estas respostas estão se construindo a cada dia, nos erros e acertos, nas discussões, nas atividades que são realizadas.

Assim, mesmo diante dos obstáculos enfrentados, a Rede Municipal de Ensino de Panambi realiza junto com seus educadores um trabalho exemplar. Nessa caminhada, cabe analisar e valorizar as conquistas, e verificamos que elas já foram muitas, o grupo é muito unido, os projetos são construídos coletivamente e se refletem no dia-a-dia, e nas práticas dos educadores como um todo, há diálogo e participação. Muitos passos já foram dados em direção à efetiva implantação da Educação

Ambiental, basta não desanimarmos, continuarmos lutando e acreditando, pensando sempre que este tema envolve as nossas vidas e que todos precisamos nos empenhar.

“Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto
É realidade”
Raul Seixas

Arregaçarmos as mangas, estudarmos muito, procurarmos nos envolver na realidade vivida por nossos educandos a fim de que possam melhor analisá-la e interpretá-la é tarefa de todos os educadores que se preocupam com a existência de um mundo mais saudável para nossa geração e para as que ainda virão. Este é mesmo um sonho, que deve ser sonhado por todos. Cada um dando a sua contribuição, por menor que seja, estará colaborando para mudar o mundo. E está mais do que comprovado que a escola desempenha um papel fundamental nesta mudança.

Capra (2006) defende a ideia de que somente através de uma mudança radical de paradigma, no âmbito da ciência e também na arena social, será possível resolver a crise em que nos encontramos.

O desafio é grande, mas a Educação Ambiental está aí, a fim de colaborar para a mudança, uma mudança que primeiro precisa começar a acontecer no interior de cada um de nós.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, D. F. Implementação da Educação Ambiental em escolas: uma reflexão. In: Fundação Universidade Federal do Rio Grande. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 4.out/nov/dez 2000.

BARASUOL, C.C. **Educação Ambiental e formação docente**: um estudo das significações imaginárias dos professores municipais do Ensino Fundamental de Itaara-RS. Monografia de especialização, CPGEAmb, UFSM, Santa Maria, 2002.

BARCELOS, V. H. L. Educação Ambiental e Literatura: a contribuição das idéias de Octavio Paz. In: BARCELOS, V. H. L. ; NOAL, F. O. (org). **Educação Ambiental e Cidadania**: Cenários brasileiros. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.

_____. Educação Ambiental, infância e imaginação- uma contribuição ecologista à formação de professores(as). **Revista Quaestio-Uniso**, V 6. nº 1. p. 33-45. Sorocaba, 2004.

BETTI, M ; ZULIANI, L. R. **Educação Física escolar**: uma proposta de diretrizes pedagógicas. Disponível em: http://mackenzie.br/editoramackenzie/revistas/edfisica/edfis1n1/art6_edfis1n1.pdf.. Acesso em 19/09/09.

BOFF, L. **Saber cuidar - Ética do Humano - Compaixão pela Terra**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BORGES, P. F. **O professor da década de 90**. Artigo apresentado no simpósio de qualidade total na Universidade Mackenzie, 1995.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental, **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília, DF, MEC, 1997.

_____. **Lei 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências**. In: Diário Oficial da União, 2002.

CAPRA, F. **A Teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo, Cultrix, 1997.

_____. **Alfabetização ecológica:** a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006. (Tradução de Carmen Fischer).

CARVALHO, R. E. Família, Escola e Comunidade: alicerces da Educação Especial. **Revista Mensagem da APAE.** n° 60 . Abril a Junho. Brasília-DF. 1993.

CONTRERAS, D; Enseñanza, J. **Curriculum y profesorado.** Madrid: Ediciones Akal, 1990.

CORTELLA, M. S. **A Escola e o Conhecimento:** fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo: Cortez, 2008.

DELORS, J. **Educação:** um tesouro a descobrir. 10 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2006.

DEMO, P. **Solidariedade como efeito de poder.** São Paulo: Cortez, 2002.

DIAS, G. F. **Elementos para Capacitação em Educação Ambiental.** Ilhéus: Editus, 1999.

_____. **Atividades interdisciplinares de educação ambiental:** práticas inovadoras de educação ambiental. 2 ed. São Paulo: Gaia, 2006.

_____. **Eco percepção:** um resumo didático dos desafios socioambientais. São Paulo: Gaia, 2004.

DIAS, C. Grupo focal: técnica em coleta de dados em pesquisa qualitativa. **Informação & Sociedade:** estudos. João Pessoa, v 10, n° 2, p. 141-158, 2000.

DILL, M. A. **Educação Ambiental Crítica – A Formação da Consciência ecológica.** Ijuí: Nuria Fabris, 2000.

FAZENDA, I. **Didática e Interdisciplinaridade.** Campinas, SP: Papirus, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Professora sim, tia não –** Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'água, 1993.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio: Paz e Terra, 1970.

GADOTTI, M. “ Pressupostos do Projeto Pedagógico”. In: MEC, Anais da Conferência Nacional de Educação para todos. Brasília 28/08 a 02/09 de 1994.

GRÜN, M. **Ética e Educação Ambiental** – A conexão necessária. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

GUIMARÃES, M. **Sustentabilidade e educação ambiental**. In: Cunha, S. B. & GUERRA, A. J. T. (Orgs). **A questão ambiental**. Diferentes abordagens. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

HERCULANO, S. C. **A consciência da solidariedade**. In: SENAC. Textos complementares do Bloco Temático IV. E – boock do Curso de Educação Ambiental, Brasília, Distrito Federal, 2006.

JACOBI, P. Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, nº 18, p. 189-205, março/2003.

KAPLAN, B; DUCHON, D. Combining qualitative and quantitative methods in information systems research: a case study. **Miss Quarterly**, v 12, n 4, p 571-586, DEC 1988.

LANGE, C. M. **A Construção de Conhecimentos em espaços de Economia Popular Solidária: o Sentido Pedagógico do Projeto Esperança/Coesperança**. Dissertação de Mestrado. Ijuí: UNIJUÍ, 2006.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. (Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth).

MATURANA, H. **A ontologia da realidade**. Belo horizonte: UFMG, 1997.

_____; REZEPA, H. S. **Formação Humana e Capacitação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. **Formação Humana e Capacitação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MATURANA, H. R; VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento**. As bases Biológicas do conhecimento humano. São Paulo: Palas Athena, 2001.

_____; VERDEN -ZOLLER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado a democracia**. São Paulo, SP: Palas de Athenas, 2004.

MINISTÉRIO DO INTERIOR. Secretaria Especial de Meio Ambiente-SEMA, Coordenadoria de Comunicação Social e Educação Ambiental. **Diretrizes para a Educação Ambiental**, Brasília 1983.

_____. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. **Agenda 21**. 2009. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/sitio/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=18&idConteudo=575>>. Acesso em: 14 de outubro de 2009.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10 ed, Rio de Janeiro: Abrasco/ São Paulo: Hucitec, 2007.

MORIN, Edgar (trad. Juremir Machado da Silva). **O método**: O conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 2002. Vol. 3, 2.

_____. **O método I**: a natureza da natureza. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. Kern, A. B. **Terra – Pátria**. Porto Alegre: Ed Sulina, 2002.

OLIVEIRA, A.U. de (org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?** São Paulo: Contexto, 1989.

OLIVEIRA, A.S.D. de. **Resíduos culturais**. Rio Grande: Edição Independente, 1999.

_____. **Educação Ambiental uma possível abordagem**. Brasília: Ed. IBAMA, 2000.

_____. I. B. de; PAIVA, J. **Educação de Jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

PÁDUA, S. M. **Cadernos de educação ambiental**: conceitos para se fazer educação ambiental. São Paulo: SMA, 1997.

_____. S; TABANEZ, M. (orgs). **Educação Ambiental**: caminhos trilhados no Brasil. São Paulo: Ipê, 1998.

PEDRINI, A. G. (org). **Educação Ambiental**: reflexões e práticas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, 1997.

PIERRE, L. A. A. **Projeto Educativo para uma Educação Libertadora**. São Paulo: Loyola, 1987.

PIRES, V. **Construindo Consciências**: Geografia. 7ª série, São Paulo: Scipione, 2006

QUEIROZ, M. I. P. de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo : Ed. T. A. Queiroz, 1991. (biblioteca básica de ciências sociais. Série 2, Textos ; v. 7). 171 p.

REIGOTA, M. Desafios à educação ambiental escolar. In: JACOBI, P. (orgs). **Educação, meio ambiente e cidadania: reflexos e experiências**. São Paulo: SMA, 1998, p 43-50.

RESENDE, L. M. G. de; VEIGA, I. P. A. (orgs). **Escola: espaço do projeto político-pedagógico**. Campinas: Papirus, 1998.

RUSCHEINSKY, Aloísio (org). **Educação Ambiental – Abordagens Múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOS, B. de S. **Pela mão de Alice**. São Paulo: Cortez, 1995.

SATO, M. ; Carvalho, I. e colaboradores. **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SEABRA, M. F. **Geografia(s)?** Orientação. São Paulo: n 5, p. 9 -17, 1984

SOUZA, A. K. **A relação escola-comunidade e a conservação ambiental**. Monografia. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2000.

SORRENTINO, M. De Tbilisi a Tessaloniki, a educação ambiental no Brasil. In: JACOBI, P. et al. (org). **Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências**. São Paulo: SMA. 1998, p 27-32.

SUCENA, M.G.T. **Formação de professores e educação ambiental: um estudo no ensino das séries iniciais**. Dissertação de Mestrado em Educação Ambiental, Fundação Universitária do Rio Grande–RS, 1998.

UNESCO-UNEP. **Intergovernmental Conference on Environmental Education**. Tbilisi, URSS. Final Report. Tbilisi, CEI, 1977.

_____.1987. **Congresso Internacional Unesco/Pnuma sobre Educação e formação Ambiental**, Moscou, 1987. In: **Educação e Interpretação Ambiental**. Disponível em: < [http:// www. Mma. Gov.br/port/sbf/dap/educamb.html](http://www.Mma.Gov.br/port/sbf/dap/educamb.html)> Acesso em: 13 de agosto de 2007.

UNESCO/PNUMA. **La educacion ambiental: lãs grandes orientaciones de la Conferência de Tbilisi**. Paris: UNESCO, 1980.

VASCONCELLOS, H. S. R. A pesquisa-ação em projetos de Educação Ambiental. In: PEDRINI, A. G. (org). **Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas**. Petrópolis, Vozes, 1997.

WILDEMUTH, B. M. **Post-Positivist research: two examples methodological pluralism.** *Library Quarterly*, n 63, 1993 p 450 – 468

DOCUMENTOS CONSULTADOS:

PLANOS DE ESTUDOS DA ÁREA DE MATEMÁTICA. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Panambi, 2008.

PLANOS DE ESTUDOS DA ÁREA DE PORTUGUÊS. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Panambi, 2008.

PLANOS DE ESTUDOS DA ÁREA DE CIÊNCIAS. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Panambi, 2008.

PLANOS DE ESTUDOS DA ÁREA DE HISTÓRIA. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Panambi, 2008.

PLANOS DE ESTUDOS DA ÁREA DE GEOGRAFIA. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Panambi, 2008.

PLANOS DE ESTUDOS DA ÁREA DE FILOSOFIA. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Panambi, 2008.

PLANOS DE ESTUDOS DA ÁREA DE ARTE. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Panambi, 2008.

PLANOS DE ESTUDOS DA ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Panambi, 2008.

PLANOS DE ESTUDOS DA ÁREA DE ENSINO RELIGIOSO. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Panambi, 2008.

PLANOS DE ESTUDOS DA ÁREA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA - INGLÊS. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Panambi, 2008.

ANEXOS

ANEXO A

Entrevista realizada com responsáveis pelo setor pedagógico da SMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura)

- 5 Como você percebe que vem sendo realizado o trabalho com a Educação Ambiental na rede municipal de ensino?
- 6 Você acha que este trabalho é importante? Por quê?
- 7 Todas as áreas do conhecimento estão abordando este tema? Por quê? De que forma?
- 8 Com que frequência são realizadas reuniões de formação para os educadores das diferentes áreas, considerando o ensino do 6° ao 9° ano do Ensino Fundamental?
- 9 Quem participa destas formações?
- 10 Que temas ou assuntos são abordados?
- 11 O processo de construção dos conhecimentos que serão trabalhados pelos educadores das diferentes áreas acontece com que frequência? De onde partem estes conteúdos? Todas as áreas se reúnem ou constroem separadamente?
- 12 Todos participam destas escolhas e decisões?
- 13 E quanto à metodologia de trabalho, ela também é construída coletivamente? Quem participa desta decisão? Que tipo de metodologias são propostas?
- 14 Que resultados percebe-se através do trabalho que as escolas vêm realizando a partir da Educação Ambiental? Existem muitos projetos? Quem se envolve neste trabalho?
- 15 Há desafios a serem superados? Quais?
- 16 Como você percebe a questão da interdisciplinaridade?

ANEXO B

Entrevista realizada com Educadores da Rede Municipal de Ensino (um educador de cada área do conhecimento, de diferentes escolas):

- 4 Como você percebe que vem sendo realizado o trabalho com a Educação Ambiental na rede municipal de ensino? E na tua área do conhecimento?
- 5 Você acha que este trabalho é importante? Por quê?
- 6 Todas as áreas do conhecimento estão abordando este tema? Por quê? De que forma? E a tua área?
- 7 Com que frequência são realizadas reuniões de formação para os educadores das diferentes áreas, considerando o ensino do 6° ao 9° ano do Ensino Fundamental?
- 8 Quem participa destas formações?
- 9 Que temas ou assuntos são abordados?
- 10 O processo de construção dos conhecimentos que serão trabalhados pelos educadores das diferentes áreas acontece com que frequência? De onde partem estes conteúdos? Todas as áreas se reúnem ou constroem separadamente?
- 11 Todos participam destas escolhas e decisões?
- 12 E quanto à metodologia de trabalho, ela também é construída coletivamente? Quem participa desta decisão? Que tipo de metodologias são propostas? E para a tua área?
- 13 Que resultados percebe-se através do trabalho que as escolas vêm realizando a partir da Educação Ambiental? Existem muitos projetos? Quem se envolve neste trabalho?
- 14 Há desafios a serem superados? Quais?
- 15 Como você percebe a questão da interdisciplinaridade? Você consegue se envolver?

ANEXO C Autorização

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, de nacionalidade _____, residente e domiciliado(a) na _____, no município de Panambi, Rio Grande do Sul, autorizo à Vera Conceição Malheiros de Oliveira, brasileira, residente na Rua Jaguari, 105, Bairro Pavão, município de Panambi, Rio Grande do Sul, a utilizar, de maneira fiel e sem distorções, as declarações por mim prestadas oralmente e gravadas em fita k7, como fonte oral para a elaboração de sua monografia do Curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental, na Universidade Federal de Santa Maria.

Panambi, ____ de _____ de 2009.

ANEXO D

Fotos

Fotos envolvendo o trabalho de alguns docentes entrevistados



Figura D1. Alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Costa e Silva durante aula de Ciências, onde fizeram maquetes Foto: Ângela Feldmann.



Figura D2. Alunos da Escola Municipal Costa e Silva realizando plantio de mudas de árvores. Foto: Ângela Feldmann



Figura D3. Alunos da Escola Municipal Costa e Silva durante passeio nas redondezas da Escola. Foto: Ângela Feldmann



Figura D4.. Alunos participantes do Projeto CRIAR- Escola Municipal 21 de Abril. Foto: Haidi Loose



Figura D5. Horta da Escola Municipal 21 de Abril. Foto: Vera Conceição Malheiros de Oliveira.

ANEXO E

Alguns Projetos desenvolvidos pelas escolas onde atuam os educadores entrevistados.

E 1 : Projeto Escola Municipal de Ensino Fundamental 21 de Abril :

“Projeto CRIAR: Criança e Adolescente Responsável pelo Meio Ambiente Sustentável”

“Se tens projetos para um ano, semeie o grão. Se são para dez anos, plante uma árvore. Se são para cem anos, instrua o povo. Semeando uma vez o grão, colherá dez vezes. Instruindo um povo, colherá cem vezes.”

METAS E AÇÕES 2009

METAS:

- Despertar o aluno para a qualidade de vida do meio rural;
- Manutenção e ampliação do pomar;
- Manutenção e reposição de mudas na mata ciliar;
- Revitalização e ampliação da trilha ecológica;
- Produção de alimentos na horta;
- Participação na feira ecológica estudantil;
- Despertar o aluno para o uso de plantas medicinais como tratamento alternativo;
- Preservação de nascentes;
- Desenvolver diferentes oficinas:
 - * arte cênica;
 - * informática - produção de vídeos
materiais de divulgação
 - * reciclagem;

* culinária;

* música.

AÇÕES:

- Visitar propriedades rurais que desenvolvam atividades alternativas que geram trabalho e - renda para o núcleo familiar - valorizando iniciativas locais;
- Introduzir novas culturas no pomar, visando a produção em períodos diferentes como alternativa de renda nas propriedades;
- Introduzir técnicas de produção no cultivo de hortaliças, objetivando melhorar e ampliar a produção;
- Exposição e comercialização de produtos da horta na feira ecológica estudantil;
- Recuperação e ampliação do relógio do corpo humano;
- Resgatar a cultura do uso da medicina alternativa;
- Construção de Foto drenada.

RELATÓRIO DE ALGUMAS AÇÕES DESENVOLVIDAS:



Figura E.1 . Manutenção e reposição das mudas nativas na mata ciliar. Foto: Haidi Loose.



Figura E.2. Produção de hortaliças. Foto: Haidi Loose



Figura E.3 .. Produção de hortaliças. Foto: Haidi Loose

A produção de hortaliças está em pleno desenvolvimento, grande parte é usada para consumo na merenda escolar e no almoço dos alunos do projeto, e o excedente é comercializado. Estes, por serem produzidos sem uso de agrotóxicos tem grande aceitação.



Figura E.3 Artesanato – Oficina com palha de milho. Foto: Haidi Loose.



Figura E.4 .. Artesanato – Oficina com palha de milho. Foto: Haidi Loose

E.2 Projeto Escola Municipal Costa e Silva :

“ Lixo no Lixo, Costa no Capricho”

Público Alvo: Professores, funcionários e alunos da Educação Infantil a 8ª série.

Componentes Curriculares: Ciências, Português, Artes, Matemática, História, Geografia, Educação Física e Ensino Religioso.

Duração do Projeto: Ano Letivo de 2007.

Objetivo Geral

Facilitar a interação pedagógica necessária à construção do conhecimento de forma interdisciplinar significativa e contextualizada.

Conscientizar as pessoas quanto aos cuidados, controle e gerenciamento do lixo, possibilitando oportunidades para que interajam como cidadãos conscientes, valorizando a sustentabilidade do meio em que vive e do planeta.

Justificativa

Vivemos em uma sociedade de consumo onde cada vez é maior a produção de materiais que são descartáveis diariamente, trazendo uma série de problemas que interferem constantemente na qualidade de nossas vidas.

Partindo dessas observações e problematizações nos propomos desenvolver o projeto “ Lixo no lixo, Costa no Capricho”, pois o mesmo partiu de uma necessidade e preocupação quanto a questão ambiental e o gerenciamento incorreto do lixo em nosso recinto escolar.

Embasados nesta realidade, construímos o presente projeto de conscientização quanto a problemática do lixo, onde serão desenvolvidas e supervisionadas diversas ações concretas com a comunidade escolar.

Atividades:

- 1) Observação e problematização;
- 2) Escolha do nome do projeto;
- 3) Apresentação e discussão do tema lixo;

- 4) Leitura e reflexão do texto: “Lixo: Problema e solução uma questão social” e conscientização da comunidade escolar;
- 5) Palestra com visita a área de colocação do lixo do município;
- 6) Escolha dos representantes do projeto (fiscais) com inclusão do Grêmio Estudantil;
- 7) Construção de uma composteira, para obtenção do húmus para as hortas e jardins da Escola;
- 8) Palestra com um Geólogo;
- 9) Instalação de um posto de recolhimento de lixos tóxicos na escola, para possíveis encaminhamentos a lugares próprios;
- 10) Vídeo referente ao assunto;
- 11) Construção de um minhocário;
- 12) Construção de horta mandala e espiral de ervas medicinais;
- 13) Gincana interdisciplinar;
- 14) Construção de uma estufa com litros (garrafas pet);
- 15) Mostra de artes com sucatas, com desfile de figurino com reciclagem de materiais descartáveis;
- 16) Visitas com entrevista a oficinas de papel reciclável;
- 17) Instalação de uma usina de papel reciclável na escola;
- 18) Distribuição de Certificados de participação às pessoas envolvidas no projeto.

Socialização:

A socialização das atividades do projeto serão trimestrais, acompanhado o plano de trabalho dos professores. No final de segundo trimestre será realizado a gincana interdisciplinar e no terceiro trimestre a mostra de arte de sucatas e o desfile com o figurino de sucatas. A culminância será no final do ano letivo com avaliação e socialização dos resultados, distribuição de cartões de Natal com papel reciclável e premiação aos participantes com certificados.

Avaliação:

A avaliação será formativa e dialogada, sempre observando e analisando o comprometimento dos participantes, atitudes e os resultados apresentados.